

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA**  
**RELIGIÃO**

**PROVÉRBIOS SOBRE JOVENS DA BÍBLIA E DE HOJE**

**HÉBERT VIEIRA BARROS**

**GOIÂNIA**

**2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA**  
**RELIGIÃO**

## **PROVÉRBIOS SOBRE JOVENS DA BÍBLIA E DE HOJE**

**Dissertação apresentada ao curso de Mestrado  
em Ciências da Religião como requisito para  
obtenção do grau de mestre.**

**HÉBERT VIEIRA BARROS**  
**ORIENTADOR**  
**Prof. Dr. Valmor da Silva**

**GOIÂNIA**  
**2009**

B277p

Barros, Hébert Vieira.

Provérbios sobre jovens da Bíblia e de hoje / Hébert  
Vieira Barros. – 2009.

100 f.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás, Departamento de filosofia e Teologia, 2009.

“Orientador: Prof. Dr. Valmor da Silva”.

1. Jovem – Bíblia Sagrada. 2. Provérbios – jovem – texto  
bíblico - análise contextual. 3. Jovem – ancião – relações  
sociais – Bíblia Sagrada. I. Título.

22.06:316.346.32-053.6(043.3)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA  
EM 29 DE JUNHO DE 2009  
E APROVADA COM A NOTA 9,3 (NOVE INTEIROS E TRÊS DÉCIMOS)  
PELA BANCA EXAMINADORA

1) Dr. Valmor da Silva / UCG (Presidente) Valmor da Silva

2) Dr. Joel Antônio Ferreira / UCG (Membro) Ferreira

3) Dr. Hilário Henrique Dick / UNISINOS (Membro) Dick

## **ESPERANÇA JOVEM**

**Letra e Música: Zé Vicente**

A juventude unida, clamando noite dia,  
com gritos de esperança e de paz, de paz.  
Estamos pelas praças e somos milhões,  
nos campos e favelas somos multidões.  
Perdidos procuramos o caminho,  
ninguém vai ser feliz se andar sozinho.  
A fome entre os dentes e a morte no chão.  
Fizeram do poder a maldição.  
Nas mãos dos opressores nós morremos.  
Ser livres, nós queremos e seremos.  
A flor da liberdade em nosso olhar,  
paixão, ternura e sonho em nosso ar.  
De olho no futuro nós estamos,  
é a vida que amamos e buscamos.  
É esta a nossa hora e o tempo é pra nós.  
Que chegue em todo o canto a nossa voz.  
Miremos bem no espelho da memória.  
Faremos jovem e linda a nossa história!  
Laia...

## **DEDICATÓRIA**

Dedico em especial às mulheres de minha casa: Linda Aparecida com sua força e companheirismo, e Isadora, nossa filha, pela sua alegria e energia contagiante.

Para todas (os) que ajudaram na conclusão deste trabalho.

À Casa da Juventude Pe. Burnier (CAJU).

Ao Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos de Goiás (CEBI-GO).

E a todos (as) que, se dedicam em fazer da Bíblia um instrumento de libertação.

## **AGRADECIMENTOS**

À Linda Aparecida, minha companheira de todas as horas.

À nossa filha Isadora Moreira que, mesmo de forma inconsciente, alegrava minhas longas horas de pesquisa, chamando-me incansavelmente papai, papai, papai.

Ao professor Valmor da Silva, com sua ternura que sempre esteve a orientar-me.

Ao professor Geraldo Faria que, com sua paciência e curiosidade nos assuntos teológicos, revisava todos os meus textos sempre com muita partilha de vida.

A Mercedes de Budallés Diez, pois se não fosse sua ajuda e teimosia, eu não teria feito este curso de mestrado.

Ao CEBI-GO - Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos de Goiás, em especial à coordenação: Ariovaldo, Ana Luisa, Pe. Célio Amaro, Deusdete, Maria Giacomel e Maria Seleida.

À CAJU - Casa da Juventude Pe. Burnier, pela sua ajuda e também por acreditar no protagonismo juvenil.

Ao IFITEG - Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, que agora me convidou para fazer parte desta grande e respeitosa casa.

À ADVENIAT, na pessoa de Norbert Abaut, pela bolsa concedida, a qual me possibilitou fazer este trabalho.

Aos professores (as), direção e funcionários (as) do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UCG, pelo carinho e atenção concedidos neste tempo de estudo.

Mais vale as lágrimas de não ter vencido,  
do que o sorriso de não ter lutado.  
Ruy Barbosa



## RESUMO

BARROS, Hébert Vieira. *Provérbios sobre jovens da bíblia e de hoje*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2009.

Esta dissertação tem como objetivo fazer uma discussão sobre o (a) jovem na bíblia hebraica e seus provérbios e, a partir desta reflexão, fazer uma crítica dos provérbios e ditos populares sobre o (a) jovem na bíblia e hoje. Começa por uma abordagem das palavras que davam significado para pessoas hoje chamadas de jovens, na cultura bíblica hebraica. Contextualiza as palavras, percebendo que os (as) jovens, com o desenvolvimento da história, foram sendo excluídos da sociedade. Refaz o caminho da constituição do sistema monárquico em Israel, em vista de perceber as estruturas de dominação que se formaram com o advento da monarquia da parte dos anciãos. Aborda também o movimento sapiencial na perspectiva de constatar que este movimento literário foi cooptado pelos anciãos para justificar seus interesses próprios de dominação social. Discute, também, a questão do conflito de gerações existente na cultura hebraica e hoje. E, por último, faz uma abordagem dos provérbios sobre os (as) jovens hoje, percebendo as estruturas de dominação implícitas nos mesmos. Faz uma crítica dos provérbios, questionando como acontecem as relações em vista da libertação dos (as) jovens.

**Palavras-Chave:** Jovens, Anciãos, Provérbios, Conflito, Relações Sociais

## ABSTRACT

Barros, Hébert Vieira. *Proverbs about young of the bible and to nowadays*. Master dissertation in Science of Religion. Pontifical Catholic University of Goiás, 2009.

This work has the objective to provoke a discussion about the young in the hebrean bible and its proverbs, and from this reflection, the work criticizes its proverbs and popular saying that we have about young in today's bible. It approaches the words that were used to give meaning for the people that nowadays we call young on the cultural hebrean bible. It contextualizes the words showing that the young, with the development of the history were excluded from society. It redoes the way of the constitution of the monarch system in Israel. Trying to show the dominant structures that were formed by the ancients with the creation of this system. It talks about the involvement in the perspective that this literature movement was incorporated by the ancients to justify their own interests of social domination. It talks about the generation conflicts that were in the hebrean culture and also today. And to finish it approaches the proverbs about young nowadays, trying to see the dominant structures implicit in it. It criticizes the proverbs, questioning how relations happen forwards the freedom of the young.

Keywords: Young, Ancients, Proverbs, Conflicts, Social relations

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	08
<b>ABSTRACT</b> .....	09
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. O JOVEM NA BÍBLIA HEBRAICA</b> .....	15
1.1 O significado de jovem na Bíblia Hebraica.....	15
1.2 Análise das palavras hebraicas que davam significado aos jovens.....	16
1.2.1 <i>Bāhar</i> : escolher, eleger, decidir por.....	17
1.2.2 <i>Yālad</i> : dar à luz, gerar, produzir, procriar, estar em trabalho de parto.....	20
1.2.3 <i>Na'ar</i> : menino, garoto, jovem, criado, servo.....	27
1.2.4 <i>Tsā 'ar</i> : ser insignificante, tornar-se insignificante.....	29
1.2.5 <i>Qātōn</i> : ser pequeno, ser insignificante.....	32
1.3 Síntese e perspectiva.....	35
<b>2. AS RELAÇÕES ENTRE OS (AS) JOVENS E OS ANCIÃOS</b> .....	37
2.1 A sabedoria hebraica e os (as) jovens.....	38
2.2 O tempo da Monarquia, valorização e esquecimento de certos jovens.....	42
2.3 A teologia do livro dos Provérbios e a questão dos jovens.....	44
2.4 A organização do livro de Provérbios e sua relação com os (as) jovens.....	48
2.5 As relações familiares na cultura hebraica.....	49
2.6 As relações familiares no decorrer da história.....	54
2.6.1 Mudanças de relações familiares no livro de Provérbios .....	56
2.7 A constituição da Monarquia como causadora de conflitos para a sabedoria e para os (as) jovens.....	59
2.8 A reforma de Josias: tempo de exclusão e ocultamento dos (as) jovens.....	65
2.9 Síntese e perspectiva.....	67

<b>3. CONTEXTO DOS PROVÉRBIOS SOBRE OS (AS) JOVENS HOJE.....</b>	<b>69</b>
3.1 Teoria antropológica e Religião e os (as) jovens, uma possibilidade de análise.....	72
3.1.1 As contribuições de Geertz .....	73
3.1.2 As contribuições de Clarice Cohn.....	75
3.2 Os jovens hoje a partir dos provérbios populares.....	77
3.3 Conflito de gerações jovem e ancião.....	80
3.4 Pistas para uma nova leitura sobre os (as) jovens de ontem e hoje.....	85
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>92</b>

## INTRODUÇÃO

No decorrer de minha caminhada de vida, tive um amplo engajamento junto à Pastoral da Juventude, onde outras pessoas conscientes de ser “sujeitos” me fizeram descobrir como eu poderia ser também sujeito transformador da minha realidade. Com o passar de tempo percebi que era hora de “lançar as redes em águas mais profundas”.

Depois da Pastoral da Juventude, desembarquei no Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos de Goiás (CEBI-GO), onde vivenciei um tempo de muito amadurecimento. Na Escola Bíblica para Jovens, descobri como a Bíblia, ou seja, a Literatura Sagrada Judaico-Cristã podia ser um importante instrumento de libertação.

No andar deste meu caminho, fui percebendo como as mulheres, os homens, as moças, os rapazes, as crianças, as pessoas em geral, e os movimentos em prol da vida humana podem, a partir da literatura bíblica, encontrar um horizonte para seus anseios de liberdade. Porém, nas leituras realizadas na Bíblia, percebi, entre outras lacunas, a ausência dos jovens.

Através desta intuição, já na graduação em Bacharel em Teologia, na Universidade Católica de Goiás, decidi aceitar o convite para fazer um trabalho de pesquisador voluntário em iniciação científica. O tema de estudo proposto era: Os provérbios na Bíblia Hebraica. Partilhei com o meu orientador o desejo de fazer uma pesquisa sobre os jovens na Bíblia e, neste momento, decidimos juntos, o tema de minha Monografia de final de curso: Os jovens na perspectiva dos provérbios na Bíblia, ontem e hoje. O trabalho foi apresentado em banca, obtivemos nota máxima, com indicação para Mestrado por um dos debatedores.

A pouca bibliografia sobre Bíblia e os (as) jovens, fora, talvez, o maior dos desafios. Junto com meu orientador observamos que poucos pesquisadores desenvolveram este tipo de abordagem até o presente momento no Brasil. Porém, isto não seria empecilho para prosseguir a pesquisa. Pelo contrário, pensamos que a ausência de produções sobre Bíblia e os (as) jovens seria uma questão sintomática e desafiadora, pois ambos os tópicos mereciam ser confrontados.

Deste modo, optamos pela tarefa de enfrentar este silêncio na produção teológica e exegética sobre a Bíblia e os (as) jovens. Sabendo que não é um serviço simples, pois os (as) jovens, tanto no tempo bíblico como nos tempos atuais, sempre

foram vistos de forma preconceituosa. Contudo, parecia-nos uma provocação que devíamos afrontar.

Na literatura da Bíblia Hebraica, o (a) jovem é apresentado de forma muito variada. Porém, as expressões que são usadas, para especificar o jovem, em sua maior parte, nos deixam entrever quais eram as estruturas que estavam por detrás destes significados que viam os jovens com prevenção. “Afasta, pois, a ira do teu coração, e remove da tua carne o mal, porque a adolescência e a juventude são vaidade” (Ecl 11,10).

O presente trabalho, no concreto, pretende refletir sobre o significado de ser jovem e suas derivações no texto bíblico. Estudar os provérbios ligados ao nosso tema será importante, pois queremos, a partir da análise textual, verificar como eram tratados os jovens nos textos da Bíblia Hebraica para depois fazermos uma abordagem sobre o (a) jovem, antigamente, no que diz respeito a sua atuação social.

Analisaremos, igualmente, alguns provérbios sobre o jovem de nossa atualidade para percebermos como são vistos socialmente. Trabalharemos com a idéia de que os provérbios sintetizam os conceitos de nosso imaginário coletivo. Sendo assim, queremos refletir e analisar os ditos sobre o jovem, ontem e hoje, como algo urgente a ser feito para o proveito dos jovens, rapazes e moças, para o bem da sociedade atual.

Somos cientes e consideramos a tese de que, na cultura antiga, não existia o conceito de jovem que temos hoje. Contudo, isto não anula a possibilidade de fazermos a discussão proposta devido ao conflito entre anciãos e jovens, evidente na cultura bíblica. Assim, trataremos de fazer uma abordagem do conflito que está presente na Bíblia, mas só aparece nas entrelinhas. Nós queremos estudar o não dito, o não escrito, mas que está por trás das palavras.

Nesta perspectiva, esta pesquisa propõe:

a) Investigar criticamente, a partir das palavras originais, os variados significados e conceitos existentes sobre os (as) jovens na Bíblia, fazendo uma reflexão sobre estas palavras no seu contexto.

b) Analisar como eram as relações entre jovens e anciãos, tendo em vista as implicações em seu respectivo contexto. Investigar também se houve mudanças no uso das palavras com o passar da história e, se isto tiver acontecido, investigar qual foi a repercussão para os (as) jovens.

c) Realizar uma abordagem crítica sobre os ditos que tratam sobre questões dos (as) jovens hoje, visando analisar o conflito de gerações, que está implícito nos provérbios.

Assumimos que estamos trabalhando com a hipótese, de que os ditos e provérbios são sínteses de nosso pensamento coletivo. Isso requer muita atenção se nosso último objetivo é colaborar com a transformação da sociedade, que é nossa coletividade.

Como metodologia de pesquisa, iremos fazer primeiro um levantamento dos provérbios específicos sobre o (a) jovem na Bíblia e analisaremos também os ditos de hoje. O trabalho pretende ser um instrumento teórico, por esta razão iremos utilizar exclusivamente dos meios bibliográficos.

Nossa proposta de trabalho, a que desejamos desenvolver nesta dissertação, pretende organizar o escrito da seguinte forma:

No primeiro capítulo apresentaremos o levantamento a ser realizado em dicionários e enciclopédias das várias palavras hebraicas que aparecem na Bíblia e são traduzidas pelo termo jovem ou derivados e que na evolução semântica aceitam outras traduções. As mudanças de significados nos fazem suspeitar a existência de conflitos e interesses sociais e políticos. Uma desconfiança que surgiu e que propomos entender, é que para dar conceito aos jovens, grande parte das palavras encontradas na Bíblia, está carregada de sentidos pejorativos.

Sabemos e desejamos confirmar que, a partir da consolidação da monarquia em Israel, os anciões se tornaram destaque central no cenário político e religioso. Eles foram os que escreveram a literatura bíblica. Intuímos e parece óbvio que todas as pessoas que se opuseram a esta configuração social eram tratados de forma extremamente violenta.

Assim, as pessoas jovens que não encontravam espaço favorável para ter uma vida minimamente digna, com certeza, faziam frente de resistência contra a opressão imposta pelos reis. Com esta perspectiva, estudaremos e consideraremos vários provérbios da época, aqueles que afirmam que os jovens devem ser educados ou instruídos com métodos violentos, com a aplicação da vara. Tentaremos verificar e provar nossa intuição.

Em nosso segundo capítulo investigaremos, do ponto de vista histórico e teológico, como eram vistos os (as) jovens. Pretendemos pesquisar se, em algum momento da história da vida social de Israel os (as) jovens eram tratados com

respeito e dignidade, contribuíam com a vida de seus clãs e eram fundamentais para a vida social. Parece-nos que com a evolução dos sistemas sociais, cada vez mais complexos, os jovens que antes eram respeitados em suas potencialidades, passaram a ser explorados e excluídos (as). O marco principal desta mudança seria a implantação da monarquia, por volta no ano 1000 a.C. A pesquisa atual aponta que não foram somente os (as) jovens que perderam com esta mudança. Mulheres e crianças também foram prejudicadas, passando a ser consideradas como classe inferior. No estudo de certos provérbios, dos ditos que permaneceram em toda a literatura conhecida como sapiencial, especialmente no livro dos Provérbios, esperamos provar nossa percepção.

No terceiro e último capítulo trataremos de fazer uma abordagem crítica e comparativa entre os provérbios sobre jovens da Bíblia Hebraica e os existentes na linguagem cotidiana hoje.

Suspeitamos que os ditos ainda atualmente, como na época dos provérbios bíblicos, não respeitam os (as) jovens como eles deveriam ser considerados, em seus direitos e deveres. Já que, ponderamos, os ditos são frutos de uma evolução histórica que vem impondo aos jovens uma carga negativa com grande força.

Como aconteceu no passado bíblico com a monarquia, hoje, o mundo moderno está perdendo parte dos valores, por não deixar emergir as capacidades dos (as) jovens que poderiam acrescentar valia e crescimento, para o bem de nossa sociedade.

Após levantamento feito, pretendemos encaminhar um trabalho de elaboração de novas hermenêuticas sobre os (as) jovens, e deste modo tentaremos fazer uma abordagem sobre os rapazes e moças de hoje, no que diz respeito aos conflitos de gerações. Os ditos e provérbios que professamos são frutos de uma evolução histórica, que vem impondo aos jovens uma carga negativa de grande intensidade.

Denominar as pessoas que representam perigo com palavras pejorativas sempre foi um excelente mecanismo de opressão. A ação humana de proferir palavras, muitas vezes, foi instrumento vital para libertar. Nesta situação concreta foram usados para oprimir pessoas, agora, os (as) jovens. Dizer que uma pessoa, em pleno vigor de sua juventude, é coisa insignificante, condicionava este mesmo indivíduo ao fracasso.



Pensamos que chegaremos a conclusões, a novas luzes e caminhos, já que acreditamos que as palavras moldam as pessoas, gerando um poderoso esquema de inclusão ou exclusão.

Acreditamos e desejamos reavivar, com esta pesquisa, uma outra capacidade de elaborar e recriar conceitos, ditos e provérbios que valorizem os jovens, as crianças de hoje que são as moças e rapazes do amanhã, para que possamos construir um outro mundo possível e necessário para todos nós, especialmente para as gerações futuras.

## 1. O JOVEM NA BÍBLIA HEBRAICA

No primeiro capítulo desta dissertação, iremos buscar, na língua do texto original, o hebraico, como e quando aparece a palavra “jovem”. Este trabalho de recolher, na língua hebraica, as palavras que davam sentido ou significado às pessoas que hoje chamamos jovens, dará sustentação aos passos seguintes da pesquisa que pretendemos fazer.

Na Bíblia Hebraica, aparecem várias palavras para designar o (a) jovem. Assim sendo, o (a) jovem é apresentado de forma muito variada no léxico e no sentido hermenêutico do seu contexto. Observemos, por exemplo, estes textos: “A beleza dos jovens é o seu vigor, e o enfeite dos velhos, suas cãs” (Pr 20,29). “Afasta, pois, a ira do teu coração, e remove da tua carne o mal, porque a adolescência e a juventude são vaidade” (Ecl 11,10). Está claro que aqui, qualquer que seja a palavra usada em hebraico, existe uma visão pejorativa sobre a juventude. Ou seja, os termos que são usados, para especificar o (a) jovem, em sua maior parte, levam a entender quais eram as estruturas que estavam por detrás destes significados.

Pretendemos assim, a partir da pesquisa histórica bíblica, refletir melhor sobre o significado de ser jovem e suas derivações no texto bíblico. A princípio percebemos nas palavras em hebraico, uma grande diversidade de termos usados para se referir aos jovens, o que gera contradições. Encontramos, também, uma variação no que se traduziu por jovem nas Bíblias em língua portuguesa e que no original (hebraico) não é considerado como tal.

### 1.1 O significado de jovem na Bíblia Hebraica<sup>1</sup>

Na cultura antiga, sabemos que, por um lado, não havia o conceito de jovem que temos hoje. Por outro lado, isto não anula a possibilidade de fazermos esta discussão devido ao conflito claro entre os anciãos e os jovens, evidente nessas culturas ancestrais.

Este problema aparece também no pensamento e organização social bíblico-judaicos onde não existe um conceito de jovem específico. Porém, novamente o fato de não aparecer um conceito de jovem, não anula a possibilidade do

---

<sup>1</sup> Consultamos todas as Bíblias citadas na Bibliografia na verificação e comparação de traduções do texto hebraico ao português. Assim como as Chaves Bíblicas e as Concordâncias.

desenvolvimento desta pesquisa. Portanto, trataremos de fazer uma abordagem do não dito, mas, que é percebido no contexto onde foi escrito.

Vale lembrar que até mesmo em nossa cultura atual o conceito de jovem mudou radicalmente nos últimos 50 anos. Nos dias atuais, ser jovem tem significado muito diferente dos anos 50. Deste modo, opor-se a tudo o que possa ser próximo ou lembrar uma pessoa de idade avançada é linha de regra da ideologia que preenche o conceito de ser jovem. Nesta perspectiva, podemos constatar que nas diversas culturas, um conceito existente passa por mudanças radicais em um espaço de tempo relativamente curto.

Voltando, agora, para o mundo bíblico, entendemos que apesar de não existir um conceito cultural para dar significado às pessoas que hoje denominamos de jovens, isto estimula a nossa pesquisa, porque sabemos que os jovens existiam, já que todo ser humano passa da infância à idade adulta por um período intermédio, reconhecido ou não.

Logicamente, nós não queremos incorporar na cultura hebraica o conceito de jovens que temos hoje, mas sim, lançar um novo olhar sobre aqueles e aquelas, rapazes e moças que certamente existiram e aparentemente foram ocultadas no tempo bíblico.

Um exemplo: não temos dados explícitos, no Antigo Testamento, sobre o rito, hoje conhecido como *Bar Mitzvá* ou “sujeito ao mandamento” que provém do século XVI. Contudo, a Torá alude ao fato de que jovens, a partir dos treze anos, contados pelo calendário hebraico, começam a transformar-se em adultos. Diversos autores indicam que nos costumes e na cultura bíblico-hebraica, no modo de organização social daquele povo, o menino passava a ser responsável por suas ações mais ou menos aos doze anos (SCHLESINGER, 1987, p. 31-33).

Temos, sim, poucos dados específicos. Porém, acreditamos que podemos e devemos fazer uma reflexão a partir da investigação bíblica textual, sobre os (as) jovens na Bíblia porque eles, necessariamente existiram na história de Israel.

## 1.2 Análise das palavras hebraicas que davam significado aos jovens

Buscaremos, então, os significados a partir do texto em hebraico, das palavras-chave que conceituavam as pessoas e que se encaixam no reconhecimento de jovem. Para isso, vamos trazer análises de palavras que, dentro

de seus devidos tempos e contextos, davam significados aos jovens e às jovens na Bíblia Hebraica.

Acompanhamos como base metodológica o Dicionário de Harris, Archer e Gleason (1998) enriquecido com outras fontes que dão sustentação às idéias aqui defendidas por esta pesquisa. Foi esclarecedor para nós, consultar o Dicionário bíblico hebraico-português de Luis Alonso Schokel (1997) e *The Anchor Bible Dictionary*, de David Noel Freedman.

### 1.2.1 *Bāhar*: escolher, eleger, decidir por<sup>2</sup>.

Termos derivados:

(*bāhûr*) jovem.

(*behûrîm*) juventude.

(*bâhîr*) escolhido.

(*mibhâr*) o escolhido, o melhor.

(*mibhôr*) escolha.

Dentre as muitas palavras sobre as quais vamos refletir para buscar como eram definidos os (as) jovens, na Bíblia Hebraica, a palavra *bāhûr* merece atenção especial. Segundo Oswaalt no texto bíblico, o (a) jovem é mencionado (a) a partir desta palavra, da sua raiz e derivados 198 vezes (OSWAALT, 1998, p. 167).

Diversos são os textos na Bíblia, que aparecem conceituando a o (a) jovem fazendo uso da palavra *bāhûr*. Assim, podemos ler no livro do Deuteronômio: “Fora, a espada lhes tirará os filhos e dentro o terror se instalará; perecerão todos: o *jovem* e a donzela, a criança de peito e o velho encanecido.” (Dt 32,25). Já no livro de Samuel, encontramos: “Tinha ele um filho chamado Saul, um belo *jovem*. Nenhum outro havia entre os filhos de Israel mais belo do que ele. Dos ombros para cima era mais alto do que todos.” (2Sm 9,2). No texto profético de Jeremias nos deparamos: “Mas eu estou repleto da cólera de lahweh, não posso contê-la! Derrama-a sobre o menino na rua e, também, sobre o grupo dos *jovens*; porque até o marido com a mulher serão presos, e o velho, com o decrépito” (Jr 6,11).

---

<sup>2</sup> A variedade de traduções destas palavras foi confirmada nos Dicionários de Nelson Kirst (1986) e o de Alonso Schokel (1997).

São inúmeros os textos que usam a palavra *bāhûr* para dar sentido ao (a) jovem, como podemos conferir também em: Jr 31,13; 48,15; 51,3; Ez 23,6; 23,12; 23,23; Am 2,11; Sl 148,12; Pr 20,29; Rt 3,10; Ecl 11,9; 2Cr 36,17.

A pesquisa atual, segundo o *Anchor Bible Dictionary* (FREEDMANN,1992, p.231) tem chegado à conclusão que esta raiz está intrinsecamente ligada ao termo árabe *bahara*, “dividir, cultivar o solo e penetrar”, o que permite ligarmos com sentidos como “avaliar, decidir ou escolher”. Também, segundo a mesma fonte, encontramos o termo acadiano *bêrum*, que significa “escolher”, e, em formas mais raras, “testar”, como paralelo semítico mais importante.

Podemos entender, então, que os termos referentes a pessoas jovens no pensamento hebraico têm sua riqueza de longas datas, ligadas a fatos e realidades de escolha e decisão. É importante perceber como é longa a história das palavras que se dirigiam aos (às) jovens. Segundo Schlesinger (1987, p. 12) na antiga cidade de Acad foram encontradas inscrições com a palavra *bāhûr*. Ou seja, este é um léxico ancestral já que Acad é cidade com mais de 4.000 anos de história.

Cidade citada na Bíblia (Gn 10,10), situada perto do local de Babilônia. Designa a região norte da Baixa Mesopotâmia em oposição à Suméria, mais ao Sul. Pertencia ao território de Nemrod. Designou também o reino semítico formado em torno desta cidade em 2500a.C. nos tempos neobabilônicos significou toda a Babilônia. A cidade norte-babilônica de Acad corresponde ao local próximo atualmente de Abu Habba.

Dentro do texto bíblico encontramos também a palavra *bāhar*, usada algumas vezes sem conotações específicas de idade e não se referindo à juventude. Um bom exemplo é: “Ló escolheu para si toda a Planície do Jordão e emigrou para o oriente. Assim eles se separaram um do outro” (Gn 13,11). Outro exemplo do uso deste mesmo verbo: “Moisés escolheu em todo Israel homens capazes, e colocou-os como chefes do povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez” (Ex 18,25).

Além disso, novamente encontramos derivados da mesma palavra, como *bêrum*, traduzida por “escolher” em diversos contextos e em diferentes épocas bíblicas: “Quando um escravo fugir do seu amo e se refugiar em tua casa, não o entregues ao seu amo; ele permanecerá contigo, entre os teus, no lugar que escolher, numa das tuas cidades, onde lhe pareça melhor. Não o maltrates!” (Dt

23,16.17). “Davi tomou na mão o seu cajado, *escolheu* no riacho cinco pedras bem lisas e as pôs no seu bernal de pastor, o seu surrão, depois apanhou a sua funda e foi ao encontro de filisteu” (1Sm 17,40). “Elias disse então aos profetas de Baal: ‘*Escolhei* para vós um novilho e preparai vós primeiro, pois sois mais numerosos. Invocai o nome de vosso deus, mas não acendais o fogo” (1Rs 18,25).

Creemos ser importante ressaltar que, independente do contexto, o pano de fundo de *bêrum* é sempre o mesmo, e está ligado a uma escolha cuidadosa e bem pensada.

Assim sendo, constatamos que o vocábulo *bāhûr*, e também suas ramificações, podem ser entendidos como derivados de *bāhar*, e o seu significado é “escolher” (HARRIS, 1998, p. 167). Se ligarmos esta palavra aos jovens, poderíamos afirmar que em algum momento da história os jovens tinham condições de escolha.

Porém, quando a maior parte dos textos na Bíblia Hebraica escrita mencionam jovens, os textos não condizem com o significado original da palavra hebraica, ou seja, não existe proximidade entre escolher ou eger e jovem. O que aconteceu para aparecer este distanciamento entre palavras e significados?

Retomando Provérbios 20,29: “A beleza dos jovens é o seu vigor, e o enfeite dos velhos, suas cãs” e Eclesiastes 11,10: “Afasta, pois, a ira do teu coração, e remove da tua carne o mal, porque a adolescência e a juventude são vaidade”, entendemos que mesmo retratando os (as) jovens de forma direta, estes dois textos revelam fortes indícios de oposição com outro grupo que, neste caso, pensamos poderia ser o grupo dos anciãos, do qual trataremos detidamente mais adiante.

Numa sociedade patriarcal, os dados que temos, indicam que o direito de escolha era facilmente esquecido quando se tratava de jovens ou mulheres. É interessante a observação de Gottwald a esta realidade (1988, p. 168-9):

Um dos laços mais fortemente afirmados nas reconstruções do mundo patriarcal, em ambiente de Idade do Bronze, foi o notável achado de textos tratando de leis da família, de Nuzi e localidades adjacentes no Vale Superior do Tigre. [...] Grande série de práticas legais usuais, evidenciadas nas tabuinhas de Nuzi, sugeriram íntimas afinidades como os costumes de matrimônio, família e herança dos antepassados de Israel. [...] 1. Uma esposa estéril deve fornecer a seu marido uma moça escrava por meio da qual ele possa ter filhos (Gn 16,1-2;30,9) 2. O status de moça escrava e do seu filho é protegido contra o ciúme ou a arbitrariedade da esposa ou do marido (21,9-14) 3. Um marido poderia ter o status concorrente de irmão, adotando a mulher do irmão natural dela (12,11-13; 20,2.12; 26,7).

De forma clara e evidente os estudos apontam para a existência de uma estrutura patriarcal voltada à figura do homem mais velho nos primórdios da história bíblica. Por esta razão, encontrar uma ou mais palavras que significassem uma pessoa que não era anciã, de forma específica, fundamenta outras procuras para lançar novas possibilidades de análise, na certeza da presença de ricos significados sobre os jovens, na Bíblia Hebraica. A palavra *bāhûr*, que mais precisamente pode ser traduzida por jovem, dá para nós uma motivação vital para continuarmos desenvolvendo esta pesquisa.

### 1.2.2 *Yālad*: dar à luz, gerar, produzir, procriar, estar em trabalho de parto.<sup>3</sup>

Termos derivados:

(*wālād*) criança.

(*yeled*) criança.

(*yaldût*) juventude, infância. Este substantivo, que ocorre apenas três vezes, talvez indique a época em que se é jovem ou a qualidade de ser jovem.

(*yillôd*) nascido. Adjetivo equivalente ao particípio passivo de *yālad*.

(*yālîd*) nascido. Usado apenas no estado construto.

(*môledet*) parente, parente consanguíneo. Às vezes erroneamente traduzido por “nascimento”.

(*tôlêdôt*) descendentes, gerações. Usado sempre no plural, seja no construto, seja com um sufixo pronominal.

Gilchrist afirma que a raiz do termo *yeled* tem sua origem em três consoantes, *yld*. Antigos povos semíticos, como os árabes, acadianos, ugarítico e inscrições fenícias, já traziam este agrupamento de consoantes em seus escritos (GILCHRIST, 1998, p. 618). No seu sentido mais restrito e talvez mais antigo, *yālad* descreve o ato de uma mulher dar à luz uma criança: “Elas responderam a Faraó: ‘As mulheres dos hebreus não são como as egípcias. São cheias de vida e, antes que as parteiras cheguem, já *deram à luz*.’” (Ex 1,19).

Outro exemplo do mesmo uso da palavra *yālad* é 1Rs 3,17-18 “Disse uma das mulheres: ‘Ó meu Senhor! Eu e esta mulher moramos na mesma casa e eu *dei à luz*,

---

<sup>3</sup> O Dicionário bíblico hebraico-português de Luis Alonso Schokel confirma esta pesquisa: para o auto, este vocábulo e seus derivados têm ampla possibilidade de traduções, já que na sua raiz “abarca desde o nascimento até a juventude” (p. 318).

esta mulher também *teve uma criança*; estávamos juntas e não havia nenhum estranho conosco na casa: somente nós duas.”

Podemos também encontrar a mesma palavra *yālad* relacionada ao ato do pai se tornar um genitor: “A Henoc *nasceu* Irad, e Irad *gerou* Maviael, e Maviael *gerou* Matusael, e Matusael *gerou* Lamec” (Gn 4,18). Em Gênesis 25,3 encontramos a palavra sendo usada neste mesmo sentido “Jecsã *gerou* Sabá e Dadã, e os filhos de Dadã foram os assurim, os latusim e os loomim.” Em Provérbios 23,22 lemos: “Ouve o teu pai, ele te *gerou*, e não desprezes tua mãe envelhecida”.

Ao analisar os versículos de Gênesis 4,18 e 25,3 observamos que a palavra em Gênesis é colocada fundamentalmente para dar sentido ao ato de conceber a vida, o termo “gerou” que neste caso é a tradução de *yālad*, dá sentido restrito ao nascimento de pessoas.

Já em Provérbios 23,22 podemos, sim, também fazer esta mesma interpretação do termo *yālad* “gerou”, porém como é de conhecimento da pesquisa bíblica, os ditos e provérbios encontrados neste grande agrupamento, que levou muito tempo para ser consolidado, trata das questões do relacionamento entre as pessoas. Ou seja, em Provérbios 23,22 a palavra *yālad* “gerou” pode também dar sentido às relações entre as pessoas, como por exemplo: homem e mulher, pai e filho, ancião e jovem, patrão e escravo, mulher e filhos etc.

Esta dinâmica relacional entre as pessoas são o combustível da grande maioria dos ditos e provérbios encontrados na Bíblia Hebraica. Nesta perspectiva, Provérbios 23,22, para nós, é de fundamental importância, pois interpretamos que nos revela uma realidade voltada para os (as) jovens.

Existe uma importante orientação educacional do provérbio “Ouve o teu pai...” era voltada para o “meu filho” (v.19), certamente era para as crianças, porém, podemos afirmar que nesta conjuntura os (as) jovens também eram educados e orientados para o bem estar da organização social daquela época.

A partir da palavra *yeled* como criança, encontramos significados em outras realidades. Assim sendo, um exercício de verificação do uso desta palavra nos parece oportuno. Em Jó 21,11 temos: “Fazem sair as suas *crianças*, como a um rebanho, e seus filhos andam saltando”. Já em Jó 38,41 observamos: “Quem prepara aos corvos seu alimento, quando os seus *filhotes* gritam a Deus e andam vagueando, por não terem o que comer?”. E em Jó 39,3 encontramos mais um



exemplo do uso deste termo: “Quando se encurvam, produzem seus *filhos*, e lançam de si as suas dores.”

Na cultura hebraica, lançar um olhar sobre as crianças seria aqui fato simples, estaríamos de acordo com os costumes e em sintonia com grande parte das abordagens já feitas até o presente momento. Porém, um fator nos chama atenção em Jó 21,11 “...e seus *filhos* andam saltando.” Também em Jó 39,3 “...produzem seus *filhos*, e lançam de si as suas dores”. Para entender sobre esta nossa reflexão, parece oportuno lembrar brevemente o contexto do Livro de Jó.

A estória de Jó retrata acontecimentos do século V A.C. conhecido também como tempo do Pós-Exílio. Nesta época, quem assumia o poder sobre o território de Israel era o Império Persa com o seu rei Ciro. As pessoas viviam na esperança de dias melhores, pois no domínio anterior, os babilônicos destruíram o país cruelmente. Neste tempo, o povo de Israel orientava-se por uma ideologia religiosa que a ciência bíblica chama de teologia da retribuição. Essa teologia afirmava que Deus retribuía às pessoas na mesma medida que suas ações fossem a favor do bem ou do mal. Se elas eram boas ações, Deus dava o prêmio. Se as pessoas agiam mal, Deus as castigava<sup>4</sup>.

Pensamos que esta teologia ajudou muito para a implantação da política de dominação persa. Pois desta forma o povo não se rebelava contra o rei devido à compreensão de que sua autoridade só podia estar ligada ao próprio Deus. Rebelar-se contra o rei Ciro era, na concepção religiosa dos destinatários da novela de Jó, se rebelar contra o próprio Deus que retribuiria na mesma medida as ações que as pessoas praticavam.

Com toda certeza, a novela de Jó foi escrita para as maiores vítimas do jugo persa, ou seja, para os empobrecidos, os quais foram uma grande fonte de resistência. Pensando a partir da opressão ideológica e econômica que o povo sofria nesta época, podemos afirmar que os filhos que são mencionados em Jó 21,11: “...e seus *filhos* andam saltando.” e Jó 39,3: “...produzem seus *filhos*, e lançam de si as suas dores.” Não se tratava somente de crianças, mas também dos rapazes e moças da comunidade.

Olhando, a partir da conjuntura que se revela no livro de Jó, se havia algum grupo social que se beneficiou com a implantação do domínio persa, foi o grupo dos

---

<sup>4</sup> Consultamos autores vários como Luis José Dietrich (1996), Jean Leveque (1987), José Vilchez e Victor Morla Asencio (2005).

anciãos. As crianças, os (as) jovens e as mulheres adultas foram os maiores afetados pela dominação, devido a um fato muito simples: a reformulação das bases sociais de Israel, com o término do exílio, se faz a partir dos interesses dos anciãos. Podemos dizer que nesta conjuntura, os filhos podem sim, ser jovens em situação de exclusão.

Compreendemos também que esta mesma palavra é usada com significados e atribuições bem diferentes das mencionadas acima. Vejamos o exemplo citado por Harris (1998, p. 619):

O nascimento de um filho era acompanhado de grande alegria. Mas alguns experimentaram tantas atribulações em suas vidas que desejaram jamais ter nascido (Jó 3,3; Jr 15,10; 20,14). No entanto, o mais trágico é o caso de Judas Iscariotes, que por ter traído Jesus, melhor seria jamais ter nascido (Mt 26,20).

A mesma palavra *yeled*, traduzida como criança, é encontrada também em Eclesiastes 4,13 “Melhor é a *criança* pobre e sábia do que o rei velho e insensato, que não se deixa mais admoestar.” Em Lamentações 4,10 temos: “As mãos das mulheres compassivas cozeram seus próprios *filhos*; serviram-lhes de alimento na destruição da filha do meu povo”.

O termo *yeled* é usado também para dizer que Deus deu à luz Israel (Dt 32,18). A questão do desvio de conduta de Israel, diante da riqueza deste termo que evidencia a relação próxima de Deus e seu povo, torna-se mais trágica e dolorosa. A partir da ação do Senhor que o “gerou”, a realidade de desobediência de Israel tem, aqui, um valor teológico muito profundo. Pensamos que dos vários significados que a palavra *yālad* tem, aqui se manifesta um peso teológico de suma importância do pensamento hebraico, pois explicita que Deus é gerador de vida.

Dentro desta perspectiva, o termo *yālad* toma importância vital. Esta palavra que diz que Deus “gerou” o povo de Israel, ao designar também uma “pessoa jovem”, coloca-a em um patamar muito importante. Assim sendo, a sua significação teológica é mais ampla e de singular estima para nossa reflexão, uma vez que o termo está ligado à criança, adulto jovem, filho, menino, fruto. Segundo Harris (1998, p. 620) são derivadas de *yālad*, *yeled*:

Essas palavras em geral designam crianças bem novas, mas podem referir-se a adolescentes e, às vezes, até mesmo a adultos jovens (1Rs 12,8-14;

2Rs 2,23 2Cr 10,8-14). Em uma oportunidade *yeled* refere-se a um feto (Ex 21,22). Em Jó 38,41; Isaías 11,7 emprega-se o plural para indicar os filhotes de animais.

Os textos em que diretamente aparecem pessoas consideradas jovens como, por exemplo, em 1Rs 12,6-14 vale observar em que circunstâncias aparecem estes jovens. Uma leitura do texto pode ajudar a entender nossa suspeita:

O rei Roboão pediu conselho aos ancião que serviam a seu pai Salomão... Mas ele rejeitou o conselho que os anciãos lhe deram e consultou os jovens que foram seus companheiros de infância e o assistiam. Perguntou-lhes: "Que aconselhaiis que se responda a este povo que me falou assim: 'Alivia o jugo que teu pai nos impôs?'" Os jovens, seus companheiros de infância, responderam-lhe: "Eis o que dirás a este povo que te disse: 'Teu pai tornou pesado o nosso jugo, mas tu alivia o nosso fardo'; eis o que lhes responderás: 'Meu dedo mínimo é mais grosso que os rins de meu pai! Meu pai vos sobrecarregou com um jugo pesado, mas eu aumentarei ainda o vosso jugo; meu pai vos castigou com açoites, e eu vos açoitarei com escorpiões!'".

Podemos aqui lançar uma pergunta. Porque os jovens são lembrados, normalmente de forma negativa ou em condições de fragilidade?

Interessante é verificar aqui um evidente conflito entre os (as) jovens e os anciãos. O paradoxo é claro. O rei Roboão não aceita os conselhos dos anciãos. Não entanto, o rei Roboão acolhe o parecer dos jovens que lhe recomendam oprimir ainda mais o povo. E é isso que Roboão comunica a Jeroboão e ao povo de Israel, naquela triste reunião de Siquém, e que desencadeia a divisão do Reino.

Fazendo a contextualização de 1Rs 12,6-14 chegamos a algumas conclusões interessantes. Em primeiro lugar, no livro dos Reis relata-se um ambiente histórico em Israel com muitas e extremas fragilidades: a monarquia estava com suas bases ruídas por conta das manobras ambiciosas de Salomão, rei agora morto.

Com a exploração da corte de Salomão, contra a população de Israel para sustentar o luxo e os interesses da elite dominante, o Estado de Israel passou por um longo caminho de empobrecimento interno.

Devido às altas taxas cobradas pelo rei e também pelo templo de Jerusalém, houve uma grande desarticulação social. Muitas das famílias que tinham pequenas propriedades de terras tiveram que vender suas terras para pagar dívidas vindas dos altos impostos. Uma grande gama de pessoas, que não tinham onde trabalhar, devido à concentração das terras nas mãos de poucos ricos, que verdadeiramente

lucraram muito com o governo de Salomão, viviam pelas pequenas cidades em grande agonia.

Com toda certeza, os jovens também foram excluídos neste período. Lembremos que, segundo nossa afirmação anterior, a monarquia foi estruturada com bases na ocultação de muitos sujeitos sociais como: as crianças, os (as) jovens e também as mulheres. A partir da consolidação da monarquia em Israel, os anciões se tornam destaque central no cenário político e religioso. Obviamente todos os que se opuseram a esta configuração social eram tratados de forma extremamente violenta. Este relato de 1Rs 12,8-14, a nosso ver nada mais é que uma fotografia textual muito bem arquitetada pelo grupo dos anciões, gerando assim mais uma imagem depreciativa dos jovens.

As pessoas jovens que não encontravam espaço favorável para ter uma vida minimamente digna, com certeza faziam frente de resistência contra a opressão imposta pela monarquia de Salomão e também de seus sucessores. Como então explicar a afirmação de 1Rs 12,8 “Mas ele rejeitou o conselho que os anciões lhe deram e consultou os *jovens* que foram seus companheiros de infância e o assistiam”. É bom perguntar ainda: Quem escreveu este texto? Será um jovem ou ancião?

Como sabemos, as questões relacionadas com o poder político, na época que este texto retrata, sempre foram tratadas com muitas tramas e traições. Certamente, a elite dos escritores não desejou que uma imagem positiva dos jovens perpassasse a história, pois seria mais uma frente de resistência à opressão da elite estabelecida.

Toda esta análise sobre a palavra *yālad* e suas derivações, não dá respaldo, à conduta daqueles e daquelas consideradas jovens. Podemos, então, perceber, no texto em questão, certa intencionalidade, por parte de alguém, de usar termos dirigidos a rapazes e moças, criando um conceito pejorativo sobre esse grupo social que se destacava.

Prova disso é o paradoxo mencionado acima entre anciões e jovens. Pensar o importante e poderoso lugar que os anciões ocupavam na sociedade bíblico-judaica nos ajuda a compreender as razões deste conflito. Segundo McKenzie (1983, p. 42):

Os anciões aparecem no Antigo Testamento como uma classe social distinta ou como um corpo colegiado com funções políticas ou religiosas específicas. O termo aparece em todos os livros do Pentateuco e em todos

os livros históricos do Antigo Testamento, com exceção do livro de Neemias; entre os profetas, o termo é encontrado em Isaías, Jeremias, Ezequiel e Joel; encontra-se também nas Lamentações, nos Salmos, em Jó e nos Provérbios.

É possível que o conflito entre jovens e anciãos fosse constante. Desde os tempos primordiais das tribos de Israel, o homem considerado mais “velho” (ancião), em oposição clara ao mais “novo” (jovem), desempenhava funções sociais bem distintas. O ancião tinha poder sobre os que estavam sob seus conselhos. Mulheres, homens mais novos (podendo ser aqui os jovens) e crianças tinham, pela tradição bíblica, de se submeter às vontades dos anciãos. Aos jovens cabia a simples obediência, como exemplifica de Vaux (2003, p. 93):

Nos textos de Deuteronômio citados anteriormente, os assuntos municipais estão nas mãos dos *zeqenîm*. De acordo com alguns eles seriam todos os homens adultos os que usam barba, *zaqan* – reunidos em assembléia popular. É muito mais provável que, segundo o sentido do adjetivo correspondente que significa “velho”, eles sejam os “Anciãos”, os chefes de família, que formavam em cada cidade uma espécie de conselho, 1 Sm 30,26-31. Alternam com os *sarîm*, os “chefes”, em Nm 22,7-14 e em Jz 8,6.16; são colocados lado a lado, como sinônimos, em Jz 8,14, onde nos é dito que em Suscite eles eram setenta e sete.

Um possível confronto entre jovens e anciãos dentro deste contexto era inevitável. O ancião tinha direitos jurídicos e decisórios muito grandes, era ele quem zelava pela observância das leis, da organização social e das decisões sobre ações sociais e até mesmo de guerra. O poder desta classe era muito grande. V. D. Born e Fraine afirmam que os reis tiveram que levar em conta sempre a opinião dos anciãos (1971, p 71). Lembramos que, neste contexto, não havia uma consciência dos jovens como grupo, categoria, como temos hoje. Usamos este termo para nos ajudar a entender melhor o papel dos anciãos enquanto organização. Segundo Mckenzie (1983, p. 43).

Por vezes, os anciãos aparecem como um corpo que tem o poder de governar, como, por exemplo, os anciãos de Gabaon (Js 9,11), de Sucot (Jz 8,5), de Galaad, que deram autoridade a Jeftê (Jz 11,5ss), e de Jabes, que negociam com Naás de Amon (1Sm 11,3). Os anciãos estão entre aqueles que oprimem o povo com a autoridade (Is 3,14). São membros do conselho real (2 Sm 17,4.15) e parecem ter voto deliberativo no que se refere à guerra e à paz (1 Rs 20,7ss).

No decorrer de nosso trabalho, vamos discutir quais as conseqüências deste conflito para ambas as partes e como esta realidade influenciou no desenvolvimento da cultura hebraica no que diz respeito às pessoas que não eram mais crianças e também não eram anciãos. Na sequência, porém, vamos proceder ao nosso trabalho de buscar outras palavras do texto bíblico, em sua língua original, que as nossas Bíblias traduzem por jovens.

### 1.2.3 Na ‘ar: menino, garoto, jovem, criado, servo

Termos derivados:

(n ‘r) Palavra aceita como raiz de:

(na ‘ar) menino, moço, criado.

(nō ‘ar) juventude.

(na ‘ārâ) moça.

(ne ‘ûrôt) juventude.

Termos derivados:

(na ‘ar) abalo, dispersão.

(ne ‘ōret) estopa como a obtida de linho batido.

Como aponta Fisher, a palavra *nō ‘ar* é usada no texto de Jó 33,25: “...e sua carne reencontrará a força *juvenil* e voltará aos dias de sua *juventude*.” Encontramos também, em Pr 29,21: “Se alguém mimar seu escravo desde a *infância* este, por fim, se torna ingrato.” Já o termo derivado *ne ‘ōret* é encontrado com significados bem diversos em Js 16,9 “Ela havia escondido alguns *homens* em seu quarto, e então gritou: `os filisteus vêm sobre ti”. Também em Is 1,31: “O homem forte virá a ser como a *estopa*, e a sua obra como uma centelha: ambos arderão juntos, e não haverá ninguém que os possa apagar” (FISHER, 1998, p. 977).

Como as demais palavras já estudadas, este termo não é diferente em abrangência e variedade de sentidos. Apesar de os pesquisadores considerarem que a raiz desta palavra esteja próxima e derivada de outro termo quase idêntico denominado *nā ‘ar*, “rosnar”, existe um outro cognato árabe muito abrangente com vários significados e sentidos bem próximos, como “grunhir”, “gritar”, “esganiçar”, “urrar”, “berrar”. Este mesmo termo abrange questões muito mais ativas como “entusiasmar-se”, “agitar”.

Nas proximidades do rio Tigre, encontra-se uma inscrição desta palavra (*n 'ar*) nome em forma verbal. O verbo está relacionado com um significado bem próximo do sentido de “instigar uma rebelião”. Podemos, a partir deste termo, chegar a um substantivo, com o sentido de “maldade”, “revolta”, o que nos ajuda a entender e lançar luzes provocadoras sobre o intrigante episódio de Eliseu. Depois de ser provocado por jovens, ele os amaldiçoa em nome de lahweh e os jovens são atacados por ursas imediatamente, como está relatado em 2Rs 2,23-24: “De lá subiu a Betel; ao subir pelo caminho, uns *rapazinhos* que saíram da cidade zombaram dele, dizendo: “Sobe, careca! Sobe, careca!”. Eliseu virou-se, olhou para eles e os amaldiçoou em nome de lahweh.”

Apesar de todas as suas derivações e significados diferentes, quando o termo *na' ar* se dirige aos (as) jovens, eles se encontram em situação de confronto com alguém. Vimos isto em 1Rs 12,8-14 refletindo sobre o termo *yālad*, e agora também em 2Rs 2,23-24 com o termo *na 'ar*.

Diante da reflexão feita até o momento, pensamos ser válido lançar uma questão sintomática: Por que quando o texto vai dar sentido ou significado para os (as) jovens os coloca sempre em condição de conflito ou em situação de fragilidade? Para nós esta questão não é por acaso, ou por simples coincidência, está claro que os jovens, no tempo dos escritos da Bíblia Hebraica, eram alvo de perseguições.

Com mais de 200 ocorrências, *na 'ar* também tem um significado bem amplo (FISHER, 1998, p. 978). Enquanto em Ex 2,6 “Abrindo-o, viu um *criança*: era um menino que chorava. Compadecida disse: “É uma criança dos hebreus’!””, o termo é usado para indicar um menino de poucos meses de idade, temos também aplicações bem técnicas como “criado”, “acompanhante” ou “servo” em 2 Sm 16,1 “Havia Davi passado um pouco adiante do cume, quando Siba, o *servo* de Meribaal, veio ao seu encontro com um par de jumentos albardados, levando uma carga de duzentos pães, cem cachos de passas, cem frutas da estação e um odre de vinho.”

Como as demais palavras já estudadas, este termo não é diferente em abrangência e variedade de sentidos. Contudo, também, uma vez mais naqueles textos com significado de jovens, os coloca sempre em condição de conflito ou em situação de fragilidade.

#### 1.2.4 *Tsā 'ar*: ser insignificante, tornar-se insignificante.

Termos derivados:

(*tsã 'îr*) pequeno, insignificante, jovem.

(*tse 'irâ*) juventude.

Coppes afirma que o termo *tsã 'ar* pode-se traduzir por filhos (COPPES, 1998, p. 1298). Assim em Jó 14,21: "Seus *filhos* adquirem honras, mas não o chegará a saber; caem em desonra, mas ele não o percebe." Este termo é encontrado também em Jr 30,19: "De seus *filhos* sairá a ação de graças e gritos de alegria. Eu os multiplicarei: não diminuirão mais. Eu os glorificarei: não mais serão humilhados."

A palavra *tse 'irâ* aparece em Gn 43,33: "Estavam colocados diante dele, cada qual em seu lugar, do mais velho ao *mais novo*, e os homens se olhavam com assombro." Esta palavra também é encontrada em Jr 14,3: "Os nobres enviam seus *servos* a procurar água: eles chegam às cisternas, não encontram água, retornam com suas vasilhas vazias. Eles ficam envergonhados e humilhados e cobrem a cabeça." Neste mesmo profeta no capítulo 48,4 temos: "Moab foi esmagada, seus *pequenos* fizeram ouvir um grito".

Este termo é oriundo de *mits 'âr* que significa "pouca coisa ou coisinha", encontrado em Gn 19,20: "Lá está aquela cidade, bastante próxima, para a qual posso fugir. Ela é *pouca coisa*. Permite que eu fuja para lá (porventura ela não é *pouca coisa?*), e nela viverei!". E no texto de Jó 8,7: "Teu passado parecerá *pouca coisa* diante da exímia grandeza de teu futuro."

Na tarefa de nomear as coisas insignificantes *mits 'âr* há uma palavra que tem valor singular. Quando Ló está falando com Deus, defendendo Sodoma para que não fosse destruída, este termo que aparece em Gn 19,20: "Lá está aquela cidade, bastante próxima, para a qual posso fugir. Ela é *pouca coisa*. Permite que eu fuja para lá, e nela viverei". Não tem valia nenhuma, a representação feita por Ló. O mérito da questão é medido não pela defesa que Ló faz da cidade e sim pelo que ela significa. Uma cidade insignificante, Sodoma é considerada cidade de "pouca coisa".

*Tsã 'ir*, na mesma linha das coisas insignificantes, denota aquilo que tem também menos idade e, portanto, tem menor importância e privilégio. O texto de 1Sm 9,21: "Saul respondeu deste modo: 'Não sou por acaso um benjaminita, da *menor* das tribos de Israel, e o meu clã não é porventura o mais modesto de todas os da tribo de benjamim? Por que me dizes tais coisas?". Este versículo mostra precisamente a aplicação deste termo: conversando com Samuel, Saul apresenta



sua insignificância, usando a tribo de Benjamim como exemplo, dizendo que ele é tão “modesto” como seu clã.

A palavra *tsã ‘ir* tem como sinônimos *qātōn; dal* “pobre”, “fraco”, *bāzā* “desprezado”. Gedeão, fazendo suas súplicas a Deus, diz que seu clã é o mais pobre em Manassés. O termo aqui toma outra roupagem dando sentido aos que são pobres. Assim o livro dos Juízes 6,15 afirma “Ai meu Senhor! respondeu Gedeão, ‘como posso salvar Israel? O meu clã é o mais *pobre* em Manassés, e eu sou o último na casa de meu pai.” A fala de Gedeão é muito densa em sentido, quando percebemos as diferentes condições sociais entre ricos e pobres de sua época.

Outra amostra clara da aplicação deste termo é o Sl 119,141 “Sou pequeno e *desprezado*, mas não esqueço teus preceitos”. Diante de Deus, o salmista reconhece sua insignificância, intitulando-se como “pequeno e desprezado”.

*Tsã ‘ir* tem como antônimos *bākôr/bākîr* “primogênito”, *rab* “ancião”, *yeshîsh* “velho” e *ātsum* “forte”. Olhando os antônimos desta palavra, percebemos claramente indícios de um conflito muito grande. O contrário de “velho”, “ancião” e “primogênito”, partindo deste termo e suas derivações em específico, tem o significado de algo ou alguém que é desprezado, pobre e fraco.

É muito interessante perceber que as palavras antônimas não são justamente relacionadas. Enquanto deveríamos ter “velho” e “novo”, temos “velho” e “desprezado”, “insignificante”. Temos também “ancião” e “pobre”, “forte e fraco”. Somente neste último caso os termos têm suas representações antônimas justamente relacionadas. Se aplicarmos este conceito dentro da família, no mundo bíblico, encontraremos forte disparidade entre essas várias instâncias aqui mencionadas.

Verificamos que a partir deste termo os jovens “insignificantes” são, por exemplo, os que não são sábios, Jó 32,6: “Então Eliu, filho de Baraquel, de Buz, interveio dizendo: Sou ainda *jovem* em anos, e vós sois anciãos; por isso, intimidado, não me atrevia a expor-vos a meu conhecimento.” e os que são desprezados Jó 30,1: “Mas agora zombam de mim moços mais jovens que eu, a cujos pais teria recusado deixar com os cães do meu rebanho.”

Ao nos dirigirmos à forma de organização familiar bíblico-judaico encontramos alguns esclarecimentos nos comentários de Vaux (2003, p. 42):

De qualquer forma e qualquer que tenha sido a pré-história de Israel, que não podemos conhecer, a família israelita é claramente patriarcal desde nossos documentos mais antigos. O termo próprio para designá-la é “casa paterna”, *bêt ‘ab*, as genealogias sempre são dadas seguindo a linha paterna e as mulheres só são mencionadas excepcionalmente; o parente mais próximo por linha colateral é o tio paterno, cf. Lv 25,49. No tipo normal do casamento israelita, o marido é o “senhor”, o *ba ‘al* de sua esposa. O pai tem sobre os filhos, inclusive os casados, se vivem com ele, e sobre suas mulheres, uma autoridade total, que antigamente chegava até o direito de vida e morte: Judá condena sua nora Tamar, acusada de imoralidade, Gn 38,24.

Por mais que busquemos possíveis evoluções no modo de organização da família no mundo bíblico-hebraico, devido ao fato desta literatura abranger um espaço de tempo muito extenso, iremos chegar facilmente à realidade acima mencionada.

Se pensarmos no campo das relações incluindo marido e mulher, pais e filhos, anciãos e crianças, adultos e jovens etc, no tempo das tribos vamos ter uma organização centrada na figura do pai ou no filho primogênito.

Ao passar o tempo, com o processo de sedentarização, a família sofre mudanças estruturais. A figura primária não é mais o pai. Os filhos não têm mais como modo de vida somente as atividades de sua casa. As leis do estado monárquico vão, gradativamente, se impondo sobre a família, enquanto ela deixa de ser voltada somente para si mesma, como ilustra de Vaux (2003, p. 45):

É uma transformação que se realizou, tanto em Israel como em Judá, no século VII antes de nossa era. O chefe da família já não exerce sua autoridade de forma ilimitada. Um pai não pode mais mandar matar seu filho; mesmo que se trate de faltas cometidas por um filho contra seu pai ou sua mãe, o julgamento pertence aos Anciãos da cidade, Dt 21.18-21. Já nos tempos de Davi, podia-se apelar para o rei de uma condenação pronunciada pelo clã contra um de seus membros, 2 Sm 14.4-11.

É muito importante percebermos que, apesar das mudanças estruturais na organização social de Israel, aqueles e aquelas considerados (as) insignificantes não o deixam de ser. O processo de crescimento social, pelo qual Israel passou, não deixou esquecer as injustas relações entre jovens e os velhos denominados anciãos. É interessante constatar, com o surgimento do estado monárquico, o poder que antes era usado de forma arbitrária pelo pai ou pelo filho primogênito, agora é o rei

ou o ancião que o exerce sobre as pessoas que socialmente são consideradas inferiores como crianças, jovens e mulheres.

#### 1.2.5 *Qātōn*: ser pequeno, ser insignificante

Termos derivados:

(*qātān*) jovem, insignificante.

(*qātōn*) pequeno, insignificante.

(*qetōn*) significa dedo mínimo.

Coppes afirma que sobre a palavra *qātān* encontramos várias citações muito importantes para a nossa discussão (1998, p. 1335). No Sl 104,25 temos: “Assim é este mar grande e muito espaçoso, onde há seres sem número, animais pequenos e grandes.” Já no Sl 115,13 encontramos esta mesma palavra da seguinte forma: “Abençoará os que temem ao Senhor, tanto pequenos como grandes.” Em Pr 30,24 temos: “Estas quatro coisas são das menores da terra, porém bem providas de sabedoria: (formigas, coelhos, gafanhotos e aranhas)”.

Em Cântico dos Cânticos temos agora a palavra sendo usada para dar significado a uma jovem “Temos um irmã pequena, que ainda não tem seios; que faremos a esta nossa irmã, no dia em que dela se falar?” (Ct 8,8). Em 1 Rs 12,10 lemos: “Os jovens seus companheiros de infância, responderam-lhe: ‘Eis o que dirás a este povo que te disse: ‘Teu pai tornou pesado o nosso jugo, mas tu alivia o nosso fardo; eis o que lhes responderás: ‘Meu *dedo mínimo* é mais grosso que os rins de meu pai!’”. E em 2 Cr 10,10, encontramos este mesmo texto.

A raiz *qtn* se refere à pequenez de quantidade ou qualidade. Quanto a sinônimos, compare-se com: ‘*eprōhīm*, *gōzāl*, “filhote de ave”, *dak*, “ralo”, “escasso”, fino” (COPPES, 1998, p. 1335). O termo *qātān* se dirige ao jovem, à jovem quando é usado para especificar aquilo ou algo “pequeno”, “curto”. Mais comumente aplicado para “criancinha”, é o termo *tap*.

Outra palavra que para nós significa muito é *tsā ‘îr*, “mais novo”, “pequeno”, “insignificante”, “menos privilegiado”, e *bāzûy*, “desprezado”. Estes termos têm como antônimos as palavras *gādôl*, “grande”, e *bāhûr*, “totalmente desenvolvido”, “com

vigor”, “homem novo e não casado”. Se contarmos todos os derivados acima com esta raiz, sua ocorrência é de 107 vezes (COPPES, 1998, p. 1335).

Parece-nos importante constatar que algumas vezes quando a Bíblia Hebraica usa estas palavras é porque os textos são muito significativos. Assim sendo, em Nm 22,18: “Balaão deu aos enviados de Balac esta resposta: ‘Ainda que Balac me desse a sua casa cheia de prata e de ouro, eu não poderia transgredir a ordem de Iahweh, meu Deus, em coisa alguma, *pequena* ou grande.’”

A soberania divina se vê no fato de ele sustentar todas as criaturas marinhas grandes e pequenas. O Sl 104,25 declara “Quão numerosas são tuas obras, Iahweh, e todas fizeste com sabedoria! A terra está repleta das tuas *criaturas*.” Esta raiz denota também o conceito de “pequeno em anos”, literalmente jovem.

A tribo de Benjamim é outro exemplo claro da aplicação desta palavra. Gn 42,20 diz “Trazei-me vosso irmão *mais novo*: assim vossas palavras serão verificadas e não morrereis. Assim fizeram eles. Eles disseram uns aos outros: Em verdade, expiamos o que fizemos a nosso irmão, vimos aflição de sua alma, quando ele nos pedia graça, e não o ouvimos.”

Já em Gn 43,33 temos: “Estavam colocados diante dele, cada qual em seu lugar, do mais velho ao *mais novo*, e os homens se olhavam com assombro.” E em Gn 44,20 “E respondemos a meu senhor: Nós temos o velho pai e um irmão *mais novo*, que lhe nasceu na velhice; morreu o irmão deste, ele ficou sendo o único filho de sua mãe e nosso pai o ama!”

No segundo livro de Reis encontramos o leproso de Naamã que seguiu o conselho de uma “*moça pequena*”, bem nova. Depois de ouvir o conselho ficou corado com a pele igual à de um “*moço pequeno*” “Ora, os arameus, numa incursão, tinham levado do território de Israel *uma moça* que ficou a serviço da mulher de Naamã.” (2 Rs 5,2).

Esta palavra *tsã ‘îr* ainda é com frequência usada para indicar as coisas ou pessoas consideradas “pequenas”, “fracas” e “insignificantes”. O favor insignificante que pede a Salomão em 1Reis 2,20 “Disse ela: Tenho um *pequeno* pedido para te fazer, não mo negues. O rei lhe respondeu: Pede, minha mãe que não to negarei.”

A bênção sobre seu filho, José, dizendo que ele é o mais jovem de todos seus outros filhos “Mas seu pai recusou-se e disse: Eu sei meu filho, eu sei: também ele se tornará um povo, também ele será grande. Entretanto, seu filho *mais moço* será maior que ele, sua descendência se tornará uma multidão de nações.” (Gn 48,19).

Contra-pondo à idéia de mais jovem, Jacó anuncia sua grande descendência, e também sua importância, fazendo assim comparação ao mais velho.

No texto de primeiro Samuel, Deus lembra Saul de quando ele era insignificante e fraco a seus próprios olhos: “então Samuel disse: “Por menor que sejas aos teus próprios olhos, não és o chefe das tribos de Israel? lahweh ungiu-te rei sobre Israel.” (1 Sm 15,17).

Em primeiro Reis, Josias convocou todo Israel, desde os pequenos até os grandes, para ouvir a leitura da lei: “O rei de Aram dera esta ordem a seu comandante de carros: “Não atacareis nem pequeno nem grande, mas somente o rei de Israel” (1 Rs 22,31). O uso deste termo está também em Is 60,22: “O menor deles chegará a mil, o mais fraco, a uma nação poderosa. Eu, lahweh, no tempo próprio, apressarei a realização destas coisas”.

Para nós esta citação apóia nossa perspectiva, pois aqui encontramos um outro conceito de pequeno. Deus dá um valor diferente àquilo ou àqueles que são pequenos. Pensamos que para ajudar em nossa reflexão sobre os jovens na literatura bíblico-judaica, temos neste texto de Isaías uma pedra preciosa.

Olhando todas as palavras citadas anteriormente neste primeiro capítulo de nosso trabalho, *qātōn* é o primeiro termo a lançar uma perspectiva expressiva e diferente das até aqui trabalhadas. Neste texto é Deus quem defende os pequenos e insignificantes. O grito é forte, pois a ação, em defesa dos pequenos, não parte das pessoas que detinham o poder. Não são os anciãos, chefes de família ou primogênitos que estão defendendo os pequenos. A defesa dos pequenos, insignificantes, parte do próprio Deus.

Na apreciação das relações sociais, familiares, na mentalidade bíblico-judaica, o texto de Is 60,22 muda totalmente a realidade dos que na época eram considerados pequenos e insignificantes: A ação de Deus se dirige em defesa dos não contados nem considerados da época. Parece-nos que neste texto é o poder que está sendo questionado. A figura do ancião, do marido, do primogênito, deixa de ter valor máximo. O próprio Deus é quem define esta nova relação. Como afirma Valmor da Silva refletindo sobre os marginalizados (1988, p.21)

Os marginalizados continuam articulando a história. Às vezes eles são pisados com tanta força que parecem desaparecer. Mas, não! Estão afundando raízes, criando força e brotando noutra lugar ainda com mais vigor.

Para podermos entender melhor o que Is 60,22 representa nesta nossa tarefa de identificar as palavras, situaremos este texto, dentro de Is 56-66, em seu contexto histórico. Alguns exegetas dataram estes capítulos do livro de Isaías chamado de “Trito-Isaías” ao tempo do retorno do Exílio, outros, porém, o situam no tempo imediatamente posterior, no tempo do domínio grego.

Em ambos os casos e pelo que significou de dominação opressora dos dois Impérios sobre Israel, é muito importante a existência deste pequeno texto como fruto de reflexão teológica. Diante do poder manifestado pelos opressores, os pequenos e insignificantes não estão esquecidos, ainda mais estão sendo lembrados e valorizados.

Estamos trabalhando com a idéia de que existe um conflito, entre as pessoas jovens que, na época, eram consideradas como insignificantes, e os anciãos, chefes de família. Relatar este conflito é muito importante, sentir como a Bíblia reconhece ao Deus que opta pelos pequenos é vital. Pois ao olhar a Bíblia Hebraica na perspectiva do considerado pequeno, do jovem e da jovem confirmamos a importância de resgatar aqueles e aquelas que não são considerados e respeitados na história bíblico-judaica oficial.

### 1.3 Síntese e perspectiva

Neste primeiro capítulo de nosso trabalho estudamos um número de palavras relativas a jovens. Sabemos que devem existir outros termos que podem ajudar a entender a questão que estamos propondo discutir. De acordo com a bibliografia pesquisada, as palavras aqui mencionadas foram as que mais ajudaram a nossa reflexão. Nossa intenção é dar fundamento para continuar a busca daqueles considerados pequenos e insignificantes.

Diante de tudo o que refletimos até agora, trazemos novamente os questionamentos que este trabalho aprofunda: como era a situação das jovens e dos jovens no contexto familiar? Como eles eram vistos? Qual era sua contribuição na organização da casa? Por que, na literatura bíblica sobre a qual estamos pesquisando, os jovens aparecem tão pouco?

Neste processo de procurar as palavras que conceituam os (as) jovens, que os façam visíveis, estamos percebendo o quanto é difícil e arriscada a nossa tarefa,

pois encontramos poucos dados escritos sobre estes temas no campo acadêmico científico.

Em nosso segundo capítulo, vamos concentrar nossas forças nos ditos e provérbios que tratam sobre a questão dos (as) jovens. Queremos também aprofundar esses ditos, o como eram configuradas as relações entre jovens e anciãos.

Faremos, ainda, uma abordagem sobre o contexto, concretamente sobre o tempo da Monarquia e como ela influenciou no ocultamento dos (as) jovens. Uma análise sobre como foi construída a sabedoria hebraica com enfoque nos ditos e provérbios será explicitada para melhor desenvolvermos esta discussão.

## 2. AS RELAÇÕES ENTRE OS (AS) JOVENS E OS ANCIÃOS

Este segundo capítulo tem a intenção de refletir e questionar como são tratados os (as) jovens ou aqueles e aquelas que não são considerados (as) adultos, na literatura da Bíblia Hebraica. Para considerar e ponderar este tópico, nosso alvo é fazer um estudo a partir do chamado movimento sapiencial na história antiga de Israel, dando uma atenção especial aos provérbios e ditos registrados na Bíblia.

Em nosso entendimento, os provérbios e os ditos populares, escritos na literatura do Primeiro Testamento, revelam em sua maior parte, como eram configuradas as relações sociais. Ao iniciar este debate, partimos do pressuposto de que a cultura da época tem papel definidor na escrita, neste caso, na literatura que forma a Bíblia Hebraica.

Os escritos bíblicos do Primeiro Testamento são marcados fortemente pela memória das tradições culturais de sua época. Como afirma Nakanose (1995, p. 36).

O povo de Israel, sobretudo os camponeses, mantinha viva a memória do projeto tribal, onde a Casa era símbolo de vida. Na sociedade tribal a terra pertencia à tribo, à comunidade, aos grupos de famílias que formavam a Casa. Para ter acesso à terra e ao produto dela era necessário fazer parte da Casa. Aí acontecia a distribuição do trabalho, a partilha, a solidariedade, a convivência humana e a celebração comunitária. A casa era “a carteira de identidade” da pessoa. Era seu referencial.

A pesquisa histórica e exegética bíblica sobre a cultura hebraica confirma que os escritos do Primeiro Testamento não fogem às evidências de que o sistema patriarcal dominou durante toda a história de Israel. No decorrer dessa história, os anciãos foram se consolidando, à sombra do sistema patriarcal, fazendo que outros sujeitos sociais como crianças, mulheres e especialmente os (as) jovens ficassem de certa forma subordinados e eles (THIEL, 1999, p. 34).

Ainda que reconheçamos que se podem fazer outros tipos de recortes e abordagens na pesquisa bíblica, no presente momento, nós optamos por este caminho: o da relação jovens e anciãos.

Sobre a questão dos anciãos como grupo social, Schwantes (2006, p. 41-42) afirma:

O mando estava com os anciãos. Este mando social excluía ou, ao menos, tendia a excluir as mulheres. A rigor, no tribalismo, apesar das Déboras



Jaéis, Mírians e outras semelhantes, a opressão da mulher já é um dado. Neste sentido, os anciãos já não alcançam representar o conjunto da população. Representam-no tão somente na faixa masculina. Essa questão ainda se agudiza, quando alguns clãs e anciãos vão enriquecendo na base do gado, do óleo, de trocas vantajosas, de comércio. Na mesma medida, justamente os ancião serão promotores do reinado. Os patriarcas das famílias mais abastadas foram fiéis aliados das monarquias como tão bem mostra 1 Rs 21.

No decorrer deste capítulo tentaremos de demonstrar como a exclusão praticada pelos anciãos não atingia somente as mulheres consideradas adultas, casadas ou viúvas. Entendemos que os (as) jovens também sofreram sérias conseqüências desta exclusão no transcurso do desenvolvimento social do povo que deixou sua história escrita na Bíblia Hebraica.

Entretanto, como já afirmamos anteriormente, queremos aqui fazer uma abordagem sobre como eram as relações entre os anciãos e os (as) jovens a partir da literatura sapiencial e, mais especificamente, aprofundando os provérbios que temos na Bíblia Hebraica, porque esperamos desta reflexão uma possibilidade de análise e diálogo que enriqueça a atual situação dos jovens diante dos adultos.

## 2.1 A sabedoria hebraica e os (as) jovens

A sabedoria, na cultura hebraica, é um processo e riqueza desenvolvidos no decorrer de história. Existem muitos autores como Luis Alonso Schokel, Jean Leveque, José Vilchez e Ney Brasil Pereira, entre outros, que fizeram esforços para entender a origem e o caminho do movimento sapiencial em Israel. A questão da sabedoria é de vital importância para clarear o nosso objeto de estudo, pois, nos coloca em sintonia com uma riquíssima produção literária numa cultura milenar, que pensamos, chega e influencia até nossos dias.

No entanto, antes de abordarmos a relação sabedoria e jovens, queremos trazer a importante contribuição que Garmus faz sobre o que é a sabedoria (2009, p. 151):

Os exegetas discutem sobre o conceito de sabedoria e sobre a origem da literatura sapiencial bíblica. Várias são as tentativas de definir o conceito de sabedoria. Para Gerhard von Rad, a sabedoria é “um conhecimento prático das leis da vida e do universo. Baseado na experiência”. Sua finalidade seria dar normas para uma vida segundo a ordem do mundo, estabelecida e

garantida por Deus. Para Whybray, a sabedoria do Antigo Testamento é um mundo de idéias que reflete uma atitude perante a vida.

A atmosfera que constituía os escritos da sabedoria e grande parte da literatura da Bíblia Hebraica, tinha como alimento vital a sabedoria familiar, do clã, da tribo, do campo e do santuário. Sobre o contexto de como surgiu essa sabedoria Pegorini comenta (1996, p. 9):

A sabedoria foi demasiadamente valorizada e concebida como orientação prudente para a vida. Essa era, afinal, o produto que os sábios ofereciam e que lhes dava o sustento. Viviam de sua capacidade de persuadir os senhores de que sabiam de fato. Daí a importância de saber falar e saber calar (Pv 22,1). Enquanto os agricultores tinham posse sobre seus instrumentos de trabalho e o rei tinha poder próprio, os sábios viviam de seu conhecimento. Isso explica o caráter conservador dos sábios que, para sobreviver, tinham que defender o rei, não ofendê-lo nem provocar sua ira.

Queremos primeiramente entender, na literatura sapiencial da Bíblia, o que os escribas afirmavam sobre a sabedoria e qual era o conceito de jovens, rapazes e moças nos diferentes tempos bíblicos. Ponderamos que para esta investigação é necessário compreender quais eram as imagens de sábios que havia no tempo antigo e assim, num segundo momento, discutir o papel dos (as) jovens dentro da própria literatura sapiencial.

Em nosso consciente coletivo, hoje, temos bem definida uma imagem de sábio. Para nós, a maioria das vezes, uma pessoa sábia tem, como primeiro requisito, um elevado acesso à educação acadêmica. Imaginamos que quem é sábio está sempre rodeada de muitos livros ou diante do seu computador, trabalhando incansavelmente em prol de seus interesses.

O sábio não se caracteriza ou relaciona, frequentemente, com as questões práticas da existência humana. Tem função quase que unicamente de decisão, e poucas vezes, homens ou mulheres chamados de cultos exercem uma atividade prática e muito menos coletiva. Bem diferente era a experiência dos sábios de Israel. Segundo Comblin (1993, p. 10) naquele tempo:

Os sábios no Oriente que aparecem nos documentos escritos que nos foram conservados pertenciam às classes governantes. Eram os chamados "magos" do Oriente, funcionários da corte, administradores, escribas, conselheiros dos chefes, analistas, conservadores de arquivos. Trabalhavam a serviço dos reis ou dos templos. Para eles tinham sido elaboradas coleções de ditos e sentenças, conselhos e exortações que constituíam a base da sua educação. Tratava-se de formar bons e fiéis

administradores que cumprissem corretamente sua tarefa a serviço da corte ou do templo.

A ciência bíblica prova que o modelo de sábio, o que temos na atualidade, não condiz com a imagem do mesmo, no contexto do Israel Bíblico. Segundo Sicre (1995, p. 271):

Ao falar dos sábios de Israel nos referimos a um grupo de pessoas bastante heterogêneo, que abrange desde o educador até o filósofo ou o teólogo, passando pelos preceptores dos príncipes e da nobreza e pelos conselheiros da corte. Neste sentido pode-se dizer que os sábios se movem em ambiente social elevado, detalhe que pode condicionar o conteúdo e o método de suas reflexões. Mas não nos esqueçamos de que junto a esta sabedoria cortesã existe uma outra popular, simples produto da observação e da experiência dos anos.

Devemos aceitar, então, que no contexto de Israel, o sábio tinha uma conotação bem diferente da nossa, hoje<sup>1</sup>.

Gottwald (1988, p. 523-525) evidencia melhor a imagem de sábio na Bíblia:

'Sabedoria' representa um modo de ver o mundo baseado em íntima observação e cuidadosa reflexão, num empenho por discernir a harmonia e a ordem substanciais que se percebe serem constitutivas dele. O estilo característico sapiencial não se detém, entretanto, na observação e reflexão, já que a sua meta é desenvolver estratégias de vida que integrarão a existência do indivíduo com a ordem percebida do mundo. (...) O centro sapiencial é o observador humano e ator social capaz de aprender.

Nestes dois conceitos de sábios em Israel, que nos apresentam Sicre e Gottwald, convém destacar algumas características. Sicre diz que o sábio se constitui como tal, pela simples observação da vida no decorrer dos anos. Nesta perspectiva, o sábio é somente aquele ou aquela que tem muitos anos de vida. Em nosso entendimento, este conceito de Sicre isola a possibilidade dos (as) jovens poder contribuir com a sabedoria, pois os mesmos não viveram o bastante para observarem a vida como um todo. Porém, concordamos com este exegeta, quando ele reconhece que os chamados sábios em Israel eram pessoas bem heterogêneas e até, em nossa opinião, com mais heterogeneidade da que ele propõe, como

---

<sup>1</sup> Nossa pesquisa sobre a sabedoria e o sábio no tempo bíblico foi feita principalmente depois de consultar os livros dos autores: José Vilchez Líndez, Victor Morla Asensio, Carlos Mesters, Ivo Storniolo e Ney Brasil Pereira dos que fazemos referência na bibliografia desta dissertação, além dos autores citados neste capítulo.

seriam as diferentes experiências de sabedoria de anciãos homens ou mulheres, de jovens, ou de crianças.

Ponderamos à ausência clara dos (as) jovens neste conceito de sábios, pois eles, pela sua própria característica, não são avistados pelo grupo que escreveu sobre a sabedoria. Seguindo este pensamento, os (as) jovens não têm sabedoria ou estão em um estágio de não a ter alcançado ainda.

Ao contrário da idéia de Sicre, temos o outro estudioso citado, Gottwald, que afirma que o sábio ou a atitude dos que almejam a sabedoria, caracteriza-se pela intenção de conseguir ou chegar a um estado em que eles possam obter “um modo de ver o mundo em íntima observação e cuidadosa reflexão, num empenho por discernir a harmonia e a ordem substanciais...”. Partindo deste conceito de sábio, constatamos uma suposta e possível atividade dos (as) jovens, pois os mesmos dispõem das características aqui apresentadas.

No livro de Jó se afirma: “Não é a idade avançada que dá sabedoria, nem a velhice a inteligência do que é justo” (32,9). É importante lembrar que o livro de Jó representa um movimento de reflexão e resistência à sabedoria oficial, segundo Storniolo (1992, p. 9). Parece-nos importante ressaltar esta idéia, uma vez que algo semelhante acontece atualmente com o movimento dos jovens, pois nas suas atitudes e ideais, são vistos e até recriminados pela sociedade como grupos de resistência.

Os (as) jovens, num período chamado de Israel primitivo, tinham uma significativa liberdade em suas vidas. Podemos então afirmar que este conceito de Gottwald, aplicado ao tempo chamado por Vaux de Israel primitivo, pode expressar e nos dizer que os (as) jovens, com certeza, devem ter dado importantes contribuições para o processo de origem e constituição da sabedoria.

Considerando como evidente que os (as) jovens estão fundamentalmente carregados dos elementos apresentados por Gottwald, percebemos que as características mais significativas reconhecidas na sabedoria eram entre outras, a observação, a reflexão cuidadosa, o discernimento e o desejo da harmonia. Não podemos ignorar que estas são características, muito facilmente, encontradas entre os (as) jovens.

No que diz respeito aos ditos e ditados considerados sapienciais, eles são as máximas sobre o modo de a maioria do povo comportar-se no falar e no agir,

sempre com o intuito e até a intenção de observar e captar o bem ou o mal e de assegurar o próprio sucesso e progresso e ainda de viver livre dos problemas vindos da hostilidade, oposição e derrota.

Neste eixo, temos algumas indicações de que os escribas recolheram essas máximas e as ensinaram para definir como devia ser a atuação dos jovens na sociedade hebraica da época. De acordo com Mckenzie (1983, p. 812):

Muitas coleções foram encontradas em cópias escolares; nos estudos, os jovens eram instruídos nos moldes de um bom escriba (...) pensava-se que a sabedoria podia ser aprendida somente por meio da instrução.

Avaliamos que a sabedoria e seus agentes mudaram com o desenvolvimento dos acontecimentos históricos do povo de Israel e que ainda que os sábios quisessem impor sua forma de ver a vida, os jovens foram agentes também da evolução da cultura. Apesar de não termos, nos escritos hebraicos, o conceito de jovens como temos hoje, isto não justifica pensar que eles não existiam. Como já afirmamos, aceitamos que os jovens tinham sim, participação da vida do povo da Bíblia e isto queremos provar na nossa pesquisa.

Para nós, é inegável que os processos de mudança aconteceram também com os (as) jovens. Na história bíblica, se acompanhamos o povo hebreu nos primórdios de sua origem, temos um conceito e atuação dos (as) jovens bem diferentes do tempo da chamada Monarquia estabelecida. Neste período os jovens e a própria sabedoria tomaram outras formas de expressão, como veremos a seguir.

## 2.2 O tempo da Monarquia, valorização e esquecimento de certos jovens

O momento mais forte da exclusão dos jovens foi o período da Monarquia<sup>2</sup>, onde os rapazes e moças, que atuavam nos ambientes familiares rurais, no campo e nos santuários, foram considerados (as) insignificantes nos seus valores e serviços à família ou ao clã, porque no tempo da Monarquia só foram valorizados, por um

---

<sup>2</sup> Consultamos os autores Teodorico Ballarini, John Bright, Ciro Cardoso, François Castel, Henri Cazelles, R. E. Clements, Herbert Donner, Alice Laffey, Carlos Mesters, Martin Noth, Robert-Feullet, Ernst Sellin, Georg Fohrer e Hans Kippenberg.

lado, aquelas jovens belas que poderiam agradar aos reis como Abisag de Sunam: “Essa jovem era extremamente bela, passou a cuidar do rei e a servi-lo” (1 Rs 1,4-4).

Por outro lado, na Bíblia Hebraica foram apreciados e reconhecidos aqueles jovens, que foram ungidos reis como foram, entre outros, Saul, Davi, Salomão e Josias: Saul era jovem (1Sm 9,27), um “belo jovem” (1Sm 9,2). Davi era o filho menor de Jessé (1 Sm 16,11), chamado de criança (1 Sm 17,33) e de jovem (1 Sm 17,55.58). Salomão se auto-reconhece jovem (1 Rs, 37) e é chamado de jovem pelo seu pai (1 Cr 29,1). Josias, que foi nomeado rei aos oito anos e teria uns dezoito anos quando começou a reinar (2 Rs 22,1.3), desde os 12 anos começou purificar Jerusalém e já jovem procurava o seu Deus (2 Cr, 34,3). Outros jovens lembrados faziam parte da família do rei como o jovem Absalão (2 Sm 8,5.12; 14,21; 18,29.32).

Diversos outros jovens valorizados, durante o tempo da Monarquia, aparecem, ainda, como fortes e valentes. Sejam eles moças ou rapazes ao serviço do rei ou soldados para a guerra. Budallés Diez (2008).

No tempo da Monarquia jovens eram valorizados em função do rei. As mulheres como perfumistas, auxiliares do rei e rainha. Também podemos pensar que a Bíblia faz referência a jovens quando afirma “Todos os bravos e valentes que Saul conhecia, ele os requisitava para si” (1Sm 14,52). De fato, repetidamente escudeiros ou soldados que aparecem durante o período da Monarquia, são jovens (1 Sm 14,1.6; 2 Sm 13,34; 17,18; 1Sm 20,35).

A lembrança dos jovens aparece também entre os profetas e nas suas profecias. Como o jovem profeta (2 Rs 9,4) discípulo de Eliseu. O profeta Jeremias se desculpa com medo de assumir sua vocação de profeta: “...Sou ainda jovem” (Jr 1,6). Carlos Mesters comenta os estalos da sua vocação jovem e os primeiros passos do profeta em Anatot, certamente em ambiente, onde jovens, não eram bem vistos pelos anciãos desse vilarejo (MESTERS, 1992, p 31-42).

Na palavra profética, por exemplo, Jeremias narra as desgraças da guerra e recorda o “jovem guerreiro” (Jr 15,8) e o castigo que atingirá a velhos, jovens, virgens e crianças (Jr 51,22). Ezequiel e Isaías, em belas comparações, lembram a Jerusalém a aliança que lahweh fez com ela quando era jovem (Ez 16,59) e a alegria do nosso Deus quando Jerusalém desposará como jovem uma virgem (Is 62,5).

Reafirmamos, durante este tempo da Monarquia que foi também do Movimento Profético, só são lembrados os jovens que tem um papel estimado ou

temido pelos monarcas, como são os próprios reis, as jovens belas que servem aos reis, os soldados que fazem a guerra em favor dos seus reis e os profetas proferindo palavras, que anunciam ou denunciam as ações dos reis, e que ao serem escutadas e apreciadas pelo povo, tinham seu valor para a atuação do rei.

Pretendemos, a seguir, a partir do estudo do livro dos Provérbios e especificamente de certos provérbios, verificar como eles foram responsáveis e usados para justificar o novo sistema monárquico onde uns poucos, reis, sacerdotes e escribas, certamente entre eles os chamados anciãos, dominavam sobre a maioria da população e ocultaram a existência dos jovens. O movimento chamado sapiencial, dentro do sistema monárquico, fruto da cultura da época e, como já afirmamos, modelador da consciência coletiva, seria assim o responsável pela mudança de mentalidade.

### 2.3 A teologia do livro dos Provérbios e a questão dos jovens

O livro de Provérbios é o resultado do agrupamento de anos de cultura desenvolvida pelo povo da Bíblia. Segundo Comblin (1993, p. 10/11):

Precisamos levar em conta que os livros mais antigos, sobretudo o mais antigo, que é o livro de Provérbios, foram compostos pouco a pouco no decorrer de 5 séculos pelo menos. [...] Em primeiro lugar parece que entraram nos provérbios sentenças antigas de tradição sapiencial vindas dos anciãos das famílias, os costumes tradicionais. [...] O livro de Provérbios teve já redação antes do exílio, mas é provável que foi completado durante o exílio, com o fim de salvar as tradições em vista de uma restauração da dinastia e do reino, que vários profetas anunciavam.

Ainda sobre a formação do livro de Provérbios, Cascante (1996, p. 9) afirma:

Essa literatura sapiencial começou a tomar forma, em Israel, nos tempos da monarquia, especialmente durante o reinado de Salomão, que, dentro da tradição judaica, representa o ideal do homem sábio (1Rs 4,29-34). Isto explica por que, embora grande parte do conteúdo do livro seja resultado de um longo período de compilação, redação e edição da sabedoria nascida da experiência do povo, Salomão é mencionado como autor do mesmo.

Os ensinamentos, que hoje temos recolhidos neste grande escrito, são fruto de muita escuta do que existe de mais popular e também do que predominava nos

ambientes da Monarquia estabelecida em Israel e região circundante. Não podemos deixar de mencionar a influência da sabedoria sacerdotal com sua visão de Deus, bem clara e direta, que modelou por muito tempo o consciente coletivo desta época. Como afirma Azevedo (1996, p. 22).

O livro de Provérbios é fruto de um longo processo, começando desde os tempos de Salomão. Pode ter recebido sua forma final no séc. V a.C. Ele representa cinco séculos de literatura sapiencial em Israel. Constitui uma autêntica antologia sapiencial de Israel. [...] Acredita que para ter sabedoria não basta a observação, mas é necessário fé e o temor no Senhor (Pv 15,33). Deus e a religião são valores imprescindíveis para se conquistar a sabedoria (Pv 1,7; 9,10). Deus é o mistério que dirige o homem, mistério do qual ele depende totalmente. O homem tudo faz em consequência e por disposição de Deus mesmo, não de um modo mecânico e mágico, mas na perspectiva da liberdade e da responsabilidade.

Concordamos que o livro de Provérbios é fruto de uma longa caminhada histórica e queremos enfatizar que nesta trajetória literária de provérbios recebeu também fortes influências da chamada Escola Deuteronomista<sup>3</sup>. Agrega-se uma visão mercantilista de Deus, que já existia na época e no meio de uma mentalidade formada na teologia da retribuição.

De acordo com esta linha teológica, o povo de Israel tinha a visão de um mundo organizado e ordenado por Deus e as pessoas viviam suas relações com este Deus, na forma de causa e efeito. Esta imagem de Deus foi primeiramente explicitada no Livro de Deuteronômio, porém na pesquisa bíblica, hoje, afirmamos que as influências da teologia deuteronomista não se restringiram somente ao livro do Deuteronômio. Essa teologia perpassa grande parte dos livros da Bíblia Hebraica. Concretamente, no livro de Provérbios temos muitos exemplos da lógica teológica deuteronomista (cf. Pr 1,8-9; 3,1-2.11-12; 11,12; 12,4-21; 14,2; 19,1; 23,13-16).

Conseqüentemente, nós certificamos que a imagem de Deus, defendida pelos autores deuteronomistas atingiu, de forma bem direta, também, as relações entre as pessoas, pautando os seus valores e modelos de conduta na vida cotidiana. Sobre esta percepção de Deus, Lopez (1992, p. 8-9) afirma:

---

<sup>3</sup> Consultamos os autores Norbert Lohfink, Rolf Rendtorff, William White e Claus Westermann além dos autores citados neste capítulo.



Na trama do Deuteronômio há cinco pontos de importância decisiva: um Deus, um povo, uma terra, um santuário e uma lei. Não se trata de elementos separados uns dos outros, mas de cinco fios entrelaçados, aos quais vêm prender-se muitos outros fios (eleição, aliança, bênção, maldição etc). formando vasto tecido. [...] A terra representa o dom por excelência de Deus a seu povo. Enquanto dom de Deus, ela traz em si uma espécie de transcendência, mas encerra também perigo, o de sua imanência, a tendência a apegar-se aos bens terrestres e a esquecer-se de seu doador. Enfim, a lei é a expressão da vontade de Deus para seu povo: ser fiel ao Senhor significa observar seus mandamentos, sendo o amor a Deus a essência da Lei.

A teologia deuteronomista alega que a relação Deus-pessoa está de acordo com as ações do indivíduo. Deus lhe retribui de igual forma.

Como funcionava o esquema da teologia da retribuição? A pessoa que fazia de sua vida um conjunto de boas ações, Deus a abençoava ou retribuía também de forma positivamente igual. Ao contrário, a pessoa que não obedecesse às ordens deste Deus criador e organizador do mundo, não obteria suas bênçãos, por consequência sua vida seria uma grande maldição. Sobre a teologia da retribuição Pegorini (1996, p. 10) afirma:

Essa crise foi explicada com uma teologia que visava garantir os interesses daqueles que viviam na segurança e no bem-estar, pelo pessoal ligado ao Templo: a) Deus Criador e Senhor da História. Essa imagem de Deus visava manter o povo submisso ao sistema da época. Questionar ou desobedecer o sistema significava opor-se aos desígnios de Deus, ser injusto e pecador. b) Doutrina da Retribuição, em que o justo é abençoado por Deus, com vida longa, saúde, muitos filhos, honra e prosperidade econômica e o ímpio castigado por Deus com morte prematura, esterilidade, doença, desprezo e miséria. Assim, aqueles poucos ricos e opressores tinham a proteção da religião que os declarava justos e tementes a Deus, enquanto a grande maioria dos pobres, além dos sofrimentos que a vida lhes falou, sentiram o peso da religião que os considerava pecadores. O Deus da justiça tornou-se, assim, parceiro dos ricos e opressores e inimigo dos pobres, a tal ponto que o pobre sentia medo de expor-lhe sua situação (Jó 13,20-28).

Ainda, sobre a teologia da retribuição também Azevedo (1996, p. 21) alega:

Por outro lado, a doutrina da retribuição determinou muitos aspectos da vida prática em Israel. Esta doutrina postula que Deus recompensa neste mundo o bem com o bem e o mal com o mal. Deus é justo e não divide indiscriminadamente felicidade, mas abençoa o piedoso e pune o ímpio. Cada qual colhe aquilo que semeou (Pv 30,10; Jó 4,7-11).

Contra esta realidade, algumas obras da literatura sapiencial, como o livro de Jó, partes do Eclesiastes e de Provérbios deram respaldo para questionar muitos problemas que assolavam diretamente a sociedade da época.

Essa afirmação significa que não podemos deixar de considerar que na visão sapiencial existem duas vertentes. Uma que defende que a prosperidade é sinal da presença de Deus, corrente teológica geralmente defendida pela casta sacerdotal. E um segundo grupo ou vertente que defende que Deus não tem ligação nenhuma com a situação econômica das pessoas, com sua saúde nem com uma vida de sofrimento. Neste grupo aparece a intenção de avaliar as razões e causas por que umas pessoas são pobres, doentes, sofredoras e outras não.

Geralmente chega-se à conclusão que o processo de empobrecimento dos indivíduos tem uma proximidade íntima com a forma como as relações entre os indivíduos são praticadas. Porém, a corrente deuteronomista afirmava que a situação de empobrecimento é a causa ou efeito de nossa relação com Deus. Estudos apontam que esta visão de Deus é fruto da observância dos sábios ligados ao sacerdócio e ao Templo. Segundo Gottwald (1988, p. 531):

Causa algo de surpresa o fato de que, computado, literalmente, não mais do que um terço dos provérbios e admoestações avaliativos sobre riqueza e pobreza sustentam o pretensível dogma da sabedoria segundo o qual os ricos e os pobres merecem as suas sortes. Na minoria dos casos em que se condena moralmente à pobreza, a aflição dos pobres é com muita freqüência imputada à ociosidade, o que tem, antes mais, sinais da presunção de classes do que de julgamento teológico javista.

Aprofundar este tema não é nossa intenção agora, porém, reconhecemos que ele é importante. Discutir como os jovens eram tratados nesta literatura, necessariamente, tem que considerar a visão teológica da época, pois a mesma orientava todas as relações. Sendo assim, encontramos, neste contexto sapiencial, uma sociedade conduzida por valores ligados à ética de um Deus chamado Javé, o Libertador. Sabemos que este Deus tem sua característica máxima na escuta aos pequenos (Ex 3,7-9), característica de longa tradição bíblica.

Conseqüentemente cabe a nós perguntarmos se porventura na literatura sapiencial, sobretudo no livro de Provérbios, houve uma certa apropriação e instrumentalização desse Deus, por parte daqueles e aquelas que não queriam olhar para os pequenos e excluídos e entre eles aos jovens. Para poder responder a essa

pergunta será necessário verificar como e quando eram organizadas as idéias, as visões de Deus, o poder dos anciãos, a situação dos jovens e crianças. Entender as admoestações, os avisos, o que declaram ser virtude etc da maioria dos Provérbios. Faz-se necessário, então, observar mais detidamente o livro dos Provérbios.

#### 2.4 A organização do livro de Provérbios e sua relação com os (as) jovens

Pretendemos apresentar como o livro de Provérbios é organizado, usando aqui a mesma estrutura e visão que está registrada na Bíblia de Jerusalém (2000).

O livro de Provérbios é o escrito que tem as características mais típicas da literatura sapiencial. Sua origem e formação foi a partir de duas grandes coleções: Provérbios 10,1-22,16 denominados “Provérbios de Salomão”, e os capítulos 25-29, onde se afirma que estes são “provérbios de Salomão transcritos pelo grupo de Ezequias”. A estas duas partes foram acrescentados dois apêndices: o primeiro, as chamadas “Palavras dos sábios” (2,17-24,22 e 24,23-34) que “também estes são dos sábios”.

Com relação a outras partes do livro de Provérbios denominadas “Palavras de Agur” (30,1-14) prosseguida por provérbios numéricos (30,15-33) e as “palavras de Lamuel” (31,1-9), encontramos diversas opiniões entre os estudiosos, já que a própria tradução grega da Bíblia, a Septuaginta interpola estes versículos no capítulo 24 e a tradução latina, a Vulgata, tem outra interpretação (cf. nota Bíblia de Jerusalém).

Estes dois grandes conjuntos, que mencionamos, são introduzidos por uma grande admoestação, Pr 1-9. Este primeiro bloco trata dos pais que fazem uma longa recomendação da sabedoria a seus filhos. Com o desenrolar do discurso, a própria sabedoria é quem toma a palavra. Sobre esta primeira parte de Provérbios Garmus (2005, p. 40) escreve:

A coleção mais recente do livro de Provérbios (1,1-9,18), literariamente, se apresenta como instruções dos pais aos filhos. O pai fala em primeira pessoa ao seu filho, reforçando a ideologia do etos familiar. [...] O leitor é convidado assumir o papel do filho e escolher entre os valores que preservam a sociedade a as ações que comprometem a estabilidade familiar.

O término do livro é feito com um poema alfabético que louva a mulher considerada perfeita segundo a concepção da poesia (Pr 31,10-31).

No que diz respeito à data de uma provável organização redacional, Gottwald afirma: “A estrutura redacional do livro, provavelmente pode ser datado de 450-350 a.C, é muito propositada nos seus requintes” (1988, p.530). Trabalhamos, pois, com a mesma idéia defendida por Schökel (1984), que em Provérbios, está concentrada a principal atividade sapiencial de Israel durante centenas de anos. Como já dissemos antes, o livro de Provérbios é resultado de um agrupamento de ditos cuja composição levou provavelmente quase quatrocentos anos.

Segundo Sicre (1995, p. 273) esta obra abrange os seguintes temas: “a prudência, a honradez, a modéstia, a laboriosidade, a confiança em Deus, a caridade e negativamente, a tagarelice, a preguiça, o orgulho, a soberba, a violência”. Sendo assim, o livro de Provérbios nos traz uma variedade e complexidade riquíssimas em suas coleções. E por detrás destas coleções observamos uma larga e exaustiva produção de sabedoria. Podemos pensar, então, que os (as) jovens também fizeram parte neste longo processo, somando sua sabedoria a tantos sábios anônimos que contribuíram para com esta riquíssima obra.

Interessa para o nosso estudo a afirmação de Wolff (1983, p. 163):

A característica da juventude em desenvolvimento é o entrar na vida dos adultos. Ouvimos pouco do brincar das crianças. Ismael brinca com Isaac (Gn 21,9), o que desagradou a Sara. Segundo Zac 8,5, é um sinal do tempo da salvação estarem rapazes e meninas a brincar nas praças de Jerusalém.

Wolff aponta que o desenvolvimento dos jovens acontece quando entram na vida dos adultos. Para proceder nossa pesquisa sobre os jovens rapazes e moças, pensamos devemos entrar, também, e observar como eram as relações sociais de adultos e jovens deste tempo, dentro e fora do ambiente familiar.

## 2.5 As relações familiares na cultura hebraica

Com o objetivo de apresentar como eram as relações familiares na cultura hebraica, trazemos e ponderamos o clássico e exaustivo estudo que Roland de Vaux nos proporciona em seu livro *Instituições de Israel no Antigo Testamento* (VAUX, 2003, p. 42)

De qualquer forma e qualquer que tenha sido a pré-história de Israel, que não podemos conhecer, a família israelita é claramente *patriarcal* desde nossos documentos mais antigos. O termo próprio para designá-la é “casa paterna”, *bêt ‘ab*, as genealogias sempre são dadas seguindo a linha paterna as mulheres só são mencionadas excepcionalmente; o parente mais próximo por linha colateral é o tio paterno. Cf. Lv 25,49.

Este período da história de Israel mencionado por Vaux refere-se, ao menos em tese, a uma possível origem do povo e da cultura hebraica Israelita patriarcal. A tese de Vaux é defendida pela maioria dos autores que trabalham este tema como Hans Walter Wolff, e Norman Gottwald. O nosso interesse agora, para o estudo proposto, é perceber que mesmo estando numa estrutura patriarcal, os jovens tinham fundamental importância social, pois eram eles os (as) jovens que tinham mais força para os trabalhos cotidianos e assim manter a família.

Um dos livros que mais descreve de forma livre e diretamente sobre as relações familiares na literatura da Bíblia Hebraica é o dos Provérbios justamente por tratar de forma direta das questões cotidianas da vida, as instruções ou admoestações que na sua grande maioria sempre são destinadas aos filhos. Com toda certeza podemos afirmar que dentre estes chamados de “filhos”, tinha também jovens.

A religião e vida familiar era uma só realidade no contexto da cultura hebraica. Exemplo disso é a celebração da Páscoa. Em Ex 12,3-4 se pede: “Falai a toda comunidade de Israel, dizendo: Aos dez deste mês cada um tomará para si um cordeiro por família, um cordeiro para casa. Mas se a família for pequena para um cordeiro, então se juntará com o vizinho mais próximo de sua casa, conforme o número de pessoas. O cordeiro será macho, sem defeito e de um ano”. Os pais deveriam responder: “Quando vossos filhos vos perguntarem, que rito é este?” (Ex 12,26; 13,14).

A religião era vivenciada no âmbito familiar e social. Assim 1Sm 1,3-4 informa: “Anualmente, aquele homem subia da sua cidade para adorar e oferecer sacrifícios a lahweh dos Exércitos, em Silo. (Os dois filhos de Eli, Hofni e Finia, sacerdotes de lahweh estavam ali). No dia em que oferecia sacrifícios, Elcana tinha o costume de dar porções à sua mulher Fenena e a todos os seus filhos e filhas.”

Confirmamos, nas citações anteriores, as relações familiares dentro do esquema patriarcal já que era o homem, pai de família o responsável por celebrar a

Páscoa, por responder às perguntas dos filhos, por dar porções as suas mulheres e filhos etc., preservando assim, as tradições de Israel.

### 2.5.1 As relações familiares entre pais e filhos

Os filhos eram estimulados a fazer perguntas, dinâmica de mestre e discípulo. Através deste método os filhos conheciam sua religião e sua história como lemos em Êxodo 13,14: “E quando amanhã o teu filho te perguntar: ‘Que é isso?’, responder-lhe-ás: ‘Iahweh tirou-nos do Egito, da casa da escravidão, com mão forte”. Sobre este tema afirma Woff (1985, p. 235).

O papel do pai, em geral, se torna tanto mais importante na educação, quanto mais o filho vai crescendo. Em geral, o jovem deve seguir o ofício do pai. A educação e a formação profissional estão na mesma mão, quer os filhos se tornem agricultores, pastores, artesãos ou então sacerdotes e juizes.

Desde bem cedo, quando os filhos faziam as perguntas para seus pais eles tinham como tarefa contar a história, como percebemos em Js 4,6-7. “Quando amanhã vossos filhos vos perguntarem: ‘Que significam para vós estas pedras?’ Então lhes direis: ‘É que as águas do Jordão dividiram-se diante da Arca da Aliança de Iahweh; à sua passagem cindiram-se as águas do Jordão”.

No entendimento da dinâmica familiar, Woff (1985, p. 240) afirma que a figura do pai era vital na família:

Na família, o pai é a principal pessoa responsável; por isto, em hebraico, família se chama “casa do pai” (*bet ‘ab*) Ex 12,3. A autoridade do pai tem peso para o filho. Nem para todos, em todas as épocas, é óbvia tal autoridade.

Reconhecemos ainda que, segundo diferentes autores, como Norman Gottwald, François Castel, Pierre Gibert, José Vilchez e Victor Morla, para compreender a constituição da família na cultura hebraica temos que considerar também que com o caminhar da história a configuração social passou por severas mudanças. Sobre este assunto Garmus (2005, p. 31) escreve:

Com o passar do tempo a estrutura família em Israel passou por grandes modificações. Com o crescimento do número de cidades. Testemunhos arqueológicos mostram casas pequenas, que incluíam praticamente só os filhos. A partir do séc. VIII o chefe da família já não exerce sua autoridade ilimitada.

### 2.5.2 As relações de gênero na família

A vida de família acontecia essencialmente na casa, que era o espaço preferente de atuação da mulher. Porém, o pai tinha sua autoridade garantida. O mais importante era a formação religiosa. Deste modo, a base do relacionamento familiar era a tradição oral, aproveitando todos os acontecimentos cotidianos.

Por exemplo, a celebração da Páscoa se dava no ambiente doméstico. Segundo Avril (1987, p.27-49) o pai e a mãe tinham cada um seu papel na preparação e realização do jantar e da celebração. Nesta festa e em geral nas festas, que até hoje os judeus chamam de “instituição mosaica” (AVRIL, 1997, p.17), eram tempos especiais, sobretudo de contar histórias, muitas delas hoje escritas na Bíblia.

A educação era bem definida, os filhos, quando eram homens, eram instruídos pelos pais, e as meninas recebiam os primeiros ensinamentos das mães e depois do pai, segundo Vaux (2003, p. 72).

A mãe dava aos pequenos os primeiros elementos de uma instrução, sobretudo moral, Pv 1.8; 6,20. Esses conselhos maternos podiam estender-se também aos adolescentes, Pv 31,1. Entretanto, os moços, ao saírem da infância, eram principalmente confiados aos seus pais. Uns dos deveres mais sagrados destes era ensinar seus filhos, quer se tratasse de ensinamentos religiosos, Ex 10,2; 12,26; 13,8; Dt 8.5; 2Sm 7.14; Pv 3.12; Eclo 30.1.

As meninas aprendiam assar o pão, a cuidar da administração da casa voltada para os afazeres domésticos. Depois, eram ensinadas pela mãe e também pelo pai sobre as questões da religião, a história da caminhada do povo, com o método de perguntas e respostas, como já constatamos anteriormente. Sobre a educação das meninas Garmus (2005, p. 33) escreve:

A educação das meninas, desde o nascimento até a idade núbil, se dava no seio da família e era responsabilidade da mãe. As meninas aprendiam da mãe as artes domésticas [...] Era, sobretudo a educação recebida da mãe que moldava a personalidade da filha. Daí o provérbio: “Tal mãe, tal filha”

(Ez 16,44). Pr 31,10-31 parece apresentar a figura da mulher ideal como modelo para a educação das meninas. A educação das meninas, porém, inspirava mais cuidados e preocupações que a dos meninos.

Ainda, sobre este tema Pelletier (1997, p. 26) afirma:

Parece que não significa a mesma coisa nascer menino ou menina. A alegria declarada é menor para esta última. Sabemos também que o primogênito goza de direitos particulares. Ele tem a precedência sobre os outros irmãos, enquanto o pai for vivo; recebe uma dupla parte da herança, quando o pai morre (Dt 21,17), e se torna o chefe da família.

Os detalhes que aparecem na Bíblia Hebraica indicam que tanto os meninos como as meninas não eram tratados e ensinados por igual. Os meninos tinham distintas atribuições quando comparamos com as meninas. Porém, tudo aponta para afirmar que o aprendizado e memorização de histórias e narrativas passadas, era ensinado para ambos. “Ouvimos com nossos próprios ouvidos o que nossos pais nos contaram” (Sl 44,2; 78,3-4).

Os meninos aprendiam do pai uma profissão manual. O povo hebreu tinha como filosofia um Provérbio que dizia: “Quem não ensina uma profissão útil ao filho, cria um ladrão”. Como afirma Vaux (2003, p. 73).

Além desse ensinamento em família, o jovem israelita tinha muitas ocasiões para instruir-se. Nas caravanas, junto aos poços ouvia cantar as ‘justiças de lahvé’, Jz 5.10-11. À porta da aldeia assistia aos debates dos Anciãos, aos julgamentos de litígios, às transações comerciais.

Devemos mencionar que a situação das mulheres na história de Israel sempre foi difícil. R. de Vaux afirma que as mulheres “se encontravam em condições miseráveis” já que além de submetidas aos homens (pai, marido ou filho mais velho), estavam indefesas nas dificuldades da vida e eram colocadas no último lugar tanto no mundo religioso como na sociedade (Vaux, 2003, p.45).

Autores qualificados, como Morin (1984, p.56-59) e Eduard Lohse (2000, p.138-138), constatam que a mulher não podia apresentar-se publicamente, como testemunha perante os tribunais. No Templo, só podiam entrar no pátio das mulheres e na sinagoga não tinham nenhuma participação fora a de ser ouvintes. As mulheres eram obrigadas a cumprir a Lei, porém, elas eram proibidas de estudar.



Eram vistas como inferiores até o ponto de um homem ter que agradecer a Deus por não ter nascido mulher:

Rabi Jehuda, no segundo século d.C. propunha que o judeu fizesse diariamente três louvações: Louvado seja aquele que não me criou como pagão. Louvado seja aquele que não me criou como mulher. Louvado seja aquele que não me criou como ignorante. (Lohse, 2000, p139).

Concluimos que a constituição da família na cultura hebraica foi patriarcal, com pouco espaço para a atuação da mulher e dos filhos, porém pensamos que devemos ponderar, ainda, como com o passar da história a configuração social teve suas modificações e transformações.

## 2.6 As relações familiares no decorrer da história

Segundo R. de Vaux: “Em épocas antigas os (as) jovens não ficavam enclausuradas e saíam sem véu. Elas apascentavam os rebanhos” (2003 p. 73): Podemos verificar isto em Gn 29,6: “Ele lhes perguntou: ‘Ele vai bem?’ Responderam: ‘Ele vai bem, e eis justamente sua filha Raquel que vem com o rebanho”. A mulher tinha funções importantes para a vida do clã, como buscar água “Eis que estou junto à fonte e as filhas dos homens da cidade saem para tirar água” (Gn 24,13). “Subindo a ladeira da cidade, cruzaram com duas jovens que saíam para buscar água e lhes perguntaram: ‘O vidente está na cidade?’ (1Sm 9,11).

Ainda sobre a liberdade dos (as) jovens com relação ao casamento, encontramos na Bíblia textos que revelam como era esta realidade: “Assim falou Siquém a seu pai Hemor: ‘Toma-me esta jovem como mulher’ (Gn 34. 4). Já em Jz 14,1-2 encontramos: “Sansão desceu a Tamma e teve a atenção atraída, ali, para uma mulher dentre as filhas dos filisteus. Subiu e contou isso a seu pai e a sua mãe. “Eu reparei numa mulher dentre as filhas dos filisteus”, disse ele, “tomai-a por esposa para mim”. Os (as) jovens, realmente, tinham a possibilidade de escolher: “Ora, Micol, a outra filha de Saul, se apaixonou por Davi, o que pareceu bem a Saul, quando lho disseram” (1 Sm 18,20).

Não podemos deixar de mencionar também o célebre exemplo de liberdade da jovem moabita que apanhava as espigas deixadas pelos segadores, “Rute, a moabita, disse a Noemi: “Permita que eu vá ao campo respigar atrás daquele que me acolher favoravelmente.” Ela lhe respondeu: “Vai, minha filha.” Ela partiu, pois,

foi respigar no campo atrás dos segadores...” (Rt 2,2s). E ainda as mulheres tinham a liberdade de andar, fazer visitas: “Dina, a filha que Lia havia dado a Jacó, saiu para ir ver as filhas da terra” Gn 34,1. (VAUX, 2003, p. 53).

Segundo Carlos A. Dreher, ainda sobre as relações familiares, na época das tribos a distribuição do trabalho estava claramente organizada. O autor comenta (1988, p. 11):

A divisão do trabalho é estabelecida por idade e por sexo. As tarefas são distribuídas de acordo com a capacidade produtiva dos membros da comunidade: jovens, adultos e velhos. Na divisão por sexo, há tarefas atribuídas ao homem e à mulher, articuladas entre si. Aos chefes de família, aos anciãos, cabem as decisões político-jurídicas. Questões que ultrapassam os limites familiares são discutidas e decididas em assembléias, nas quais a autoridade cabe aos anciãos do grupo em questão.

A disciplina era, normalmente, estabelecida e bem conceituada: os filhos que buscavam o bem obedeciam aos seus pais. Por sua vez os pais que amavam seus filhos os disciplinavam e educavam com severidade. “A vara e a repreensão dão sabedoria, mas o jovem deixado a si mesmo envergonha a sua mãe” (Pr 9,13). Nesta perspectiva, existia uma interdependência na vida feliz dos pais e filhos. O temor a Deus era o princípio fundador da felicidade.

Já com relação ao processo de crescimento dos filhos, temos vários exemplos. Mencionamos anteriormente que, segundo Hugo Schlesinger (1987, p. 31-33) os meninos com doze anos realizavam uma celebração religiosa, que tardiamente foi chamado de *bar mitzvah*, ou seja, “sujeito do mandamento” mas que provém de tradição muito antiga. A partir daí o menino era sujeito de suas ações às prescrições da lei (Lc 2,42) e era considerado “sujeito” com responsabilidade dos seus atos.

A idade do serviço militar é fixada em Números: “Todos aqueles em Israel, de vinte anos para cima, hábeis para ir à guerra, tu e Aarão os registrareis segundo os seus esquadrões” (Nm 1,3).

Conseqüentemente até não chegar a idade considerada adulta a educação e a instrução dos filhos era totalmente responsabilidade dos genitores, especialmente do pai. Vilchez afirma (1995, p. 100):

El cabeza o padre de familia es el depositario de este precioso legado. Al padre corresponde por derecho las funciones de maestro, especialmente las de enseñar y corregir.

Pr 17,6 nos lembra: “Coroa dos anciãos são os netos. Honra dos filhos são os pais”.

Portanto, educar era trabalho tanto do pai quando da mãe, porém quem tinha a especial responsabilidade de ensinar era o pai. A família compõe-se fundamentalmente pelos laços de sangue e pela comunidade de habitação. A “família” era uma “casa”, por isso a Bíblia Hebraica diz “edificar uma casa” (Ne 7,4).

### 2.6.1 As relações familiares e os Provérbios

Com o passar do tempo os grandes clãs antigos foram se reduzindo, e dando lugar a grupos familiares cada vez menores. Com isso, a figura do pai não permaneceu a mesma. O pai que antes era o chefe da família e cuja palavra era lei respeitada na casa, com a chegada da monarquia, esse pai que antes cuidava do zelo da família, agora, junto com os anciãos começou acumular privilégios sociais onde foram permitidas ações que não preservavam o valor da família.

Por exemplo: Agora poderia vender uma filha como serva ou condenar seu filho desrespeitoso à morte. A mulher era propriedade do homem e era ela quem fazia a maior parte dos trabalhos pesados. Ela era considerada como ser inferior, tanto na família como na sociedade (DREHER, 2002, p.13).

Conhecer a forma como esta mudança da sociedade patriarcal passou para a sociedade monárquica, é de fundamental importância. Esta perspectiva justifica, ao nosso ver, a ausência dos jovens nesta mesma sociedade. Pois se as mulheres que faziam a maior parte dos trabalhos domésticos eram tratadas de forma opressora, quanto mais os (as) jovens que tinham uma representação social bem menos funcional que a das mulheres.

No texto de Provérbios existem muitas passagens que falam de ensinamentos dos pais aos filhos, como: “Escuta, meu filho, a disciplinas do teu pai não desprezes a instrução da tua mãe, pois será formoso diadema em tua cabeça” (Pr 1,8-9).

O livro de Provérbios pode ser entendido como um exemplo de método de educação. Garmus (2005, p. 37) afirma:

De fato, no antigo Médio Oriente a relação do professor com o aluno e do mestre com o discípulo são expressas metaforicamente em termos da relação “pai” e “filho”. Portanto, nem sempre quando se fala da relação entre o “mestre” e o “discípulo” (Pr 1,10.15; 2,1; 3,1.11.21, etc). Embora os pais sejam os primeiros responsáveis pela educação geral dos filhos, a maioria

das referências ao “pai” nos livros sapienciais, como Provérbios, Eclesiastes e Eclesiástico seriam um modo de se referir ao mestre.

Sobre o tema da instrução dos pais para os filhos os capítulos 4 e 5 de Provérbios trazem vários exemplos. E ainda em Pr 6,20-21 temos: “Meu filho, guarda os preceitos de teu pai, não rejeites a instrução de tua mãe. Leva-os sempre atados ao coração e amarra-os ao pescoço”. E em Pr 10,1 “O filho sábio alegra o pai, o filho insensato entristece a mãe”. É interessante observar que as questões de gênero são bem claras nestes versículos. Enquanto o filho bom é alegria do pai, de forma contrária o filho mau é vergonha da mãe e não do pai.

Encontramos vários ditos que se referem à educação da época: “O filho sábio escuta a disciplina do pai, e o zombador não escuta a reprimenda. Quem poupa a vara odeia seu filho aquele que o ama aplica a disciplina” (Pr 13,1.24). “Quem gera um insensato terá sofrimentos, o pai de um estúpido não terá alegria. O filho insensato é preocupação para o pai e amargura para a mãe” (Pr 17,21.25). “Corrige o teu filho enquanto há esperança, mas não te arrebatas até matá-lo. Meu filho, se não obedeceres à disciplina, perder-te-ás por falta de palavras de conhecimento.” (Pr 19,18.27).

Nesta última citação, sobretudo o versículo 18 nos chama atenção, já que a disciplina deve ser aplicada aos filhos, porém, não deve ser aplicada “até matá-lo.” Este versículo é sintomático pois nos revela que havia casos de pais que matavam seus filhos, já que os Provérbios são instruções a partir do cotidiano.

Em outras coleções de Provérbios é possível encontrar realidades diversas. Como exemplo disto “Mesmo por seus atos um jovem se dá a conhecer, se sua ação é pura ou se ela é correta” (Pr 20,11). Sobre os ensinamentos para as crianças encontramos algo sintomático: “Ensina a criança no caminho que deve andar, e mesmo quando for velho não se desviará dele. A estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara da disciplina a afastará dela” (Pr 22,6.15). Percebemos nesta citação que as crianças são diretamente relacionadas ou julgadas como estúpidas. Do ponto de vista social isto era extremamente interessante para os anciãos.

Com relação aos jovens, quando nos Provérbios ou em outros textos bíblicos são especificados diretamente, a disciplina atribuída a eles tem um sentido de violência. “Não afastes de jovem a disciplina! Se lhe bates com a vara, não morrerá.

Quando a ti, deves bater-lhe com a vara, para salvar-lhe a vida do Xeol” (Pr 23,13-14).

Encontramos admoestações, ou seja, conselhos aos jovens com um conteúdo bem distinto dos versículos 13-14. Assim, Provérbios 23,19-21 “Ouve, meu filho, e torna-te sábio, e dirige o teu coração pelo caminho. Não estejas entre bebedores de vinho, nem entre comedores de carne, pois bebedor e glutão empobrecem, e o sono veste o homem com trapos”. Apesar de dizer algo sobre a sabedoria, como escuta e pedido de atitude, a admoestação onde incentiva a aplicação da vara transparece um forte indício de violência dos anciãos para com os (as) jovens, parece-nos haver um conflito grande nos provérbios.

Por um lado, temos ditos que defendem a educação através da disciplina aplicada com violência e por outro lado temos a exortação ou defesa da educação a partir da escuta, que segundo esta vertente é sinônimo de sabedoria. Este paradoxo que apontamos está sintetizado em Pr 29,15.17: “A vara e a repreensão dão sabedoria, mas o jovem deixado a si mesmo envergonha sua mãe. Corrige o teu filho, e ele te dará descanso, trará delícias para ti”.

Pensamos ser de vital importância aprofundar mais o sentido deste paradoxo nas posturas observadas. Podemos imaginar que havia um conflito bem definido, por um lado havia aqueles que defendiam a prática da educação aos jovens de forma não violenta e por outro lado um grupo que desejava aplicar a educação através de métodos violentos. Se avaliarmos com cuidado como os anciãos foram se consolidando na cultura hebraica, intuímos que eram os anciãos os maiores defensores da aplicação de disciplina através de métodos violentos.

Com relação ao casamento na Bíblia Hebraica e mais concretamente nos ditos que estão contidos no livro de Provérbios, não temos informações exatas sobre qual era a idade com que os futuros cônjuges realizavam seu enlace matrimonial. Os estudiosos neste assunto arriscam afirmar que os noivos realizavam a cerimônia por volta dos 14-16 anos para os meninos e 12-13 para as meninas. Com tão pouca idade assim, o papel dos pais era determinante, porém não anulava os desejos dos jovens, segundo Vaux (2003, p. 53).

Não obstante, essa autoridade dos pais não era tal que não deixasse lugar em absoluto aos sentimentos dos jovens. Havia em Israel casamentos por afeto. O jovem podia manifestar suas preferências, Gn 34,4; Jz 14,2. Ele podia decidir por si mesmo sem consultar seus pais e até contra a vontade

deles, Gn 26.34-35. Mais raro é que a jovem tome a iniciativa, como a filha de Saul, Mical, que se apaixona por Davi, 1Sm 18,20.

Com relação às questões de herança era comum somente os filhos homens, os primogênitos gozarem de privilégio especial. Recebiam o dobro da herança dos bens do pai, em relação aos demais filhos. As filhas, se não tivessem irmãos recebiam herança, caso contrário, os seus irmãos tinham autoridade sobre elas na ausência dos pais. Apesar de todas estas regras sobre disciplina familiar, no que se refere às relações entre meninos e meninas, sobre as atividades domésticas, o casamento dos filhos era uma ocasião muito importante (VAUX, 2003, p. 200).

Percorremos um longo caminho tentando entender as relações familiares na casa e como os jovens agiam nos primórdios da vida de Israel. Confirmamos mudanças, que agora propomos verificar em que tempo aconteceram.

## 2.7 A constituição da Monarquia como causadora de conflitos para a sabedoria e para os (as) jovens

A constituição da Monarquia em Israel não aconteceu por acaso. Muitos interesses estavam em jogo e grandes conflitos foram surgindo, o que culminou com a implantação do Estado em Israel. De acordo com Vaux (2003, p. 120):

Os livros de Samuel conservaram sobre a instituição da monarquia dois relatos paralelos, um dos quais lhe é favorável, 1 Sm 9.1-10.16; 11.1-11 e 15, que continua em 13-14 (salvo os acréscimos), e outro que lhe é contrário, 1 Sm 8.1-22; 10.18-25, que continua em 12 e 15. Segundo a primeira tradição, a iniciativa vem de Deus, que escolhe Saul como libertador de seu povo, 1 Sm 9.16; conforme a segunda, é o povo mesmo que pede um rei para ser 'como as outras nações', 1 Sm 8.5,20; cf. Dt 17.14.

Se no mesmo livro encontramos textos a favor e contra a monarquia, confirmamos que os motivos da implantação desta nova forma de organização social, em Israel, não aconteceram de forma pacífica. Por um lado, temos dois grupos com idéias bem diferentes com relação à monarquia. Por outro lado, com este Estado Monárquico agora Israel se amolda, aos reinos próximos da Transjordânia. Pixley (2005, p. 23) afirma:

A razão principal apresentada pelos textos bíblicos para explicar o surgimento da monarquia foi a pressão externa causada pelos filisteus desde meados de séc. XI. Os filisteus vinham do mar para implantar-se na planície situada entre as montanhas e o mar, especialmente nas cinco cidades de Gat, Gaza, Ascalon, Acaron e Azolo. Uma vez nas cidades, organizaram exércitos fortes com carros e cavalos e estabeleceram guarnições militares nas montanhas para recolher tributos dos israelitas. A defesa dos israelitas com exército de voluntários teve dificuldades em fazer frente à força dos filisteus. Esta pressão externa juntou-se às forças internas para criar um clima favorável à centralização política.

Com a monarquia é reforçado o grupo dos anciãos, nesta nova configuração social onde os clãs e as tribos perdem seus poderes e direitos para o Estado. Este é o ambiente em que os princípios familiares confundem seus valores e com eles, os (as) jovens que eram respeitados nas suas famílias. Agora são considerados, por esta nova organização social, como a “personificação da insensatez”. É interessante a avaliação de Mckenzie (1983, p. 814):

O Jovem é insensato por definição, mas pode adquirir a sabedoria; se não a adquire com a maturidade, fica estulto por toda a vida. A estultícia (que é mais que uma deficiência mental) é a raiz do fracasso e do insucesso na vida; por conseqüência se quiser compreender bem a doutrina dos tradicionais, deve-se ter presente que a simplificação deles da relação entre a sabedoria, o sucesso e a felicidade era qualificada pela certeza deles de que a estultícia nunca está em condições de garantir sucesso e felicidade.

Já afirmamos que este conceito de jovens é muito posterior, comparado ao que Vaux chama de pré-história de Israel. Interessa agora entender como aconteceu este processo de mudança social em relação aos (as) jovens. Devemos captar, então, os motivos reais da implantação da monarquia e os partidos e grupos envolvidos.

Não podemos esquecer que na nossa pesquisa já confirmamos (no item 2.2) que no tempo da monarquia, na Bíblia Hebraica aparece uma diversificação na sociedade e só são lembrados dois tipos de jovens. Aqueles que foram reis ou eram seus próximos auxiliares e os que tiveram um papel de serviço à corte, como as jovens belas que serviam aos reis ou os soldados que faziam a guerra em favor dos seus reis. Os outros jovens que certamente existiram nas áreas rurais, nos antigos clãs, nos santuários do interior, desapareceram.

Uma abordagem que explique esta mudança do tempo anterior e posterior à Monarquia, quer facilitar a compreensão do desenvolvimento da sabedoria e as implicações que isto causou entre os (as) jovens.

Com relação à sabedoria, certamente ela foi tomada das mãos do povo, das famílias nos clãs para ser usada pelos sacerdotes e escribas ligados ao rei e à monarquia. E deste modo, foi moldada para responder aos interesses do novo governo centralizador monárquico. Mckenzie (1983, p. 292) afirma se referindo aos escribas:

Muitos estudiosos modernos pensam que uma das principais tarefas atribuídas ao cargo de escribas por Davi e Salomão não foi apenas a conservação dos anais e arquivos, mas também a compilação das tradições e crenças de Israel das fontes escritas já existentes e da tradição oral popular; essas oficinas formam assim os lugares em que foi começada a escritura efetiva do Antigo Testamento.

Concretamente segundo, Mckenzie (1983, p. 813) existe também uma corrente que acredita que a sabedoria era produto dos escribas que nasceram com a monarquia:

A sabedoria israelita, como a dos outros povos, era o produto da classe dos escribas e de suas escolas; esta classe nasceu sob a monarquia e seguia os modelos egípcios tanto na administração como no procedimento. A sabedoria se adquire pelo conselho e pela instrução (Pr 1,5; 12,15; 13,14; 19,20), e aconselha-se muitas vezes o jovem a aceitar os ensinamentos.

A classe dos chamados escribas, de fato, foi a primeira em transcrever a sabedoria popular e cultivar essa sabedoria. Esta era um discernimento que tinha como constituição fundamental saber como agir diante de questões da vida cotidiana. O ápice desta sabedoria era ligado às questões políticas, incentivada pelo poder da elite. Deste modo, tinha como objetivo buscar o bem de forma ampla, assim eram abordados vários aspectos como a sinceridade, a moderação, a castidade, a gentileza, a honestidade e outras virtudes sociais. Ceresko (2004, p. 14-15) nos informa:

A escola dos escribas proporcionava treinamento de modo primordial nas habilidades mais fundamentais para o burocrata antigo – leitura e escrita -, habilidades que requeriam longas horas de estudo e prática. Isso se devia



em especial à natureza complexa e penosa dos primeiros sistemas de escrita, os caracteres cuneiformes mesopotâmicos e os hieróglifos egípcios. Além da escrita, a escola encaçava os elementos fundamentais da administração, bem como uma espécie de ética da sobrevivência para fins de segurança e para a realização bem sucedida de manobras no âmbito da instituição real.

Certamente o grupo ligado ao governo e os escribas gozavam de privilégios. Eles tinham como tarefa buscar os saberes das camadas populares e codificá-los no prisma da monarquia para responder aos interesses do rei.

Uma nova configuração governamental trouxe a Israel certa estabilidade econômica. O comércio cresceu muito nesta época, o desenvolvimento de novas técnicas em busca de seus suprimentos alimentares, o desmatamento aliado a novas técnicas de plantio, a implantação de cisternas e seu revestimento interno à base de cal, junto com uma maior resistência de novas ferramentas de ferro, possibilitaram um acelerado aumento da população (SCHWANTES, 2008, p.58)

Conseqüentemente cresceu a marginalização, pela centralização da economia nas mãos do rei. Donos de terras e de rebanhos de gado “pequeno” como ovelhas e cabras foram sendo retirados de suas terras para dar espaço às novas formas de plantio da monarquia. Nakanose (1995, p. 28) acrescenta mais dados sobre a época da monarquia:

Mas a grande diferença aconteceu sob o comando de Davi. Davi recrutou um exército mercenário (1Sm 22,1-2), que trabalhava por dinheiro e vivia de saques, Esse exército oferecia proteção ao povo em troca de tributo. Com o passar do tempo, houve uma quebra desse compromisso. O exército, que era para defender do inimigo, passou a ser o próprio inimigo do povo, para apoiar e sustentar a corte, que nunca se contentava com o tributo recolhido. Queria aumentar mais e mais seu excedente, numa sede insaciável de lucro. O interesse da corte estava acima de compromisso com o povo. Nessa conjuntura, o exército era fundamental para arrancar tributo e calar a boca do povo. Precisava do exército para se manter no poder, pois não faltavam pretendentes para disputá-lo. O poder significava também “fonte de renda”; precisava do exército proteger o comércio e se proteger dos estrangeiros e, quem sabe, conseguir de volta algumas das cidades conquistadas por eles.

Importante é lembrar que o rei instituiu em todo território uma política tributária muito pesada para a grande maioria da população. Avaliamos que as conseqüências destas mudanças para os (as) jovens foram desastrosas. A respeito da conjuntura social de marginalização em Israel, Dreher (2002, p.26) relata:

Uma das saídas encontradas teria sido a de, num certo sentido, “permitir” aos membros mais jovens da família a procura independente por outros meios de sobrevivência. Nessa situação, os interesses destes jovens teriam confluído com os interesses das estruturas supra-familiares, surgidas com a monarquia. Um novo espaço de sobrevivência se oferecia para aqueles jovens no serviço militar, nas tropas regulares, ou no serviço sacerdotal, nos santuários. O termo hebraico para identificar tais jovens, enquanto representantes solteiros, de sexo masculino, que ainda não se tornaram chefes de família, é (*naar*, pl. *nearim*). O mesmo termo é utilizado em 2 Sm 12-17, no confronto entre as tropas de Is-Baal e de Davi, para indicar os soldados de elite de ambos os lados que se enfrentam, num primeiro embate, em lugar dos dois exércitos.

Com o aumento rápido da população, e com as exigências principalmente da segurança nacional, o rei Davi organizou um forte exército com um grande contingente. Este exército era responsável pela segurança do rei e de sua corte. Era atribuição do exército defender as fronteiras nacionais e garantir assim a ordem.

Com o aumento das desigualdades sociais, os jovens que antes gozavam da liberdade em suas famílias, cuidando de seus próprios rebanhos e também fazendo suas pequenas plantações, agora foram engolidos pela Monarquia restando-lhes somente uma alternativa, o alistamento militar. Segundo Dreher (2002, p.27):

E, sem dúvida, a hipótese da pressão exercida sobre as famílias camponesas da região montanhosa com a impossibilidade de explorar novas terras, consequência do fechamento das fronteiras ocorrido com o advento da monarquia, representa um dado a mais a respeito da crescente marginalização de pessoas naquele período. Também é perfeitamente possível que muitos filhos mais jovens tenham buscado alternativas de sobrevivência junto às tropas de elite do rei.

Diante destas afirmações confirmamos a relação: mudança de sistema político, transformação da sabedoria nacional. Quando a monarquia trouxe para Israel uma nova forma de organização que causou exclusão, a sabedoria oficial excluiu a sabedoria popular desviando-a e transformando-a em sabedoria da corte.

No que diz respeito às relações políticas e comerciais com outros povos estrangeiros, cresceram. Aparentemente o Reino de Israel conseguiu poder e visão internacional. No obstante, o povo de Israel foi muito prejudicado. O rei, que em princípio tinha como objetivo defender os interesses de todo o povo, com o passar do tempo foi cooptado pela tentação do poder absolutista, deixando de lado o respeito pelo povo que representava. É evidente que os empobrecidos, mulheres, homens, jovens e crianças passaram a ser tratados como um grande rebanho de ovelhas onde seu pastor, o rei, era quem decidia o que fazer com elas.

Deste modo, a sabedoria do povo foi atingida de forma muito direta. Antes da monarquia a sabedoria era o instrumento de orientação dos clãs, a partir da observância das leis da natureza e dos relacionamentos entre outras famílias. A sabedoria servia como termômetro que dava ritmo à vida de todo o povo. Com advento e instituição da monarquia, a sabedoria passa a servir aos interesses do rei e sua corte, gerando assim exclusão e morte para o povo.

Nesta mesma época observamos que a sabedoria passa por um longo processo de evolução: da sabedoria popular à sabedoria de governar. Os autores sagrados colocam uma oração na boca de Salomão: “Dá ao teu servo sabedoria e entendimento para governar ao teu povo” (1Rs 3,9). Chegando finalmente a ser considerada como dom de Deus: “Pois é lahweh que dá a sabedoria, de sua boca procede o conhecimento e o entendimento” (Pr 2,6).

Dentro da sabedoria do cotidiano, os ditos e provérbios também sofreram um processo de evolução. Sua origem estava na vida prática de pessoas singelas com frases simples. Com o decorrer do tempo, os provérbios passaram a ter outra característica, fazendo referências somente às questões morais e religiosas sob influência direta das pessoas ligadas ao rei e também ao Templo.

Os provérbios que antes carregavam na sua essência os questionamentos humanos das camadas mais simples, agora são usados também como instrumento de dominação e justificação do novo sistema dominante.

Toda esta conjuntura, a nosso ver, trouxe prejuízos irreparáveis para os (as) jovens. A centralização da educação e da sabedoria, nas mãos dos escribas e anciãos, empobreceu as relações humanas deste povo de forma muito profunda. Homens, mulheres, meninas e meninos que antes viviam e produziam em igualdade as verdades de seus clãs, agora, com a centralização do poder educacional, não puderam mais contribuir com a produção da sabedoria. O resultado foi um conceito excludente e preconceituoso no decorrer da história sobre os (as) jovens, fazendo que eles se tornassem a personificação da estultice e da insensatez (WINTERS, 1993, p. 23).

Esta configuração social se cristalizou de forma mais evidente na chamada “reforma” no tempo do reinado de Josias, sobre a qual queremos conjecturar a seguir.

## 2.8 A reforma de Josias: tempo de exclusão e ocultamento dos (as) jovens

As opiniões sobre o tempo histórico bíblico denominado de reforma de Josias são variadas, e dependendo dos autores, podem ser até divergentes. Atualmente Finkelstein e Silberman (2005, p. 370) com seus estudos arqueológicos conseguiram trazer muita luz sobre a história de Israel e concretamente sobre o reinado de Josias: “Josias era o ideal na direção de quem Israel parecia estar se encaminhando” [...] De fato, ele foi reconhecido, por muitos, como a maior esperança para a redenção da nação, um genuíno messias. Porém, desde o ponto de vista dos oprimidos, não foi assim. A pesquisadora Ana Luisa Cordeiro (2008, p. 42) afirma:

O rei Josias (640-609 a.E.C) empreendeu uma reforma a partir de 622 a.E.C., fazendo de Jerusalém o centro político e religioso de seu estado, destruindo os santuários de Yahweh que havia no interior e acabando com os cultos cananeus e assírios, que aconteciam no templo de Jerusalém e nos lugares altos. A reforma de Josias atingiu a liberdade religiosa popular...

Ponderamos que o reinado de Josias trouxe para Judá e também para todo o território de Israel, profundas e significativas mudanças. Os dados sobre os acontecimentos do século VIII a.C, com a reforma religiosa, política e social de Josias, afirmam que essa reforma trouxe prejuízos para toda a população de Israel especialmente para as mulheres, os/as jovens e as crianças.

Com a centralização do culto somente em Jerusalém foi reafirmado o projeto de polarização do poder somente nas mãos do rei e dos anciãos, fossem sacerdotes, secretários, porteiros etc. O texto que testemunha esta violenta interferência na vida cotidiana do povo, o encontramos no livro dos Reis na chamada “Reforma de Josias” (2 Rs 22,1-23,30). Nesses capítulos aparecem como auxiliares do rei: secretário ou cronista Safa (22,3), sacerdote Helcias (vv. 4.8.10) e porteiros ou guardas da porta (v. 4). Em 2Rs 23,4-7 encontramos uma síntese das mudanças acontecidas:

O rei ordenou a Helcias, ao sacerdote que ocupava o segundo lugar e aos guardas das portas que retirassem do santuário de lahweh todos os objetos de culto que tinham sido feitos para Baal, para Aserá e para todo o exército do céu; queimou-os fora de Jerusalém, nos campos do Cedron e levou suas cinzas para Betel. Destituiu os falsos sacerdotes que os reis de Judá haviam estabelecido e que ofereciam sacrifícios nos lugares altos, nas cidades de Judá e nos arredores de Jerusalém, e os que ofereciam sacrifícios a Baal, ao sol, à lua, às constelações e a todo o exército do céu. Transportou do Templo de lahweh para fora de Jerusalém, para o vale do Cedron, o poste sagrado nos sepulcros da plebe. Demoliu a morada dos

prostitutos sagrados, que estavam no Templo de lahweh, onde as mulheres teciam véus para Aserá.

Esta narrativa é uma espécie de resumo das várias iniciativas tomadas para a centralização política e religiosa do reinado de Josias em Jerusalém. Encontramos no texto muitas tensões: de um lado temos o grupo de Helcias que representa os sacerdotes do interior, ou seja, o grupo opositor ao projeto excludente da centralização na cidade de Jerusalém. Por outro lado, contrapondo a este grupo temos a corte de Josias representada pelos 'guardas da porta' (v.4) e os sacerdotes ligados ao templo.

Certamente a reforma de Josias teve implicações econômicas também, com a centralização da política e das práticas religiosas em Jerusalém. O controle e o recolhimento dos impostos seriam controlados a partir de Sião e assim a cidade de Jerusalém passou a ser o lugar da dominação. O templo se tornou o centro da exploração, pois, com a derrubada dos santuários, o povo foi obrigado a prestar seus cultos somente em Jerusalém.

Esta mudança deveu causar um impacto negativo para os mais empobrecidos da época, a migração ou romaria para Jerusalém todos os anos não podia ser tranqüila, pois muitas famílias não teriam condições de ir para Jerusalém, gerando assim uma classe de excluídos religiosamente falando.

O templo, juntamente com as estradas e suas rotas comerciais, passou para o controle da corte de Josias. E nesta conjuntura, a pessoa dos anciãos tomou dimensões grandiosas, pois a reforma trouxe a eles mais poder, deixando assim os clãs, as famílias e nelas especialmente as mulheres, jovens e crianças, totalmente despossuídos de poder social. Nesta perspectiva compreendemos a irônica defesa de Jó frente aos mal chamados 'amigos': "Realmente vós sois a voz do povo e convosco morrerá a Sabedoria"... "Está nas venerandas cãs a sabedoria, e o entendimento com os anciãos" (Jó 12,2.12).

Para fazer valer o poder de uma pequena classe social sobre as demais pessoas foi usada a força. Segundo Nakanose (2000, p. 129):

...a reforma de Josias foi uma campanha planejada, cheia de brutalidade e vandalismo (2Rs 23,4-20). [...] A reforma político-religiosa de Josias talvez seja uma das ações mais brutais registradas no Antigo Testamento, empreendidas em nome de Javé. Sobretudo sua ação sangrenta de profanar, destruir e queimar os lugares altos e os santuários locais e

eliminar as pessoas envolvidas em práticas religiosas populares e estrangeiras.

De fato, o que já foi chamado o Livro da Aliança (Dt 5,2; 25,18), livro da confirmação do tratado de amizade de Deus com seu povo e do povo de Israel com seu Deus, livro em defesa da libertação do povo da escravidão do Egito, passou a ser o Livro da Lei, que escravizava a muitos. E o povo teve que aderir a outra “aliança” (2 Rs 23,3).

Com tudo isso, Josias e sua corte, usando muitas doses de violência, conseguiram estabelecer um modelo social voltado unicamente para a centralização do poder nas mãos dos anciãos, do templo e da cidade de Jerusalém. Os jovens, ou seja, aqueles e aquelas que não eram anciãos, não aparecem. O modelo social implantado não os acolheu. Podemos dizer que os pobres em geral e mais especificamente as mulheres, jovens e crianças entraram na categoria de “não ditos” pela história oficial, contada a partir da ótica da reforma de Josias. Estes sujeitos sociais com certeza pagaram com suas próprias vidas ao resistirem à dominação e centralização do poder.

## 2.9 Síntese e perspectiva

Neste capítulo tentamos verificar quais eram as relações entre os (as) jovens e os anciãos, na Bíblia Hebraica. Percebemos que este relacionamento foi marcado por conflitos e imposições que foram consolidadas pelo tempo. Observamos que antes da Monarquia, os (as) jovens tinham maior espaço social e como consequência mais liberdade para expressar seus anseios. Com a chegada do sistema monárquico, os anciãos por sua vez, adquiriram uma posição privilegiada, do ponto de vista social. Eles fizeram que crianças, os (as) jovens e mulheres fossem não reconhecidos, praticamente excluídos da sociedade.

Esta realidade foi especialmente compreendida a partir do estudo de certos ditos e provérbios na Bíblia. Entendemos, assim, que no chamado movimento sapiencial os jovens desapareceram, foram encobertos, haja vista que os anciãos conduziram a sabedoria hebraica para atender seus próprios interesses. Nesta perspectiva trouxemos vários provérbios, aqueles que afirmam que os jovens devem ser educados ou instruídos com métodos violentos, com a aplicação da vara.

Chegamos, deste modo, à conclusão de que os (as) jovens, do ponto de vista social e cultural, na literatura hebraica, passaram por um processo de ocultamento. E cumprimos, portanto, com o nosso objetivo principal, afirmando, que ao nosso entender, aqueles jovens da história de Israel, aqueles que certamente existiram, foram silenciados, até ignorados na sociedade e na cultura da época bíblica estudada, por questões de poder, na mão dos anciãos.

### 3. CONTEXTO DOS PROVÉRBIOS SOBRE OS (AS) JOVENS

Em nosso primeiro capítulo, interpretando as palavras bíblicas hebraicas que dão sentido aos indivíduos que hoje chamamos de jovens, afirmamos que quase todos os termos que podemos traduzir por “jovem”, ou que fazem referência à juventude, estão carregadas de sentidos depreciativos e excludentes. Parece-nos que os (as) jovens, em sua maioria, foram considerados como pessoas menosprezadas ou excluídas.

No segundo capítulo, ao concentrar nossa atenção em contextualizar os (as) jovens, observamos novamente que esses jovens eram nomeados sempre com palavras depreciativas. Por esta razão, topamos com muitas barreiras para encontrar na sociedade do período estudado uma imagem positiva acerca dos (as) jovens.

Descobrimos, além disso, que o momento mais forte desta exclusão foi o período da Monarquia, onde esses jovens foram considerados (as) insignificantes nos seus valores e serviços à família ou ao clã, porque no tempo da Monarquia só foram valorizados jovens belas que poderiam agradar aos reis como Abisag de Sunam ou jovens que iam para a guerra como soldados do rei, ou até os próprios reis como Davi, Salomão e Josias, valorizados pela sua juventude. Sem esquecer que até profetas jovens se destacaram neste tempo da Monarquia, como o jovem profeta discípulo de Eliseu e Jeremias.

Reafirmamos assim que, durante o tempo da Monarquia, que foi também do Movimento Profético, só são lembrados os jovens que têm um papel estimado ou temido pelos monarcas.

Atualmente, em parte, a história não é diferente. Descobrimos em quase todas as instâncias, seja política ou social, religiosa ou não, uma visão sobre os (as) jovens, muito depreciativa. Prova disso são os ditos e provérbios que são referidos a eles. Como já dissemos anteriormente, assumimos a tese de que os ditos e provérbios são uma síntese da consciência da população.

Assim sendo, neste terceiro e último capítulo, iremos trabalhar inicialmente com os ditos e provérbios que dão significado aos (as) jovens na atualidade e com a forma como o fazem. Depois, num segundo passo, estudaremos o que estes ditos e provérbios dizem intrinsecamente, para num terceiro estágio, fazer uma abordagem com o método hermenêutico e de cunho interpretativo dos mesmos, analisando se eles contribuem ou não para o bem dos (as) jovens hoje.



Queremos nos aproximar dos jovens e das jovens de nossa atualidade, fazendo assim um confronto com a discussão que este estudo tenta desenvolver entre a escrita bíblica e os jovens na época presente.

Continuamos pensando, neste momento da pesquisa, que nem a história bíblica nem a cultura judaica tiveram interesse em refletir sobre a questão dos jovens. Mas de acordo com nossa experiência jovem, os (as) jovens, aparentemente ausentes, estavam presentes e são dignos desta abordagem, para que possamos analisar e repensar cada vez melhor os conceitos que a sociedade tem deles.

Sobre a complexidade da questão que estamos propondo tratar, o Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM) em seu documento chamado *Civilização do amor*, na parte intitulada 'Tarefa e esperança', afirma: "Hoje em dia, já não é possível falar, simplesmente, de 'juventude'. É quase impossível abarcar o amplíssimo aspecto da realidade e as variadíssimas situações em que os jovens vivem..." (CELAM, 1997, p. 32).

No mesmo pronunciamento do próprio CELAM, denominado de "Pastoral da Juventude, sim à civilização do amor" temos um interessante conceito sobre o que se entende por "juventude" (CELAM, 1997, p. 37).

A juventude é a idade da pessoa em crescimento, que busca sua definição pessoal e social. É fase de ascensão, de crescimento, rica em promessas de renovação em reservas de entusiasmo para a humanidade. Já se disse que a juventude é *idade de "transição"*. Deve-se entender, porém, que transição não significa algo pouco importante, algo "que já vai passar". É momento de transição, mas determinante de sua forma futura. Crescimento, assimilação de valores, integração de sua personalidade, educação e formação são constantes de vida do jovem desde o seu nascimento, mas são as realidades que agora realizarão sua integração definitiva no mundo e na sociedade. Por isso, o tempo da juventude tem valor próprio, não de simples "passagem", mas de tomada de posição e de decisão diante da vida.

Neste mesmo documento, encontramos uma outra abordagem que para nós é de extrema importância. De certa forma, devemos também aplicar o conceito mencionado ao atual contexto histórico que estamos vivendo (CELAM, 1997, p.39).

O documento se refere explicitamente à juventude:

A rapidez de sua ascensão, que a levou a ocupar posições-chave dentro da comunidade; sua concepção do mundo e da vida, sua preparação e sua própria atuação que incide direta e rapidamente na condução dos países; seu desenvolvimento como corpo cada vez mais determinado com idéias e

valores próprios, com linguagem e aspirações que a identificam claramente em relação com os outros setores sociais e que a converteram em grupo sociologicamente influente, inclusive com “subcultura” própria, são algumas das razões que poderiam ser aduzidas desta nova força social presente na América Latina.

Quando pensamos em jovens a partir de nosso continente Latino-Americano, devemos considerar que estamos em um universo onde, na sua maior parte, os direitos humanos não são respeitados na sua integridade já que o sistema capitalista prioriza o acúmulo econômico e não a vida. É só lembrar toda a história de morte e desrespeito à vida humana já registrada. Optando e lutando, como nós fazemos, por uma vida digna para todo ser humano, não podemos deixar apagar de nossa memória as milhares de vítimas humanas que foram ceifadas em nossa América Latina.

Temos, então, um problema de dimensões incalculáveis, dado vital para fazermos uma coerente análise de conjuntura e percebermos as influências da atual organização social que incidem sobre os (as) jovens. Frigotto (1999, p. 61) fundamenta sobre esta questão:

O desemprego estrutural e o subemprego que atingem o coração do capitalismo desenvolvido e de forma mais perversa, porque com frágeis forças de resistência, o Terceiro Mundo e a degradação ecológica resultam de um movimento de reorganização e regionalização do capitalismo e da estruturação de um novo regime de acumulação capitalista, sob a égide, como bem explicita N. Chomsky, (1993:6) dos “novos senhores do mundo” ou “do governo mundial de facto”: Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, grupo dos sete países mais industrializados e o seu Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT). Este novo governo mundial tem na privatização do conhecimento e nos processos de exclusão suas armas básicas. Por certo, esta forma de resposta não é nem a única, nem a humanamente desejável.

Atualmente, vivemos numa sociedade baseada na relação de bens de consumo. Sob um sistema que mata, com requintes de crueldade, nações inteiras, de forma evidente, os (as) jovens são os mais afetados diretamente pelos efeitos mortais do capitalismo. Sobre este sistema afirma Sung (1989, p. 31).

Do ponto de vista da economia clássico-marxista, o empobrecimento e a miséria dos trabalhadores são irracionais econômica, embora inevitáveis no capitalismo. Para os neoclássicos, entretanto, não o é. Seu problema é a escolha econômica; é a melhor forma de alocar os recursos em vista de sua rentabilidade. A reposição, portanto, e a acumulação do

capital é a exigência desta racionalidade econômica. Quanto à vida humana, essa racionalidade econômica não se ocupa dela.

O que isto significa? Nossos valores são fundamentados pelo que podemos comprar ou adquirir por meio de transações comerciais. Nesta dinâmica de vida social cada vez mais são criadas e afirmadas relações humanas com base em artificialidades, gerando continuamente discriminação e exclusão. E a experiência cotidiana afirma que os jovens de uma forma geral são as principais vítimas deste mortal processo.

Para entendermos o processo mencionado, é necessário fazermos uma abordagem de cunho processual onde os elementos abordados nos possam ajudar a entender a realidade dos (as) jovens com mais profundidade. Lançaremos mão de uma reflexão com interesses antropológicos sobre os (as) jovens para depois entrarmos no cerne deste capítulo que é a questão dos provérbios sobre os (as) jovens, em vista de uma hermenêutica interpretativa sobre os mesmos.

### 3.1 Teoria antropológica e Religião e os (as) jovens, uma possibilidade de análise

Partimos de dois referenciais teóricos que darão os fundamentos básicos para nosso estudo, Geertz na sua obra “A Religião como Sistema Cultural” e Clarice Cohn, no seu livro “Antropologia da Criança”. Ambos autores são singularmente coerentes e precisos em suas respectivas abordagens, dando para a antropologia um ponto de apoio para uma pesquisa efetiva na área.

Constatamos que existem vastos e aprofundados trabalhos sobre a criança e a infância, porém são poucos os estudos sobre os (as) jovens ou juventude. Diante deste contexto, queremos abrir uma singela discussão, do ponto de vista antropológico, que seja o suporte para pesquisar sobre os (as) jovens.

Pensamos ser necessário este tipo de abordagem, pois, ele contribuirá para o enriquecimento da pesquisa e, como conseqüência, aprofundaremos a discussão no que compete aos (às) jovens, a exemplo dos grandes avanços de pesquisadores e pesquisadoras no campo da antropologia em relação às crianças e à infância.

Acreditamos que, apesar das opiniões contrárias, estas pesquisas ajudam na conquista dos direitos de cidadania e emancipação das crianças e na própria concepção da infância na atualidade, bem como, para os (as) jovens. Queremos

instaurar também uma discussão onde os direitos e deveres dos (as) jovens sejam abordados com a profundidade devidamente merecida.

### 3.1.1 As contribuições de Geertz

A sua obra, “A Religião como Sistema Cultural” nos ajuda a tentar uma aproximação antropológica dos (as) jovens. O autor faz uma abordagem a partir da religião. Portanto, nesta conjuntura, nossas aproximações contarão com o pressuposto que os (as) jovens estão dentro do chamado “Sistema Cultural” por este pensador.

Ao refletir antropológicamente sobre os (as) jovens, temos que reconhecê-los dentro da sociedade. Neste contexto, conhecer os sistemas culturais, é de fundamental importância para analisarmos como acontece a participação dos (as) jovens dentro destes sistemas. Vale lembrar aqui as afirmações de Geertz (1978, p. 65).

E, no entanto, uma meticulosidade maior em relação a proposições já bem estabelecidas, como a de que o culto dos ancestrais apóia a autoridade dos mais velhos, de que os ritos de iniciação são meios de estabelecer a identidade sexual e a posição de adulto, de que os grupos rituais refletem oposições políticas ou de que os mitos fornecem os quadros das instituições sociais e as racionalizações dos privilégios sociais, poderá finalmente convencer um grande número de pessoas, tanto dentro como fora da profissão, de que os antropólogos, como os teólogos, dedicaram-se firmemente a comprovar o indubitável.

Ao pensarmos os (as) jovens, dentro destes sistemas culturais, a partir da religião, temos como material antropológico um conjunto de sujeitos sociais de grande densidade. Dentro do que Geertz chama de “quadros das instituições sociais” podemos perceber que os (as) jovens, do ponto de vista da análise antropológica possível, trazem para a pesquisa um grande leque de valores para a discussão. Pois os (as) jovens como todo indivíduo são agentes de qualquer “sistema cultural”.

Sabemos que a maioria das vezes os (as) jovens não são lembrados com a devida autoridade que lhes compete, por motivos os mais variados possíveis, quase sempre de cunho cultural, tipo os dizeres: “jovens não gostam de trabalhar”, “são baderneiros” ou “os jovens são irresponsáveis”. Todas estas afirmações estão bem

enraizadas dentro das culturas, concretamente na sociedade brasileira, e elas estão formatando as relações sociais na atualidade.

Para podermos ter outro olhar e aprofundar uma análise sobre os (as) jovens, devemos abrir mão de certos “paradigmas” no sentido de conceitos pré-estabelecidos sobre os (as) jovens.

Os preconceitos não ajudam à pesquisa em seu desenvolvimento. Quando uma área de conhecimento é movida por conceitos pré-estabelecidos, seu próprio desenvolvimento acontece de maneira muito lenta e muitas vezes de forma equivocada. Deste modo, a postura do não pré-conceito com relação aos (as) jovens é fundamental.

Importante é, para nós, o argumento que Geertz levanta quando fez sua discussão sobre religião e sistemas culturais (1978, p. 90).

Para um antropólogo, a importância da religião está na capacidade de servir, tanto para um indivíduo como para um grupo, de um lado como fonte de concepções gerais, embora diferentes, do mundo, de si próprio e das relações entre elas – seu modelo *da* atitude [...] Os conceitos religiosos espalham-se para além de seus contextos especificamente metafísicos, no sentido de fornecer um arcabouço de idéias gerais em termos das quais pode ser dada uma forma significativa...

Em síntese, o que queremos destacar nestas palavras de Geertz é justamente a lucidez do discurso antropológico sobre religião quando ele afirma que para a antropologia o que é vital na religião é o serviço para a pessoa humana ou para a comunidade.

Ao pensarmos antropologicamente uma produção científico–acadêmica sobre os (as) jovens, necessariamente, devemos assumir esta mesma postura epistemológica. Não basta falarmos somente a título de erudição sobre os (as) jovens. Temos acima de tudo que discutir nas abordagens feitas, como propiciar iniciativas onde os (as) jovens sejam verdadeiramente sujeitos sociais, participando e interagindo em seus respectivos sistemas culturais sejam religiosos ou não. Os (as) jovens, nesta perspectiva, são uma excelente fonte de pesquisa não só para a antropologia, mas também para outras ciências afins. Quando, de forma acadêmico–científica, nos dedicamos a fazer uma abordagem sobre qualquer tema, faz-se necessário situá-lo. Nossa intenção aqui é instaurar uma reflexão sobre os (as) jovens, para que esta produção tenha bases sólidas.

### 3.1.2 As contribuições de Clarice Cohn

A pesquisadora e antropóloga Clarice Cohn dá exemplo dos recortes a serem feitos em uma pesquisa de cunho antropológico (2005, p. 8).

Portanto, se quisermos realmente responder àquelas questões, precisamos nos desvencilhar das imagens preconcebidas e abordar esse universo e essa realidade, tentando entender o que há neles, e não o que esperamos que nos ofereçam. Precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista. E é por isso que uma antropologia da criança é importante.

Ao pensarmos sobre uma compreensão maior do mundo dos (as) jovens, o exemplo de Clarice Cohn, é esclarecedor quando afirma sobre seu trabalho da antropologia da criança exige de nós uma compreensão da criança vista a partir do seu próprio mundo. Numa investigação antropológica sobre jovens faz-se necessário então falar com os (as) jovens, e não dos (as) jovens. Dentro desta indicação metodológica temos que abrir mão dos pré-conceitos culturais já mencionados acima quando estávamos refletindo sobre as contribuições de Geertz.

Ainda, segundo a antropóloga, não basta abrir mão “das imagens preconcebidas”, temos que conhecer melhor seus pontos de vista e estudar outros modos de viver em sociedade.

A partir desta indicação, ao pensarmos antropológicamente os (as) jovens, é de fundamental importância estudar as culturas que deram as bases para a formação de uma nova juventude no Mundo Ocidental. Estudar outras culturas, segundo Clarice Cohn ajuda entendermos o objeto de pesquisa de maneira mais clara (2005 p. 20).

Tomando a cultura desse modo, entendemos melhor seu funcionamento e também sua mudança. Isso porque a cultura não está nos artefatos que os conformam e lhes dão sentido. Assim, um texto, uma crença ou o valor da vida em família podem mudar, sem que isso signifique que a cultura mudou ou se corrompeu.

Só a modo de exemplo: na cultura judaico-bíblica não temos muitos dados sobre o jovem, como já verificamos. O menino quando alcança a idade de 12 a 13 anos passava por um ritual de iniciação chamado de *bar mitswah* onde ele já é

considerado responsável pelos seus próprios atos e é destinado ao casamento. Segundo Anne Catherine Avril (1987), o costume era muito antigo, ainda que o nome *Bar Mitswa* seja do século XV. O tratado *Soferim* 18,7, texto dos antigos rabinos, lembra das tradições dos antepassados quando os sábios abençoavam os garotos de 12 ou 13 anos. A menina, por sua vez, quando começa seus primeiros ciclos de menstruação é severamente vigiada e confinada ao recolhimento doméstica para ser encaminhada para o casamento. Entendemos, como ainda nas culturas antigas, as questões culturais são de extrema importância para entender a realidade a partir de qualquer análise.

Existe outro fator que desejamos lembrar para sugerir outros tipos de estudo e abordagem sobre a juventude que é a riqueza de ciências que hoje são aplicadas e que integram a interdisciplinaridade. Ao fazer sua abordagem sobre criança e infância, Clarice Cohn dá um bom exemplo sobre este tema (2005, p. 14).

A criança e a infância têm sido foco de análise de vários campos do conhecimento. Sendo assim, devemos nos perguntar sobre os possíveis diálogos das pesquisas antropológicas com essas diversas áreas. Há bons exemplos de trabalhos antropológicos que dialogam com a psicanálise, a psicologia – especialmente aquela voltada ao desenvolvimento infantil -, a pedagogia e as ciências da educação.

Cada vez mais, a pesquisa, em todo o mundo, está ciente que o exercício da interdisciplinaridade é um pré-suposto vital. No campo de qualquer área do conhecimento humano não são mais toleradas pesquisas desenvolvidas de forma isolada, não considerando assim as interações possíveis de serem feitas em outras áreas de conhecimento. Esta interdisciplinaridade está se consolidando, e cada vez mais se tornando característica essencial do pensamento denominado pós-moderno.

Dentro deste contexto, novamente lembramos da opinião de Clarice Cohn (2005, p. 49).

Na realidade, é como se as dificuldades fossem simetricamente opostas: se ao se transportar a outros mundos e culturas o antropólogo tem que reaprender tudo, do modo de se sentar à mesa ao valor definidor da humanidade, aquele que pesquisa em suas vizinhanças tem de evitar a ilusão de conhecimento prévio, do pré-conhecido. Para um, tudo é estranho e deve ser aprendido e apreendido de modo amplo pra começar a fazer sentido; para outro, tudo parece normal e conhecido, e ele deve ser capaz de rever e re-aprender o que lhe parece tão natural.

Em síntese, podemos dizer que nossa intenção de fazer uma abordagem antropológica acerca dos (das) jovens, a partir da cultura atual e considerando o fator interdisciplinaridade, é um valor científico que pode gerar a recuperação dos direitos dos jovens com um maior espaço na sociedade.

### 3.2 Os jovens hoje a partir dos provérbios populares

O conteúdo da consciência popular, na sua maior parte é o resultado de processos de opressão ou libertação que o povo sofreu. Devemos reconhecer que os mais poderosos sistemas de dominação criados e implantados até hoje são fundamentalmente ideológicos, por esta razão os que almejam o domínio procuram sempre moldurar a consciência das massas de acordo com seus próprios interesses.

Nesta perspectiva temos um grande impasse, pois a visão que as massas têm dos (as) jovens não é das melhores, tanto no passado como no presente. O peso da carga da cultura conservadora e o choque das novas idéias com a tradição são óbvios. Já nos diz Provérbios 20,29 “A beleza dos jovens é o seu vigor, e o enfeite dos velhos, suas cãs”.

Ciça Alves Pinto faz uma coletânea de provérbios populares brasileiros, ela é uma das tantas pessoas a dedicar-se a esta arte de colecionar provérbios, porém interessa para nós o seu olhar sobre a juventude. Colhemos, de sua seção sobre “mocidade” e “moço” (PINTO, 2000, p.111), vários provérbios para realizar depois uma análise.

Tomaremos a liberdade de fazer uma classificação desses provérbios para um melhor entendimento da crítica interpretativa que estamos propondo. A nosso ver uma classificação inicial necessária são os provérbios que retratam a relação entre os jovens e anciãos:

Se a juventude soubesse, se a velhice pudesse!  
A mocidade olha para a frente, a velhice para trás.  
A velhice sabe, a mocidade para quando chegar a idade.  
Mocidade ociosa faz velhice vergonhosa.  
Mocidade ociosa não faz velhice proveitosa.  
Mocidade ociosa, velhice penosa.  
Na mocidade se aprende, na velhice se compreende.  
Primavera e mocidade passam depressa.  
Guarda em moço, acharás em velho.  
O moço desprevenido, será velho arrependido.



O velho por não poder e o moço por não saber põem as coisas a perder.  
Para os moços são as festas e para os velhos as crestas.

É interessante perceber que há uma relação entre os jovens e os anciãos. Ao olharmos a dinâmica interna dos saberes que são descritos, neste conjunto de provérbios, os anciãos têm como autoridade a experiência de vida que lhes compete. Porém, por um lado, esta autoridade muitas vezes é submetida a sua juventude. Nesta perspectiva, existe uma correlação: os anciãos são condicionados aos reflexos de sua juventude. Por outro lado, o conflito implícito de gerações nos revela que os anciãos, como grupo, manipulam muitas vezes os saberes populares a partir de seus interesses.

Outra classificação que logo pode ser feita é com relação à questão de gênero. Trazemos aqui outros provérbios da obra: Costa (1999, p. 281-2).

:

A moça, como é criada, a estopa, como é fiada.  
Moça, vê bem o que fazes, e não te fies em rapazes.  
A boa moça e à má, põe-lhe almofada.  
A moça a aprazer e a velha a beber, gastam o seu haver.  
A moça a que não sabe bem o pão, perdido é o alho que lhe dão.  
A moça a quem sabe bem o pão, perdido é o alho que lhe dão.  
A moça como é criada, a estopa como é fiada.  
À moça da tua terra limpa-lhe a ramela e casa com ela.  
À moça e o menino, no verão hão frio.  
A moça em se enfeitar e a velha em beber, gastam todo o seu haver.  
A moça louçã se rende à barba cã.  
A moça má torna a ama brava.  
A moça no telhado, não anda a bom recado.  
A moça pariu, minha boca riu.  
A moça que seja boa e o moço que tenha ofício não lhe podes dar melhor benefício.

Quando os provérbios são destinados às jovens ou moças, encontramos outras questões envolvidas. O conflito de gerações permanece com grande força. Também se percebe um grande acento na questão de gênero voltado para a sexualidade. Enquanto para o jovem menino não temos orientações sobre a esta dimensão, ao contrário, para a jovem menina encontramos uma forte intenção de assegurar sua honra.

Na realidade são muitos os temas que os ditos populares abrangem, tão variados como as situações cotidianas. Deparemos em alguns outros exemplos do mesmo autor Costa (1999, p. 282).

O moço ataviado, mulher ao lado.  
 Ainda cheia aos cueiros em que nasceu.  
 Ainda tem muitas noites que dormir fora.  
 As moças bonitas deixam o amargo doce.  
 Deus nos livre de moça adivinha, mulher latina, de hora minguada e de gente que não tem nada.  
 Guarde-vos Deus de ira do Senhor, do alvoroço do povo, de moça adivinha e de mulher latina, de pessoa assinalada, da mulher três vezes casada, de homem porfioso, de lobos em caminho, de longa enfermidade, de físico experimentador e asno ornejador, do oficial novo e barbeiro velho, de amigo reconciliado e vento que entra por buraco, de honra minguada e de gente que não tem nada.  
 Mais vale o moço com pobreza, que o velho com riqueza.  
 Mais vale um rapaz sem nada do que um velho com dinheiro.  
 Menino e moço, antes manso que formoso.  
 Não há moço doente nem velho são.  
 O moço, dormindo sara e o velho, se acaba.  
 O moço por não saber e o velho por não poder, deitam as coisas a perder.  
 O morto apodrece e o moço cresce.  
 Para os moços são as festas e para os velhos, as crestas.  
 Se o moço soubesse e o velho pudesse, não havia coisa que não se fizesse.

Parece-nos interessante recolher outros provérbios e ditos que têm autores reconhecidos. Fogem ao gênero dos provérbios populares, que em geral são anônimos, porém conservam dados da sabedoria em geral. Nossa fonte continua sendo Costa (1999, p. 282).

Só há juventude nos que trabalham com entusiasmo para o futuro (José Ingenieros).  
 A juventude não é um tempo da vida, é um estado de espírito (Samuel Ullman).  
 As paixões da juventude são vícios na velhice (J. Joubert).  
 Ali, onde está o coração da juventude, está o espírito do futuro (Lamartine).  
 Aos vinte anos a moça pergunta: como é ele? Aos trinta: que é. Aos quarenta: onde está? (H. Thon).  
 A juventude deseja ser mais estimulada do que instruída (Johann W. Goethe).  
 Os jovens de uma nação são os depositários de seu futuro (Benjamim Disraeli).  
 A juventude é a primeira da beleza; Deus, que é sempre jovem, porque é sempre belo, quis, nos primeiros anos, dar-nos alguma coisa da fisionomia de sua eternidade (autor desconhecido).  
 A juventude é o paraíso da vida; a alegria é a juventude eterna do espírito (I. Nievo).  
 Não é difícil conservar a mocidade do espírito: basta sentir-se jovem (Pitigrilli).

Os provérbios recolhidos até agora, apesar de apresentar uma dinâmica de saberes diferenciados e diversificados, apresentam repetitivamente questões pertinentes como são as que trazem o conflito de gerações e questões de gênero.

Todos estes provérbios e ditos, a nosso entender, retratam qual é a imagem de jovens que temos gravada no consciente coletivo. Lembramos que já aceitamos a hipótese de que ditos e provérbios são a síntese do pensamento coletivo existente na sociedade.

Falar nesta dimensão requer atenção, pois nos remete a um campo muito complexo. A forma como organizamos nossas vidas está intimamente ligada com os conceitos e valores coletivos.

Seguindo então o desenvolvimento histórico, temos hoje contra os (as) jovens não somente os anciãos, como no passado bíblico. Atualmente, encontramos contra a juventude, o chamado “mercado publicitário”. Este mercado, que trabalha diretamente na formação de opinião das massas, pretende vender seus produtos (os dos seus financiadores) para que sejam consumidos.

Não interessa se os produtos são necessários para vida das pessoas ou se destroem o meio ambiente, o que importa é consumir. Os jovens e as jovens, nesta dinâmica, são um alvo fácil, por dois motivos: primeiro porque são ignorados (as) pela sociedade em geral, deixando-os assim vulneráveis e sem referencial. Segundo porque por questões de formação social e psicológica são levados por tendências. Como na atual conjuntura, as tendências são ditadas por um sistema de morte, que chamamos de capitalismo, os (as) jovens mais uma vez são usados (as) e explorados (as).

### 3.3 Conflito de gerações jovem e ancião

Os provérbios que citamos, em sua grande parte, revelam os dois conflitos que já foram reconhecidos: a questão de gênero e o conflito de gerações onde os anciãos, ou também como são tratados nos provérbios, os “velhos”, sempre estão em contraposição aos jovens ou também chamados os “novos”.

Se reconhecermos que a sabedoria popular é conservadora e muitas vezes pessimista: “O velho por não poder e o moço por não saber, põem as coisas a perder”, urge pensar um caminho onde verdadeiramente os (as) jovens sejam os

sujeitos de seus processos de vida. A juventude que ainda tem sua vida pela frente, mais do que ninguém, está submetida ao mercado publicitário. Portanto, é igualmente necessário que possamos romper com os mecanismos de opressão existentes. Para entendermos as raízes conflituosas onde se encontram os jovens, hoje, é vital pensarmos a partir do conflito de gerações.

Mannheim, autor que pensa a questão sociológica das gerações, defende a tese de que devemos reconhecer qual é a realidade histórica social onde acontece um conflito. No nosso caso, pretendemos entender o conflito de geração entre anciãos e jovens. Nesta perspectiva, o autor afirma:

A situação da geração está baseada na existência de um ritmo biológico na vida humana - os fatores de vida e morte, um período limitado de vida e o envelhecimento. Os indivíduos que pertencem à mesma geração, que nasceram no mesmo tempo, são dotados, nessa medida, de uma situação comum na dimensão histórica de processo social (MANNHEIM, sd, p. 71).

Pensar os (as) jovens a partir do conflito de gerações nos coloca em contato com os saberes implícitos que de certa forma, foram depositados nos provérbios bíblicos e também nos ditos atuais, alguns deles, já citados.

Queremos, sim, perceber que no decorrer da história houve manipulações onde os (as) jovens que foram progressivamente sendo excluídos, em benefício de outros, os anciãos ou os velhos.

Refletir sobre esta realidade a partir do conflito de gerações nos faz entrar na dinâmica central da nossa pesquisa. Desde este olhar, podemos identificar e entender as estruturas que estão envolvidas nos provérbios. Acreditamos ainda que o conflito é bom tanto para os (as) jovens como também para os anciãos. Neste sentido nos fala Sendo assim uma postura madura e coerente se faz necessário sobre esta questão. É bom deixarmos claro que é sim:

Os contatos originais assumem uma parte importante na vida da pessoa quando ela é forçada pelos acontecimentos a abandonar o seu grupo social e a entrar em um novo. Em todos os casos ocorre uma transformação bastante visível e impressionante na consciência do indivíduo em questão. Uma modificação no ajustamento mental e espiritual do ser humano. O contato original é um acontecimento na biografia individual (MANNHEIM, sd, p. 75).

Na opinião de Mannheim, os conflitos são até certo ponto saudáveis. Concordamos com esta tese. Entretanto, quando o mesmo conflito se repete e toma proporções históricas tamanhas, criando uma dinâmica social onde os grupos conflitantes passam para anulação de algum dos lados, as conseqüências são imprevisíveis e deve haver uma intervenção.

O conflito é um sinal visível de certa conjuntura. Quando os (as) jovens percebem que seus direitos de gerar novidade na vida de uma sociedade estão sendo negados, partem para o confronto. E quando os anciãos, cristalizam na história seus desejos muitas vezes impostos pela força, no caso dos provérbios se dá pela forma ideológica. Sobre a questão da dinâmica interna do conflito nos fala Foracchi (1972, p. 25):

Os conflitos de gerações nada mais seriam senão a luta de uma geração como os valores básicos que não sabe ou não quer preservar. O conflito se estabelece quando a crítica não é absorvida, quando as tradições mais ricas perecem na apatia, no conformismo, na negação de si. As barreiras de idade são irrelevantes nesse conflito que é de valores, de adesões prévias.

É importante entender que o conflito é na maioria das vezes a conseqüência da insatisfação de alguma parte. Em nosso caso, ambas as partes estão de certa forma insatisfeitas. Por um lado os jovens porque sentem a imposição dos anciãos. Por outro lado os anciãos por verem sua projeção de mundo transformada por paradigmas não projetados por eles. De fato, existe uma espécie de *status quo* defendido pelos anciãos onde qualquer força contrária a seus valores é repreendida veementemente. O mundo é projetado para os “adultos” sem espaço para mudanças ou questionamentos. Assim, os provérbios revelam um conceito de jovens sem compromisso, responsabilidade ou habilidade com as questões da vida diária, nos quais transparece bem esta problemática. “As paixões da juventude são vícios na velhice”. É muito interessante a opinião de Alaiz, para a atualidade, mas, que não está longe dos tempos bíblicos, sobre a imposição dos anciãos em relação aos jovens (1987, p. 58/59).

É a queixa que ouvimos dos avós contra os pais e dos pais contra os filhos. Não haverá uma secreta inveja atrás de tais queixas? O ressentimento contra o historicamente novo? O certo é que a malevolência dessa atitude oculta um certo regozijo com o fracasso dos mais novos. Quem afirma “bem que eu dizia”, está, na verdade, satisfeito de ver provada sua descrença. O velho olvida o jovem que ele foi um dia, e contrapõe a sua própria “grandeza na velhice” a uma suposta “mesquinhez da juventude”. [...] O

velho, no seu afã de glorificar o próprio passado, ignora os erros e excessos de sua passada juventude, e se torna intransigente e inquisitorial para os mais novos. Segundo Poincelot, “os velhos têm maior curiosidade pelos vícios que pelas virtudes dos jovens”.

Como afirmamos, estamos lidando com saberes já consolidados no imaginário coletivo, porém a evolução humana nos convida a ter um olhar mais profundo sobre a questão do conflito de gerações existentes. Sabemos que o crescimento humano na sociedade se deu de forma muitas vezes conflituosa, e no meio dela, no caso dos jovens não foi diferente. Como afirma Furter (1997, p. 14).

Não há dúvida de que H.H. Muchow está certo, quando considera relativa nossa preocupação com a juventude, fazendo em sua última obra duas citações: uma da Antiguidade romana, outra da Renascença, onde se recorda que os “jovens problemáticos e cépticos” têm aparecido numerosas vezes na História. O estudo por ele feito, sobre a evolução das jovens gerações alemãs durante dois séculos, tende, portanto, a fornecer àqueles que se arreceiam da “crise juvenil”, das “revoltas” e “rebeliões” dos jovens, uma imagem sugestiva que dramatiza o cotidiano, sem todavia facilitar a compreensão das dificuldades inerentes à condição juvenil.

O autor compreende e declara que as raízes do conflito de gerações entre anciãos e jovens tem sua origem de longas datas e isso nos confirma que não estamos tratando de uma questão isolada ou deslocada no tempo histórico. Nesta perspectiva, todos os provérbios, citados anteriormente, são excelentes amostras, de como o conflito entre os anciões e jovens perpassaram o tempo, seja no período da cultura antiga hebraica, seja nos nossos dias.

O conflito é percebível facilmente quando numa sociedade são afirmados provérbios ou ditos populares, onde os jovens são vistos de forma preconceituosa. O conteúdo que retiramos destes provérbios nos leva a entender que os mesmos são usados no decorrer do tempo para justificar a supremacia dos anciãos que desejosos de seu poder, subjagam os jovens como eternos ignorantes. “A velhice sabe, a mocidade para quando chegar a idade”. Sobre este realidade Singer alerta (2005, p. 27).

A juventude parece, pois, condenada à submissão ou ao desespero, Submissão não apenas aos pais avós, aos patrões e governantes, mas também ao mundo deles. Neste mundo, ensina-se nas escolas e nas igrejas (com raras e honrosas exceções) que é natural que os jovens obedeçam aos mais velhos, não só porque estes têm poder, mas porque têm experiência, sabedoria, ao passo que aqueles são impetuosos, impacientes, inexperientes e, coitados, muito ignorantes.

Outro aspecto que devemos abordar também para compreendermos melhor a questão do conflito de gerações em vista dos provérbios e ditos que são repetidos sobre os (as) jovens é questionar sobre nossa concepção de família. O tema família com todas as implicações e complicações que o assunto pode oferecer, é um tema muito estudado em diversos campos da pesquisa. Nesta nossa reflexão, pensamos ser válida uma pequena menção sobre a família visando um melhor aprofundamento da questão. Trazemos aqui a opinião de Sarti (2004, p. 116).

Como se trata de um fenômeno universal, observa-se ainda, nas análises sobre família, a tendência a “naturalizar” as relações familiares, com base na identificação da família com a unidade biológica de reprodução (pai, mãe e filhos). [...] Os eventos que ocorrem no âmbito familiar perdem o caráter relativo das relações sociais, organizadas segundo as regras da sociedade e do tempo em que acontecem.

Sarti (2004, p. 126) declara de forma apropriada sobre o nosso assunto e esclarece a nossa questão: jovem e família:

Essa projeção dos problemas familiares sobre os jovens da família remete à idealização do mundo familiar como um mundo integrado e à dificuldade de pensar que o conflito é inerente às relações familiares. Pelo lugar que ocupa socialmente, o jovem se afirma opondo-se, fazendo do conflito um instrumento tão necessário quanto imprescindível em seu processo de tornar-se sujeito, na família e no mundo social. Dessa maneira a família configura um cenário onde o conflito é intrínseco e, sendo assim, o trabalho com famílias pode se dar no sentido de pensar os limites do que é ou não negociável nas relações familiares, a partir da indagação sobre o que constitui conflito para a própria família, e não como uma definição externa e disciplinadora.

A família, de fato, torna-se um ambiente muito fértil para nossa reflexão, haja vista, que é dentro da mesma que é originada nossa percepção de mundo. Muitos dos ditos e provérbios da sabedoria popular encontrados no seio das famílias revelam uma intrínseca exclusão ou também relações de gênero e de gerações desiguais. “A moça a quem sabe bem o pão, perdido é o alho que lhe dão.” “A moça pariu, minha boca riu.” Estes dois provérbios retratam bem esta questão.

Realmente muitas das afirmações ingênuas que fazemos cotidianamente revelam como são delimitadas nossas relações, que são as que aprendemos na família. O pano de fundo está sempre ligado a uma disputa onde de um lado estão os velhos ou anciãos que estão de certa forma perdendo espaço para o novo. Os provérbios e ditos populares preconceituosos e exclusivistas revelam em si uma luta mais ampla que é travada em nosso cotidiano social e familiar. Uma luta de gerações, onde o velho e o novo, a concepção de mundo velho e de realidade nova se confrontam em direção a uma melhor constituição de nossa própria história.

Para chegarmos a uma visão onde verdadeiramente este conflito de gerações seja vencido temos que criar novos saberes, ditos e provérbios onde uma dinâmica interna seja pautada pelo respeito entre as partes. Sobre isto Rampazzo garante (1996, p. 20).

Nesse diálogo, não se trata simplesmente de transmitir conhecimentos concretos, nem de moldar os jovens como se molda a argila, mas sim de respeitar sua originalidade e sua personalidade, que não pode ser uma simples repetição da personalidade dos pais. Para tanto, é preciso fazer que as novas gerações desenvolvam autenticamente o seu ser, sem imposições por parte dos educadores. Esse é o sentido do diálogo.

Pensamos que ainda podemos afirmar que o conflito de gerações é um fato. No nosso cotidiano todos nós conhecemos momentos de conflitos por diversos motivos. O importante é criar uma postura onde o conflito não seja sinal de anulação de uma ou outra parte. Acreditamos que quando o antigo e o novo acabam sendo reconhecidos nos seus valores coexistem em favor da vida!

### 3.4 Pistas para uma nova leitura sobre os (as) jovens de ontem e de hoje

Para elaborar uma nova leitura sobre os (as) jovens hoje, temos que também re-elaborar ou recriar uma leitura alternativa dos textos do tempo bíblico. Ao contrário da maioria dos grandes pesquisadores e exegetas, Roland de Vaux (2003, p. 53) nos apresenta, como já indicamos, uma tese interessante sobre os (as) jovens.



Em épocas antigas as jovens não ficavam enclausuradas e saíram sem véu. Elas apascentavam os rebanhos, Gn 26.6, iam buscar água, Gn 24.13; 1 Sm 9.11, também apanhavam as espigas deixadas pelos segadores, Rt 2.2s, faziam visitas, Gn 34.1. Podiam sem dificuldade falar com os homens, Gn 24.15-21;29.11-12; 1 Sm 9.9.11-13.

De acordo com esta opinião, num período que os historiadores denominam de Antigo Israel havia, sim, respeito e consideração para com esta parcela da sociedade tribal israelita. Todos e todas eram importantes para a sobrevivência do clã, os jovens pelo seu vigor físico eram vitais para continuidade da vida em sua integralidade, eles e elas no campo, no pastoreio. Nesta perspectiva os (as) jovens eram muito respeitados (as).

Formular uma nova hermenêutica baseada em pareceres como este, coloca os jovens que não foram considerados em algum tempo bíblico, em outro tempo anterior quando seus valores foram respeitados. Autores e pesquisas que conseguem fazer esta análise são raros. Contudo, a procura de visões semelhantes continua sendo um grande desafio para nós.

Contudo encontramos autores que nos ajudam a entender o verdadeiro papel dos (as) jovens em nossa sociedade brasileira. Nesta perspectiva, Dick afirma (1983, p.10/11).

Grande desejo dos jovens em participar da vida da sociedade em todos os níveis e nos mais variados campos. Percebe-se que cresce a participação nas comunidades, no movimento popular, no movimento operário e no partido político. O jovem participa mais quando sente que é seu o canal de participação e quando sabe que não é manipulado. O objetivo de realizar articulações de trabalhos e experiências em todos os níveis, ao mesmo tempo em que se dá o fortalecimento das articulações, está cada vez mais presente.

Contrária a esta citação, a grande maioria dos autores segue uma espécie de linha oficial de interpretação que não dá o devido valor ao nosso objeto de estudo. Esta tradição oficial vem no decorrer da história da interpretação bíblica com muita força justificando uma interpretação que não respeita e valoriza os (as) jovens como eles realmente deveriam ser considerados.

Hoje a história não é diferente, como podemos perceber nas citações sobre os ditos e provérbios com relação aos (as) jovens. Na sua grande maioria são depreciativos e tratam estes rapazes e moças sem respeito, seres inferiores, desconsiderando assim sua dignidade e sua possível e ativa representação em

nossa sociedade atual. Por esta razão, consideramos que é necessário fazer um trabalho em nível de conscientização para que possamos melhorar de forma substancial nosso conceito sobre os (as) jovens.

Referir-se aos jovens devolvendo a eles o respeito que no passado bíblico tinham, se faz imprescindível. Não conseguiremos respeitar os (as) jovens de forma concreta se não mudarmos nosso conceito sobre eles no interior de nossas mentes coletivas. Desenvolver processos de conscientização de massas e dinâmicas públicas e políticas onde realmente seja garantida a dignidade em toda sua amplitude desta importante parcela de nossa sociedade é tarefa de todos e todas nós, hoje. Nesta mesma linha nos afirma Dick (1982, p. 38).

Os jovens estão se tornando também mais conscientes de sua responsabilidade social e mais críticos. [...] Somente uma Juventude unida será uma Juventude forte, para que se torne verdade o que diz Puebla: “A Igreja vê na Juventude uma enorme força renovadora” (DP 1178). A dispersão destrói isso.

Temos toda clareza que se conseguirmos fazer este processo libertador com certeza construiremos uma sociedade mais justa e plena, pois os (as) jovens hoje são a maioria em nossa sociedade.

Esta mudança de postura coletiva não beneficiaria somente os (as) jovens do presente, mas também os anciãos do futuro, pois há tempos, afirma a sabedoria popular que: “Juventude sadia é sinal de velhice feliz”.

Assim diz o Senhor dos exércitos:

Anciãos e anciãs ainda se sentarão nas praças de Jerusalém.

Cada um com o seu bastão na mão por causa da idade avançada.

E as praças das cidades encher-se-ão de rapazes e moças que brinquem nas ruas.

Assim diz o Senhor dos exércitos:

Eles serão o meu povo em fidelidade e justiça! (Zc 8,4-5.7).

## CONCLUSÃO

Nesta dissertação de Mestrado conclui-se o valor inestimável de uma compreensão saudável e lúcida sobre os provérbios na Bíblia e hoje. Não no sentido de encerrar a reflexão e de tê-la esgotado, mas no sentido da descoberta.

Assim, a reflexão aqui apresentada abre novos horizontes, provoca novas atitudes e, sobretudo, compromete quem realmente pensa em libertar os (as) jovens das amarras históricas que lhes foram impostas. Pensando assim, algumas considerações devem ser pontuadas para acentuar o que foi essencial nesta pesquisa.

O objetivo era fazer uma investigação sobre as palavras nos textos da Bíblia Hebraica que deram significado às pessoas que hoje são chamadas de jovens, verificando se havia conflitos entre jovens e anciãos, em vista nos dias de hoje, no que diz respeito aos provérbios sobre o (a) jovem.

Dentro do nosso objetivo, fizemos questão de deixar claro por um lado, que na cultura antiga não havia o conceito de jovem que temos hoje. Por outro lado, isto não impossibilitou que fizéssemos esta discussão. Um conflito entre anciãos e jovens, ficou evidente a nosso ver na cultura bíblica. Conseguimos então fazer uma abordagem do “não dito”. Nesta perspectiva, os provérbios e ditos que abordamos no decorrer de nosso trabalho, foram de fundamental importância, pois nos revelaram muito claramente esse “não dito”.

Do ponto de vista metodológico, para nós foi de extrema importância considerar que biologicamente as pessoas daquela época, reconheciam que passavam por um período que chamamos de “jovens”. Assim sendo, para chegar ao nosso objetivo trilhamos os seguintes passos:

a) Fizemos uma investigação a partir das palavras e dos variados significados e conceitos existentes sobre os (as) jovens encontrados na literatura hebraica. A reflexão sobre estas palavras, de forma crítica, foi muito significativa para a realização deste trabalho.

b) Analisamos como eram as relações entre jovens e anciãos tendo em vista as implicações na sociedade bíblica em seu respectivo contexto. A investigação e depois a constatação das mudanças ocorridas nas palavras com o passar da história também foram muito importantes.

c) Realizamos em último lugar, uma abordagem crítica sobre os provérbios que falam sobre o (a) jovem, o que foi extremamente enriquecedora para esta pesquisa. A hipótese era a seguinte: O jovem não é valorizado na maioria dos textos bíblicos, pois os anciãos, enquanto grupo social, tinham peso definidor na cultura bíblica hebraica. O exemplo disto é: “A beleza dos jovens é o seu vigor, e o enfeite dos velhos, suas cãs.” (Pr 20,29). Neste versículo, concluímos que é revelado de forma clara como eram dimensionadas as relações sociais entre jovens e anciãos. Outro exemplo que nos ajudou muito foi “Nobre coroa são as cãs, ela se encontra no caminho da justiça” (Pr 16,31). Dentro desta definição, podemos deduzir que os jovens eram reconhecidos pelo seu vigor físico e não pela sua representatividade social. Para os jovens da época isto não era nada favorável. Também hoje os (as) jovens não são valorizados nem respeitados.

No desenvolvimento deste trabalho concluímos também que os provérbios, ditos e contos populares não ficam somente na palavra ou na música. Os provérbios e ditos, tanto na Bíblia como em nossa realidade hoje, formam conceitos e condutas de relacionamento. O nosso imaginário coletivo justifica ações, sendo assim, pode nos ajudar repensar um novo conceito sobre jovem para construir relações humanas mais justas.

Em resumo: Em nosso primeiro capítulo nos concentramos em fazer uma investigação fazendo um levantamento das palavras que na língua original hebraica davam sentido e conceito ao nosso objeto em questão, os (as) jovens. Foi uma tarefa árdua, porém gratificante. Deparamo-nos com uma variedade muito grande de palavras com sentidos e significados muitas vezes até opostos um do outro. Um exemplo claro sobre esta questão são os termos *bāhûr* e *tsā'ar*. O primeiro, *bāhûr*, conceitua a pessoa como jovem de forma direta, caracterizando o jovem em seu puro modo de ser apesar de ouvirmos na bíblia pouco sobre o brincar dos jovens (Gn 21,9). Porém Zc 8,5 afirma que é um sinal do tempo da salvação, rapazes e meninas brincar nas praças de Jerusalém. Já o segundo, *tsā'ar*, nos diz que a pessoa que se encontra nesta fase da vida não passa de um ser insignificante ou coisa que não mereça consideração, inclusive social.

Na dimensão social, concluímos a partir do primeiro capítulo que na essência, os próprios termos que dão significado aos jovens, são carregados de conflitos e interesses sociais e políticos. Estes interesses davam sentido às palavras e muitas vezes moldavam as pessoas, gerando assim um poderoso esquema de exclusão.

Dizer que uma pessoa em pleno vigor de sua juventude é coisa insignificante é condicionar este mesmo indivíduo ao fracasso. As pessoas que tinham maior poder social, na época em que estes termos eram usados, sem exceção eram pessoas anciãs.

Denominar as pessoas que representam perigo com palavras pejorativas sempre foi um excelente mecanismo de opressão. A ação humana de proferir palavras, muitas vezes foi instrumento vital para libertar. Nesta situação concreta foram usados para oprimir pessoas, os (as) jovens. Assim sendo, no primeiro capítulo concluímos que as palavras que davam conceito aos jovens eram carregadas de sentidos, na maioria das vezes pejorativos. Os prejuízos para vida humana e o convívio social eram avassaladores e os (as) jovens deixavam de contribuir com suas comunidades por estarem mergulhados (as) num sistema de escravidão onde seus valores não contavam como potencialidades para a sociedade da época.

No segundo capítulo nos dedicamos em investigar, do ponto de vista do desenvolvimento da história da cultura hebraica, como eram vistos os (as) jovens. Concluímos que até determinado momento da história de Israel, ou seja, antes da Monarquia os (as) jovens eram tratados com respeito e dignidade, contribuía com a vida de seus clãs e eram fundamentais para a saúde social. Com o desenvolvimento da história e de sistemas sociais hierárquicos cada vez mais complexos, os jovens que antes eram respeitados em suas potencialidades, passaram a ser explorados e excluídos (as). O marco principal desta mudança na configuração social, foi por volta do ano 1000 a.C. com a implantação da Monarquia. Sabemos que não foram somente os (as) jovens que perderam com esta mudança, mulheres e crianças também foram prejudicadas, passaram a ser considerados (as) como classe inferior. Do ponto de vista cultural, esta inversão de valores foi também muito prejudicial, já que antes da Monarquia os costumes eram absorvidos e aprendidos para garantir o bem estar da maior parte da sociedade. A partir desse momento prevaleceu somente a vontade dos homens considerados anciãos.

No terceiro e último capítulo, tentamos fazer um paralelo entre os provérbios sobre jovens da Bíblia Hebraica e os existentes hoje. Entendemos, após o levantamento feito, que os provérbios ainda hoje, como na época dos provérbios bíblicos, não respeitam os (as) jovens como eles deveriam ser considerados em seus direitos e deveres.

Os ditos e provérbios que professamos hoje, são fruto de uma evolução histórica que vem impondo aos jovens uma carga negativa de grande força. Como aconteceu no passado bíblico com a Monarquia, o mundo atual está perdendo valores, por não deixar que as potencialidades dos (as) jovens sejam codificadas para o bem de nossa sociedade. Concluimos ainda, que pelo fato de ser muito forte e explícito o conflito entre as gerações, os jovens continuam muito desvalorizados. O mundo é feito e pensado a partir do mundo “adulto” e tem por sua vez as regras impostas pelos mais velhos. Uma luta constante é travada entre os jovens e os anciãos. Ao fazermos uma análise de conjuntura o grupo vencedor vem sendo sempre os anciãos por contarem com um desenvolvimento histórico social que não aprendeu a dar valor ao jovem. Os (as) jovens, por sua vez, não encontrando espaço social são muito seduzidos (as) pelo mundo das drogas e do crime, morrendo precocemente, deixando assim um triste rastro em nossa sociedade atual.

Finalizamos, portanto, com o profundo desejo e com a certeza da urgência de elaborar e recriar conceitos, ditos e provérbios que valorizem os (as) jovens, para ajudar a uma mudança de mentalidade, construindo assim uma sociedade cada dia mais igualitária e solidária.

Concluimos, portanto, que os provérbios foram usados para justificar este novo sistema onde uns poucos dominavam sobre a maioria. O movimento chamado sapiencial foi muito influenciado pelos anciãos, sobretudo no que diz respeito ao conteúdo da Escola Deuteronomista.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Pat. *Enciclopédia ilustrada da Bíblia*. Tradução de Edwino A. Royer. São Paulo: Paulinas, 1987.

ALMEIDA, João Ferreira de. *Chave bíblica*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.

AVRIL, Anne C. *As festas judaicas*. São Paulo: Paulus, 1987.

AZEVEDO, Walmor de. O homem e a existência na literatura sapiencial. *Estudos bíblicos*. Petrópolis: Vozes: Vol. 48: 1996. p. 19-24.

BALLARINI, Teodorico. *Introdução à Bíblia com antologia exegética*, Petrópolis: Vozes, 1970.

BENTZEN, Aage. *Introdução ao Antigo Testamento*. vol.2, São Paulo: ASTE, 1968.

*Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2000.

*Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1967.

*Bíblia Sagrada*. Petrópolis: Vozes, 1982.

*Bíblia Sagrada*. São Paulo: Paulinas, 1975.

*Bíblia Sagrada, Edição Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1990.

*Bíblia Sagrada*. (A). traduzida em português por João Ferreira de Almeida, revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

*Bíblia Tradução Ecumênica*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 1995.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BORAN, J. e DICK, Hilário. *Pastoral da juventude no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1983.

BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Tradução Frederico Stein. Petrópolis: Vozes, 1971.

BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1980.

BRUEGGEMANN, Walter e WOLFF, Hans Walter. *O dinamismo das tradições do Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

BULALLÉS DIEZ, Mercedes. Anotações curso bíblico Goiânia: CAJU, 2008.

\_\_\_\_\_. *Sirácida ou Eclesiástico*. Petrópolis: Vozes, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sociedades do Antigo Oriente próximo*. São Paulo: Ática, 1968.

\_\_\_\_\_. *Antiguidade oriental, política e religião*. São Paulo: Contexto, 1990.

CASCANTE, Fernando A. *Provérbios: um manual pedagógico para nós hoje?* São Leopoldo: Contexto, 1996.

CASTEL, François. *Historia de Israel y de Judá, desde los orígenes hasta el siglo II*. Estella: Verbo Divino, 1998.

CAZELLES, Henri. *História política de Israel*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986.

CELAM. *Civilização do amor: tarefa e esperança – Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1997.

CERESKO, Anthony R. *A Sabedoria no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2004.

CLEMENTS R. E. *O mundo do Antigo Israel – Perspectivas sociais*. São Paulo: Paulus, 1995.

COMBLIN, José. O Caminho da Sabedoria. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes: Vol. 37: 1993. p. 9-17.

CONFÉRENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Sabedoria e poesia do povo de Deus*. São Paulo: Loyola, 1993.

COPPE, Leonard J. *tsã'îr*. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr; GLEASON L; WALTKE, Bruce K. (Orgs). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1298-9.

COPPE, Leonard J. *qâtôn*. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr; GLEASON L; WALTKE, Bruce K. (Orgs). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1335-9.

CORDEIRO, Ana Luísa A. Asherah, a Deusa proibida. In: RICHTER REIMER (org.) *Imaginários da divindade*. São Leopoldo: Oikos, 2008.



COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COSTA, José Ricardo Marques da. *O livro dos provérbios portugueses*. Lisboa: Presença, 1999.

CRB. *A Formação do Povo de Deus*. São Paulo: CRB/Loyola, 1990 (Tua Palavra é Vida).

\_\_\_\_\_. *Sabedoria e Poesia do Povo de Deus*. São Paulo: Loyola, 1993.

CROATTO, José Severino. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. 3, Petrópolis: Vozes, 2002.

CRUSEMANN, Frank. *A Tora Teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Tradução de Haroldo Reimer. Petrópolis: Vozes, 2002.

DIETRICH, Luis José. *O grito de Jó*. São Paulo: Paulinas, 1996.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. vol.1 e 2. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1997.

DREHER, Carlos A. *A constituição dos exércitos no reino de Israel*. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Cebi, 2002.

DREHER, Carlos A. Escravos no Antigo Testamento. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes: Vol. 18: 1988. p. 9-26.

EPSZTEIN, Leon. *A justiça social no Antigo Oriente Médio e o Povo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1990.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAM, Neil Asher. *A bíblia não tinha razão*. Tradução Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa, 2005.

FISHER, Milton C. *Na´ar*. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr; GLEASON L; WALTKE, Bruce K. (Orgs). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 977-8.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 1999.

FORACCHI, Mariaalice Mencarini. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

GALLAZZI, Sandro e GALLAZZI, Ana M, R., "Templo X mulher", em *Estudos bíblicos*, n.29, Petrópolis: Ed. Vozes, 1991, p.64-78.

GALBATI, E. Rodolfo e ALETTI, Aldo. *Atlas histórico da Bíblia e do Antigo Oriente – da pré-história à queda de Jerusalém no ano 70 d.C*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.

GARMUS, Ludovico. Sabedoria no contexto da globalização. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. LIX: 2009. p. 143-161.

GARMUS, Ludovico. Educação dos filhos nos Livros Sapienciais. *Estudos bíblicos*. Petrópolis: Vozes: Vol. 85: 2005. p. 30-43.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIBERT, Pierre. *A Bíblia na origem da história*. São Paulo: Paulinas, 1986.

GILCHRIST, Paul R. *Wâlâd*. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr; GLEASON L; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 618-22.

GONZALEZ ECHEGARAY, Joaquín. *O crescente fértil e a Bíblia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

GOTTWALD, Norman. *As tribos de lahweh – Uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a C.* São Paulo: Paulinas, 1986.

\_\_\_\_\_. *Introdução sócio-literária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.

HERRMANN, Siegfried. *Israel e Judá – Textos do Antigo Oriente Médio*. São Paulo: Paulinas, 1985.

KAUFMANN, Yehezkel. *A religião de Israel*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

KIRST, Nelson, KILPP, Nelson, SCHWANTES, Milton, RAYMANN, Acir ZIMMER, Rudi. *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. Petrópolis: Vozes, 1986.

KIPPENBERG, Hans. *Religião e formação de classes na antiga Judéia*. São Paulo: Paulinas, 1988.

LAFFEY, Alice. *Introdução ao Antigo Testamento – Perspectivas feministas*. São Paulo: Paulus, 1994.

LEVEQUE, Jean. *Jó. O oivro e mensagem*. São Paulo: Paulus, 1987.

LENHARDT, P. *A Torah oral dos fariseus*. São Paulo: Paulus, 1997.

LOHFINK, Norbert. “Balanço após a catástrofe – A obra histórica deuteronomística” em *Palavra e Mensagem – Introdução teológica e crítica aos problemas do Antigo Testamento*. Josef Schreiner (editor). São Paulo: Paulinas, 1978.

LOHSE, Eduard. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.

LOPEZ, Félix G. *O Deuterônomo uma lei pregada*. São Paulo: Paulinas, 1992. (Cadernos Bíblicos).

MACRAE, Allan A. *élem.* In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr; GLEASON L; WALTKE, Bruce K. (Orgs). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1125-6.

MANNHEIM, Karl. *O problema sociológico das gerações*. In. Sociologia. Org: Marialice Mercarini Foracchi. São Paulo: Ática, sd.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983.

MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa - Uma explicação da Bíblia a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 3ª edição, 1986.

\_\_\_\_\_ *Rute*. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_ *O profeta Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MORLA ASENSIO, Victor. *Livros sapienciais e outros escritos*. São Paulo: Ave Maria, 2005.

NAKANOSE, Shigeyuki. *Uma história para contar... A Páscoa de Josias*. São Paulo: Paulinas, 2000.

NAKANOSE, Shigeyuki. *O livro de Oséias reconstruir a casa*. Como Ler. São Paulo: Paulus, 1995.

NOTH, Martin. *Estudios sobre el Antiguo Testamento* Salamanca: Ediciones Sígueme, 1985.

OSWAALT, John N. *Bahar*. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr; GLEASON L; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 167-8.

PELLETIER, Anne-Marie. *Mães e filhos no Antigo Testamento*. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes: Vol. 54: 1997. p. 24-33.

PEGORINI, Nilson I. *Proposta de roteiro para estudo do livro de Jó*. A palavra na vida 103. São Leopoldo: Contexto, 1996.

PEREIRA, Ney Brasil. *Livro da Sabedoria*. Petrópolis: Vozes, 1999.

PINSKY, Jaime (editor). *Modos de produção na antiguidade*. São Paulo: Global, 3ª edição, 1984.

PINTO, Ciça Alves. *Livro dos provérbios, ditados, ditos populares e anexins*. São Paulo: Senac, 2000.

PIXLEY, Jorge. *A História de Israel a partir dos pobres*. Tradução Ramiro Mincato. Petrópolis: Vozes, 1995.

RAMPAZZO, Suely. *Família e Educação*. Aparecida: Santuário, 1996.

RENDTORFF, Rolf. *A formação do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1983.

RIZZANTE, Ana M. G. “Celebração da conquista da terra” *Estudos Bíblicos*, n.29, Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

SÁNCHEZ CARO J. M. e TREBOLE Julio B. *A Bíblia e seu contexto*. vol.1, São Paulo: Ed. Ave Maria, 1994.

SCHLESINGER, Hugo. *Geografia universal das religiões*. São Paulo: Paulinas, 1987. a.

\_\_\_\_\_. *Pequeno vocabulário do Judaísmo*. São Paulo: Paulinas, 1987. b.

SCHWANTES, Milton. *As Monarquias no Antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel – Local e origens*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

SCHWANTES, Milton. “Caminhos da teologia bíblica” *Estudos Bíblicos*, n.2, Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. “A origem social dos textos” *Estudos Bíblicos* n.16, Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. *História de Israel, Mosaicos da Bíblia*. n.7, São Paulo: Paulus, 1992.

\_\_\_\_\_. *Amor e paixão. O Cântico dos Cânticos. Estudos bíblicos*. Petrópolis: Vozes: Vol. 40: 1893. p. 30-38.

SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg. *Introdução ao Antigo Testamento*. vol.1 e 2, São Paulo: Ed. Paulinas, 1977.

SILVA, Valmor da. “Os marginalizados constroem a história” *Estudos Bíblicos*, n.12, Petrópolis, Vozes, 1988.

SICRE, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1995.

SLOAN, W.H. *Concordância completa de la Santa Bíblia*. Barcelona: CLIE, 1996.

SIMAN - YOFRE, Horácio. *Metodologia do Antigo Testamento*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Loyola, 2000.

STORNILOLO, Ivo. *O Livro de Jó. O desafio da verdadeira religião. Como Ler*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SUNG, Jung Mo. *A idolatria do capital e a morte dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1989.

THIEL, Winfried. "A sociedade de Israel na época pré-estatal" *Estudos Bíblicos* vol.6, São Leopoldo: Editora Sinodal, 1999.

VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução Daniel de Oliveira. São Paulo: Paulus; Teológica, 2003.

VILCHEZ, L. José. *Eclesiastes ou Qohelet*. São Paulo: Paulus, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sabiduría y Sabio en Israel*. Estella: Verbo Divino, 1995.

VVAA. *As raízes da Sabedoria*. Tradução Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1983.

VV.AA. *A pastoral da juventude e meio social*. São Paulo: Paulinas, 1982.

VV.AA. *Juventude e Sociedade. Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

VV.AA. *Livros sapienciais e novelas bíblicas. Roteiros para Reflexão VI*. São Leopoldo: Contexto, 1998.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

WHITE, William. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1998.

WESTERMANN, Claus. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1987.

WINTERS, Alicia. "A mulher no Israel pré-monárquico" *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. n.15, Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Editora Sinodal, 1993.

\_\_\_\_\_. "Uma vasilha de azeite – mulher, dívidas e comunidade (2Rs 4,1-7)", *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n.14, Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Editora Sinodal, 1993.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. Tradução Antônio Steffen. São Paulo: Loyola, 1983.

\_\_\_\_\_. *Bíblia Antigo Testamento* – Introdução aos escritos e aos métodos de estudo. São Paulo: Paulinas.